



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS –  
PPGEL**

**LUCAS KASSOMA BINGA**

**APAGAMENTO E SUBSTITUIÇÃO DE PREPOSIÇÕES NA REGÊNCIA  
VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO NA CAPITAL LUANDA-ANGOLA**

Feira de Santana  
2025

**LUCAS KASSOMA BINGA**

**APAGAMENTO E SUBSTITUIÇÃO DE PREPOSIÇÕES NA REGÊNCIA  
VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO NA CAPITAL LUANDA-ANGOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo

Feira de Santana  
2025

# DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

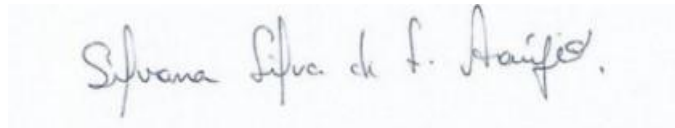
LUCAS KASSOMA BINGA

## APAGAMENTO E SUBSTITUIÇÃO DE PREPOSIÇÕES NA REGÊNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO NA CAPITAL LUANDA-ANGOLA

### BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo  
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS  
Orientadora



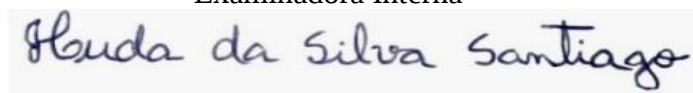
---

Profa. Dra. Gilce de Souza Almeida  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Examinadora Externa



---

Profa. Dra. Huda da Silva Santiago  
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS  
Examinadora Interna



**Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteador**

Binga, Lucas Kassoma

B498a Apagamento e substituição de preposições na regência verbal do português falado na capital Luanda-Angola./ Lucas Kassoma Binga, 2025.

169f.: il.

Orientadora: Silvana Silva de Farias Araújo

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2022.

1.Portugês de Angola. 2.Regência verbal. 3.Preposições. I.Araújo, Silvana Silva de Farias, orient. II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 806.90

## AGRADECIMENTOS

Nada no mundo acontece por acaso; tudo é propósito de Deus. Por isso, agradeço primeiramente a Ele pela saúde, pelo dom da vida, por cuidar de mim e permitir que eu chegasse ao ápice do meu mestrado. Ebenézer! Até aqui, o Senhor me ajudou. Essa formação fortalece minha verdade de que viver é, acima de tudo, uma questão de fé.

Agradeço à minha família, especialmente à senhora Ester Naviluco, mãe, a quem dedico este título de mestre como reconhecimento por tudo o que ela fez, faz e continuará fazendo por mim. Tenho certeza de que ela foi minha maior motivação para alcançar essa conquista.

Especialmente, agradeço também ao meu primo-irmão, Milton Sílvio Damião Binga, que impulsionou bastante para eu vir ao Brasil fazer o mestrado e por me ter enviado o edital do Programa de Mobilidade Internacional (GCUB), que serviu de ponte para eu estar aqui hoje.

Agradeço também aos meus irmãos, que sempre me apoiaram e intercederam por mim em todos os momentos. À Balbina Jamba, minha irmã e segunda mãe, e às minhas irmãs Justina Binga e Cristina Binga, assim como ao meu irmão Domingos Lucas Ukuanhina.

Os meus agradecimentos vão também para senhora Antanagilda de Fátima Pinto Calima, minha eterna chefe do Departamento de Comunicação Institucional e Imprensa do Gabinete Provincial da Educação do Bengo, que muito me apoiou moral e financeiramente nesses dois anos de formação, sem esquecer também o meu ilustre amigo e chefe Milício Sebastião.

Agradeço, também, ao Mestre Clemêncio Queta, meu orientador da licenciatura, que, em 2018, me ajudou a construir o tema da pesquisa que estou desenvolvendo atualmente. De Angola, não posso também esquecer de agradecer à Luzia Claudino Sebastião Cassoma, que, mesmo estando distante, sempre me deu o apoio moral e resolveu todos os meus problemas administrativos e financeiros de Angola.

No Brasil, agradeço primeiramente ao Programa de Estudos Linguísticos, que me apoiou diretamente de Angola, permitindo que eu realizasse um sonho que seria quase impossível se estivesse em minha terra. Sou grato por toda a hospitalidade oferecida desde o primeiro dia, quando fui recebido pela secretária Erione, que gentilmente me acolheu e me deu todas as orientações administrativas para regularizar minha matrícula na universidade.

Uma pessoa que levarei para a vida toda é minha ilustre e querida orientadora, professora Silvana Araújo. Muito obrigado, doutora, por todo o conhecimento que me transmitiu nesses dois anos de formação. Quando cheguei às suas mãos, eu era apenas um aluno sem rumo na pesquisa sociolinguística, mas a senhora me guiou, corrigiu-me, reuniu-se comigo inúmeras vezes e me orientou de formar a lapidar minha pesquisa, que também considero sua. A senhora foi mais do que uma professora; foi uma mãe que ganhei no Brasil.

Agradeço também às professoras Norma Almeida, Huda Santiago, Mariana Fagundes, Josane Moreira e ao professor Patrício Barreiro, bem como aos demais docentes do programa, que contribuíram significativamente para minha formação.

Os meus agradecimentos também vão à Área de Relações Internacionais da Universidade, na pessoa das senhoras Fran Albano, Eneida de Oliveira, Sirlene Bispo e demais técnicos que sempre nos deram suporte dentro e fora da universidade.

Agradeço especialmente à Sandi Ísis Santana dos Santos, por todo acolhimento, aconchego, carinho, apoio e amor que me proporcionou no final da minha dissertação.

Um agradecimento especial para a minha tropa africana, especialmente ao Bento Mutoba, Isaías Mate, Amosse Gelo e Arcedes Manuel, pelo companheirismo, risadas, passeios e outros momentos bons que a vida nos proporcionou. Agradeço também à Acácia Angolar, uma angolana que muito me apoiou em meio à escrita da dissertação.

Por fim, agradeço aos meus colegas Jan Santana e Matheus Araújo, por me ajudarem muito nos momentos em que muito precisei.

Todos que foram citados nesta dissertação ocupam um lugar especial na minha vida, sintam-se honrados!

Deus é Deus e para sempre Deus.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo principal investigar os fatores linguísticos e socioculturais que influenciam o apagamento e a substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda, identificando as preposições mais frequentes em verbos de movimento e transitivos indiretos. Para isso, recorreu-se à Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (2008 [1972]), para compreender os aspectos linguísticos e sociais que interferem nesses fenômenos, tendo sido analisadas 52 entrevistas com participantes que têm o português como língua materna (L1) ou como segunda língua (L2). Desses, 26 são do sexo masculino e 26 do sexo feminino, distribuídos em faixas etárias, níveis de escolaridade e língua materna. As entrevistas pertencem a um projeto de pesquisa com dados coletados em Angola, denominado “Em Busca das Raízes do Português Brasileiro”, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os resultados apontam o apagamento e a substituição das preposições como um fenômeno característico do português luandense, isto é, as preposições *de* regida pelo verbo *gostar* e *a* pelo verbo *assistir* são apagadas em alguns contextos, e a preposição *para* e *em* substituem a preposição *a* em verbos de movimentos, principalmente, quando se trata dos verbos *ir*, *vir* e *chegar*. Esses resultados lançam luzes sobre a complexa dinâmica sociolinguística da variedade do português e permitem estabelecer conexões com o contexto sócio-histórico do português de Angola, direcionando a um quadro de regência verbal que se afasta do português europeu (PE), estabelecendo a sua própria configuração, resultado das interferências das línguas bantu e do processo de transmissão linguística irregular (Lucchesi; Baxter, 2009). Ao mesmo tempo, observa-se uma tendência de se aproximar da variedade brasileira (Undolo, 2015; Adriano, 2014; Silva; Araújo, 2018; Petter, 2007).

**Palavras-chave:** português de Angola; regência verbal; preposições.

## ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to investigate the linguistic and sociocultural factors that influence the deletion and replacement of prepositions in the verbal government of Portuguese spoken in Luanda, identifying the most frequent prepositions in verbs of movement and indirect transitive verbs. To this end, we used the Theory of Linguistic Variation and Change, proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]), to understand the linguistic and social aspects that interfere in these phenomena, having analyzed 52 interviews with participants who have Portuguese as their mother tongue (L1) or as a second language (L2). Of these, 26 are male and 26 are female, distributed in age groups, levels of education and mother tongue. The interviews belong to a research project with data collected in Angola, called “In Search of the Roots of Brazilian Portuguese”, based at the State University of Feira de Santana (UEFS). The results point to the erasure and replacement of prepositions as a characteristic phenomenon of Luandan Portuguese, that is, the prepositions *de* governed by the verb *gosta* and *a* by the verb *assistir* are erased in some contexts, and the preposition *para* and *em* replace the preposition *a* in verbs of movement, mainly when it comes to the verbs *ir*, *vir* and *chegar*. These results shed light on the complex sociolinguistic dynamics of the Portuguese variety and allow us to establish connections with the socio-historical context of Angolan Portuguese, leading to a framework of verbal regency that moves away from European Portuguese (EP), establishing its own configuration, resulting from the interference of Bantu languages and the process of irregular linguistic transmission (Lucchesi; Baxter, 2009). At the same time, there is a tendency to approach the Brazilian variety (Undolo, 2015; Adriano, 2014; Silva; Araújo, 2018; Petter, 2007).

**Keywords:** Angolan Portuguese; verbal regency; prepositions.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CRA – Constituição da República de Angola

GU – Gramática Universal

L1 – Língua Primeira

L2 – Língua Segunda

LA – Língua Alvo

LE – Língua Externa

PA – Português Angolano

PE – Português Europeu

NP – Norma Padrão

PB – Português Brasileiro

PM – Português Moçambicano

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                           |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 01:</b> Mapa do Reino do Kongo mostrando sua extensão em torno do ano 1800..... | 23 |
| <b>Figura 02:</b> Mbanza Kongo, capital do reino do Kongo.....                            | 23 |
| <b>Figura 03:</b> Línguas mais faladas em Angola, 2014.....                               | 36 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 01:</b> Classes da língua umbundu.....                                                            | 87 |
| <b>Quadro 02:</b> Pronomes pessoais verbais.....                                                            | 89 |
| <b>Quadro 03:</b> Estratificação da amostra de fala do português falado em Luanda segundo as variáveis..... | 97 |
| <b>Quadro 04:</b> Estratificação da amostra de fala dos participantes.....                                  | 98 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 01:</b> Desaparecimento da preposição <i>a</i> segundo Berlin.....                                           | 65  |
| <b>Tabela 02:</b> Configuração do espaço, <i>a/para</i> (padrão) <i>em</i> (não padrão).....                           | 68  |
| <b>Tabela 03:</b> Grau de definitude do nome locativo <i>a/para</i> (padrão) <i>em</i> (não padrão).....               | 70  |
| <b>Tabela 04:</b> Traço de [+permanência] e [-permanência] <i>a/para</i> .....                                         | 70  |
| <b>Tabela 05:</b> Distribuição das preposições <i>a</i> , <i>para</i> e <i>em</i> .....                                | 71  |
| <b>Tabela 06:</b> Resultados das ocorrências da regência verbal com verbos de movimento.....                           | 76  |
| <b>Tabela 07:</b> Distribuição das preposições <i>a</i> , <i>para</i> e <i>em</i> no português de Luanda.....          | 86  |
| <b>Tabela 08:</b> Estrutura com sintagma nominal e verbo no infinitivo na regência do verbo <i>gostar</i> .....        | 107 |
| <b>Tabela 09:</b> Apagamento da preposição <i>de</i> na regência verbal segundo o tempo verbal.....                    | 109 |
| <b>Tabela 10:</b> Apagamento da preposição <i>de</i> segundo o sexo do falante.....                                    | 110 |
| <b>Tabela 11:</b> Regência do verbo <i>gostar</i> segundo o nível de escolaridade.....                                 | 111 |
| <b>Tabela 12:</b> Regência do verbo <i>gostar</i> segundo a faixa etária no PA.....                                    | 112 |
| <b>Tabela 13:</b> Regência do verbo <i>gostar</i> segundo a língua materna.....                                        | 114 |
| <b>Tabela 14:</b> Apagamento da preposição <i>a</i> no verbo <i>assistir</i> segundo o tempo e a forma verbal.....     | 117 |
| <b>Tabela 15:</b> Apagamento da preposição <i>a</i> com o verbo <i>assistir</i> segundo o número gramatical.....       | 116 |
| <b>Tabela 16:</b> A regência do verbo <i>assistir</i> segundo o sexo no PA.....                                        | 119 |
| <b>Tabela 17:</b> Apagamento da preposição <i>a</i> com o verbo <i>assistir</i> segundo a faixa etária.....            | 120 |
| <b>Tabela 18:</b> Apagamento da preposição <i>a</i> segundo nível de escolaridade.....                                 | 122 |
| <b>Tabela 19:</b> Apagamento da preposição <i>a</i> na regência do verbo <i>assistir</i> segundo à língua materna..... | 123 |
| <b>Tabela 20:</b> Tipos de preposições.....                                                                            | 124 |
| <b>Tabela 21:</b> Ocorrência das preposições em verbos de movimento no PA.....                                         | 128 |
| <b>Tabela 22:</b> Os tempos e as formas verbais em verbos de movimento.....                                            | 134 |
| <b>Tabela 23:</b> Permanência no local no português falado em Luanda.....                                              | 138 |
| <b>Tabela 24:</b> Configuração do espaço no português falado em Luanda.....                                            | 141 |

|                                                                                   |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 25:</b> Substituição da preposição segundo o sexo.....                  | 143 |
| <b>Tabela 26:</b> Substituição da preposição quanto à faixa etária.....           | 145 |
| <b>Tabela 27:</b> Substituição da preposição quanto ao nível de escolaridade..... | 147 |
| <b>Tabela 28:</b> Substituição da preposição quanto à língua materna.....         | 150 |
| <b>Tabela 29:</b> Substituição da preposição quanto ao local de nascimento.....   | 152 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Gráfico 01:</b> Distribuição das ocorrências de substituição segundo o local de nascimento..... | 153 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                |           |
|----------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                         | <b>16</b> |
| <b>2</b> | <b>SOCIO-HISTÓRIA DE ANGOLA: DO REINO DO KONGO À ATUALIDADE.....</b>                           | <b>22</b> |
| 2.1      | A FORMAÇÃO DO REINO DO KONGO.....                                                              | 22        |
| 2.2      | A LÍNGUA DO REINO DO KONGO.....                                                                | 26        |
| 2.3      | A CHEGADA DOS PORTUGUESES E PROCESSO DE COLONIZAÇÃO.....                                       | 27        |
| 2.4      | PROCESSO DE LIBERTAÇÃO, GUERRA CIVIL E INSTABILIDADE SOCIAL.....                               | 30        |
| 2.5      | PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA NA ATUALIDADE.....                                           | 30        |
| <b>3</b> | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                                                              | <b>37</b> |
| 3.1      | SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRINCÍPIOS GERAIS.....                                         | 37        |
| 3.1.1    | QUESTÕES CENTRAIS PARA UMA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS.....                      | 41        |
| 3.2      | CONTATO ENTRE LÍNGUAS.....                                                                     | 44        |
| 3.3      | TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: UM BREVE PANORAMA A PARTIR DE LUCCHESI E BAXTER (2009)..... | 52        |
| <b>4</b> | <b>DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>   | <b>56</b> |
| 4.1      | PANORAMA DA REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO OS COMPÊNDIOS GRAMATICAIS.....                             | 56        |
| 4.2      | A REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES CONTEMPORÂNEAS.....                                            | 65        |
| 4.2.1    | A REGÊNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO.....                                      | 65        |
| 4.2.2    | A REGÊNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO .....                                  | 67        |
| 4.3      | A REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS.....                                    | 76        |

|          |                                                                                                |           |
|----------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 4.3.1    | A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE.....                                     | 76        |
| 4.3.2    | A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE MOÇAMBIQUE.....                                                 | 77        |
| 4.3.3    | A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE ANGOLANA.....                                                   | 80        |
| 4.4      | SISTEMA DA LÍNGUA UMBUNDU.....                                                                 | 86        |
| 4.4.1    | COMPOSIÇÃO E REGÊNCIA DOS VERBOS NA LÍNGUA UMBUNDU...                                          | 87        |
| 4.4.2    | FLEXÃO VERBAL EM UMBUNDU.....                                                                  | 88        |
| 4.4.3    | REGÊNCIA VERBAL DO VERBO OKWENDA.....                                                          | 89        |
| 4.5.     | RESUMO DA SEÇÃO: ANÁLISE DAS PRINCIPAIS DIREÇÕES EMERGENTES NO ESTUDO DA REGÊNCIA VERBAL.....  | 90        |
| <b>5</b> | <b>METODOLOGIA.....</b>                                                                        | <b>94</b> |
| 5.1      | DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....                                                               | 94        |
| 5.2      | ENTREVISTAS.....                                                                               | 95        |
| 5.3      | VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS.....                                                | 98        |
| 5.4      | A VARIÁVEL DEPENDENTE DO VERBO <i>GOSTAR</i> E <i>ASSISTIR</i> .....                           | 98        |
| 5.5      | VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS DO VERBO <i>GOSTAR</i> .....                              | 98        |
| 5.5.1    | ESTRUTURA COM SINTAGMA NOMINAL E VERBO NO INFINITIVO NA REGÊNCIA DO VERBO <i>GOSTAR</i> .....  | 98        |
| 5.5.2    | TEMPO E FORMAS VERBAIS.....                                                                    | 99        |
| 5.6      | VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS PARA A ANÁLISE DA REGÊNCIA DO VERBO <i>ASSISTIR</i> ..... | 99        |
| 5.6.1    | TEMPOS E FORMAS VERBAIS.....                                                                   | 99        |
| 5.6.2    | NÚMERO GRAMATICAL.....                                                                         | 100       |
| 5.7      | VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PARA O FENÔMENO DE SUBSTITUIÇÃO.....                                    | 100       |
| 5.7.1    | VARIÁVEL DEPENDENTE.....                                                                       | 101       |
| 5.7.2    | VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....                                                                    | 101       |
| 5.8      | VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS.....                                                 | 101       |
| 5.8.1    | SEXO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA.....                                                          | 102       |
| 5.8.2    | FAIXA ETÁRIA.....                                                                              | 102       |
| 5.8.3    | ESCOLARIDADE.....                                                                              | 102       |
| 5.8.4    | LÍNGUA MATERNA.....                                                                            | 103       |

|          |                                                                                                                     |            |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.8.5    | LOCAL DE NASCIMENTO.....                                                                                            | 103        |
| <b>6</b> | <b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS PARA O VERBO GOSTAR.....</b>                                               | <b>104</b> |
| 6.1      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO DE NA REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO O TEMPO E A FORMA VERBAL.....                                | 106        |
| 6.2      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO DE SEGUNDO O SEXO DO FALANTE.....                                                          | 108        |
| 6.3      | REGÊNCIA DO VERBO GOSTAR SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....                                                       | 110        |
| 6.4      | A REGÊNCIA VERBAL DO GOSTAR SEGUNDO À FAIXA ETÁRIA.....                                                             | 111        |
| 6.5      | REGÊNCIA DO VERBO GOSTAR SEGUNDO A LÍNGUA MATERNA.....                                                              | 113        |
| <b>7</b> | <b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO FENÔMENO DE APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO COM O VERBO ASSISTIR.....</b>      | <b>115</b> |
| 7.1      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NO VERBO ASSISTIR SEGUNDO O TEMPO E A FORMA VERBAL.....                                  | 116        |
| 7.2      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NO VERBO ASSISTIR SEGUNDO O NÚMERO GRAMATICAL.....                                       | 118        |
| 7.3      | A REGÊNCIA DO VERBO ASSISTIR SEGUNDO O SEXO NO PA.....                                                              | 119        |
| 7.4      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NO VERBO ASSISTIR SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA.....                                            | 120        |
| 7.5      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....                                                       | 121        |
| 7.6      | APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NA REGÊNCIA DO VERBO ASSISTIR SEGUNDO À LÍNGUA MATERNA.....                              | 124        |
| <b>8</b> | <b>SUBSTITUIÇÃO DE PREPOSIÇÕES NA REGÊNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA.....</b> | <b>124</b> |
| 8.1      | DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTO.....                                                      | 125        |
| 8.2      | AS OCORRÊNCIAS DE PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS DE LUANDA.....                                    | 128        |

|     |                                                                 |     |
|-----|-----------------------------------------------------------------|-----|
| 8.3 | USO DOS TEMPOS VERBAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA.....       | 135 |
| 8.4 | OS TEMPOS AS FORMAS VERBAIS EM VERBOS DE MOVIMENTO...           | 135 |
| 8.5 | PERMANÊNCIA NO LOCAL NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA.....         | 139 |
| 8.6 | CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA.....       | 141 |
| 8.7 | ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS.....                              | 142 |
| 8.8 | SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO SEGUNDO O SEXO.....                  | 142 |
| 8.9 | SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO À FAIXA ETÁRIA.....           | 144 |
| 9.  | SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO AO NÍVEL DE ESCOLARIDADE..... | 147 |
| 9.1 | SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO À LÍNGUA MATERNA.....         | 149 |
| 9.2 | SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO AO LOCAL DE NASCIMENTO.....   | 152 |
| 10  | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                       | 156 |
|     | REFERÊNCIAS.....                                                | 160 |

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, sendo a língua oficial de Angola, mas não a única no país, dispõe de variações significativas que espelham a enorme diversidade sociocultural e histórica do país. Na capital Luanda, o português falado é um espelho nítido dessa variação, evidenciando características linguísticas que podem diferir do português europeu (PE). Das peculiaridades linguísticas que nela se podem observar, destaca-se uso da regência verbal, com particularidade no processo de apagamento e substituição de preposições.

Sobre o processo de substituição e apagamento das preposições *a*, *para*, *em* e *de* no quadro da regência verbal, observam-se trabalhos realizados por Mingas (2000), Adriano (2014), Undolo (2016), Nzau (2011), Cabral (2005) e Santos (2015). Nesse sentido, o que torna esta pesquisa diferente dos trabalhos desenvolvidos anteriormente é a metodologia, as variáveis controladas na análise e a hipótese do contato entre línguas.

Esta é uma pesquisa que se fundamenta na Teoria da Variação e Mudança Linguística, formulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), por se tratar de uma teoria que focaliza a língua como um sistema heterogêneo que comporta regras categóricas e variáveis, admitindo que a variação é inerente a esse sistema e também é influenciada tanto com fatores internos como por fatores de natureza sociocultural.

Uma outra teoria utilizada para o estudo foi a Sociolinguística de Contato de Weinreich (1953) e Savedra *et al.* (2021). A teoria discute os efeitos linguísticos resultantes do contato frequente entre falantes de línguas distintas, seja por razões de migração ou de colonização, examinando as transformações que ocorrem nos sistemas linguísticos envolvidos. Um outro processo linguístico que se recorreu para explicar a presente pesquisa é Transmissão Linguística Irregular proposta por Lucchesi e Baxter (2009) que oferecem um conceito que ajuda no entendimento da variação e mudança linguística em situação de contato maciço.

Fruto do contato entre línguas, o português falado em Angola apresenta características distintas da variante europeia. Nzau (2011, p. 62) afirma que o país está perante a emergência de uma variedade especificamente angolana. A língua portuguesa falada em Angola tem as suas particularidades motivadas pelo contato e a estrutura social do país e isso contribuiu para o que se chama hoje de português de Angola (PA),

em que, por exemplo, o apagamento e a substituição de preposição na regência verbal dessa variedade é uma das suas características do PA. Essa interação entre as variedades linguísticas distintas faladas em Angola também foram discutidas por Araujo e Dantas (2017), que demonstram o peso dos contatos interdialetais na configuração da identidade do PA.

Metodologicamente, as amostras de fala dessa pesquisa são do projeto *Em busca das raízes do português brasileiro* Fase III: Estudos Morfossintáticos, aprovado pelo CONSEPE (0036/09) em 2009 e pelo CEP (CAAE nº 04641412.7.0000.0053) em 2012. Coordenado pela Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo, o projeto é vinculado ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) da UEFS (Teixeira; Araujo, 2017; Araujo, 2025; Araujo, Silva; Araujo, 2025).

O estudo contou com 52 participantes, sendo 26 com o português como L1 e 26 com o português como L2. A consideração dos falantes de português L2 deveu-se à hipótese de que as línguas bantu de Angola, a exemplo do umbundu, interfere na aprendizagem do português na fase adulta, situando a pesquisa no campo da sociolinguística de contato.

Adriano (2014) afirma que, em Luanda, a análise das preposições utilizadas em construções verbais revela um panorama linguístico complexo, marcado por apagamentos e substituições típicos da realidade do português de Angola (PA). Essas alterações não apenas afetam a estrutura gramatical das sentenças, na fala, mas também refletem processos de adaptação e mudança linguística que ocorrem em contextos multilíngues e multiculturais, como o de Angola, onde o multilinguismo é generalizado.

O presente estudo visa explorar como as preposições são apagadas e substituídas na regência verbal do português luandense a partir de amostra de fala coletada em Luanda, nos anos de 2008 e 2013. Foram analisados os verbos *gostar*, *assistir*, especificamente para tratar do fenômeno de apagamento de preposição, o qual Adriano (2024, p. 374) define como a não realização fonética de uma preposição requerida pelo verbo.

Para Cabral (2005), o apagamento como processo de anulação de preposições, no PA, ocorre num contexto em que a sua presença é característica no PE. Já a substituição é o processo de permuta nelas registradas, em que determinada preposição deixa de ocorrer num contexto que lhe é característico no PE, sendo substituída por outra preposição.

Assim, *gosto trabalhar com meu suor* (participante da faixa A, sexo feminino, escolaridade baixa, Luanda) é um exemplo do que seria apagamento de preposição na regência verbal do português falado em Luanda, visto que, na sentença, não ocorre a realização fonética da preposição *de*, como é esperado pela gramática tradicional europeia.

Um outro caso de supressão ocorre com o verbo assistir: *ficam mais em casa assistir novela quando tiver cansado de fazer a tarefa* (participante da faixa A, sexo feminino, escolaridade baixa, Kwanza Sul). Nessa sentença é visível o apagamento da preposição *a*, que é esperada pela gramática tradicional europeia, mas que, em alguns casos específicos, tais como esse, não ocorre no PA.

Nesta pesquisa, foram analisados os verbos de movimento *ir*, *vir*, *chegar* e *sair*, observando-se o fenômeno de substituição de preposição. Ao longo da investigação, observou-se que, em muitos casos, há a troca de preposições durante a realização desses verbos, o que foi considerado um fenômeno relevante para a análise. A seguir, são apresentados alguns exemplos desse processo.

- (1) *Vou passear quando vou em casa numa parente...* (participante masculino, escolaridade superior, Luanda). Aqui, percebe-se que a preposição *a* foi substituída pela *em*.
- (2) *Teus filhos vieram em casa, os filhos tão lá em casa, tem que aprender a vóta a ensinar esse dialeto assim.* (participante masculino, escolaridade médio, Malanje). Houve, nessa sentença, substituição da preposição *a* por *em*.
- (3) *Chegava em casa com os pais...* (Participante feminino, escolaridade baixa, Malanje). Substituição da preposição *a* pela *em*.
- (4) *e eu a sair já na cidade disse: Épa, vão me matar já mesmo hoje.* (Participante feminino, escolaridade médio, Benguela). Substituição da preposição *de* por *em*.

A investigação buscou identificar padrões e tendências na regência verbal local, fazendo análise de como esses fenômenos linguísticos se manifestam e o que eles podem apontar sobre as mudanças do português em Angola. Além disso, pretende-se, também, entender como essas características se relacionam com outras influências linguísticas, como as línguas bantu do país, destacadamente o umbundu, e o contato com o português.

Por intermédio desta análise, espera-se contribuir para uma compreensão mais ampla das variações linguísticas no Português de Angola, dando *inputs* sobre a dinâmica

da língua em um ambiente multicultural como essa comunidade de fala que nos propusemos estudar.

Essa necessidade de investigar a variedade do Português de Angola, faz-nos pensar na afirmação de Costa (2013), que diz o seguinte:

desde os primeiros contatos linguísticos entre portugueses e nativos (1482) até à atualidade, “o português sofreu transformações de vária ordem”. Esse é um fenómeno que não deve espantar investigadores. Pelo contrário, deve encorajá-los a mergulhar cada vez mais na profundidade da questão, por forma a encontrarem os benefícios de tais transformações, pois a língua reflete, antes de tudo, a realidade e veicula a cultura dum povo (Costa, 2013, p. 12).

Esta afirmação nos leva a refletir sobre uma profunda necessidade de investigar cada vez mais o PA, de tal modo que se consiga, futuramente, construir uma gramática representativa do falar angolano, seja no campo morfossintático, seja em outras áreas da sua estruturação linguística.

A investigação sobre o apagamento e a substituição de preposições em contexto de regência verbal oferece uma perspectiva de entendimento sobre como o português é vivido e transformado em contextos específicos, revelando a riqueza e a complexidade da língua em sua forma prática, ou melhor, no seu uso mais real, não ideal, como a gramática tradicional queria que fosse.

Diante dessa necessidade de investigar as transformações linguísticas em Angola, esta pesquisa traçou os seguintes objetivos, sendo o principal investigar os fatores linguísticos e socioculturais que influenciam o apagamento e a substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda, identificando as preposições mais frequentes em verbos de movimento e transitivos indiretos.

Além disso, a pesquisa tem como objetivos específicos: (i) identificar os casos de apagamentos e as substituições de preposições em regência verbal no PA; (ii) analisar os fenômenos de apagamento e substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda, visando identificar padrões e tendências que caracterizam essa variedade linguística e compreender como esses processos refletem a adaptação do português em um contexto multilíngue e multicultural; (iii) investigar como as línguas bantu de Angola, a exemplo do umbundu, influencia os fenômenos do apagamento e da substituição de preposições na regência verbal do português em Luanda, e (iv) contribuir para a preservação da diversidade linguística em Angola e a promoção de um entendimento mais profundo e respeitoso das línguas faladas no país

Esta pesquisa norteou-se pelas seguintes hipóteses:

a) O apagamento e a substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda são influenciados significativamente pelas línguas bantu, especialmente o umbundu;

b) A urbanização e o contato multicultural em Luanda promovem uma maior flexibilidade e inovação na regência verbal, resultando em uma maior frequência de apagamentos e substituições de preposições;

c) O processo de transmissão linguística, que é um fenômeno que emerge em contextos de contato linguístico e que se caracteriza por uma dinâmica de aquisição de língua distinta daquela observada em situações de transmissão regular (Lucchesi e Baxter, 2009). Entende-se que no português falado em Luanda, esse processo também contribui para o apagamento e a substituição de preposições no PA.

Este trabalho está organizado em 9 seções. Além desta introdução, que é a seção 1, existem mais 8 seções estruturadas das seguintes formas:

Na seção 2, *Sócio-história de Angola do Reino do Kongo à atualidade*, traçou-se um panorama histórico de Angola, desde a formação do Reino do Kongo até a contemporaneidade. Discute-se a estrutura do reino, suas práticas sociais e o impacto da chegada dos portugueses no século XV. Também se abordam os processos de colonização, libertação e guerra civil, destacando como esses eventos moldaram a sociolinguística angolana, com ênfase nas dinâmicas multilíngues do país.

Na seção 3, *Fundamentação teórica*, são apresentadas as teorias que fundamentaram esta pesquisa, precisamente Teoria da Variação e Mudança Linguística, formulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e do Contato, de Weinreich (1953), que serviram para analisar os espectros de apagamento e substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda.

Na seção 4, *Diferentes perspectivas sobre regência verbal em variedades da língua portuguesa*, discutem-se abordagens normativas e descritivas sobre a regência verbal, comparando diferentes variedades do português. O objetivo é contextualizar as variedades linguísticas analisadas, destacando as normas gramaticais tradicionais e as variações observadas em diferentes comunidades da língua portuguesa.

Na seção 5, *Metodologia*, são apresentados os métodos adotados para a pesquisa, incluindo a descrição do *corpus*, o processo de coleta de dados e a categorização das variações encontradas. A pesquisa segue uma abordagem quali-quantitativa, utilizando entrevistas e análise estatística para examinar as tendências linguísticas estudadas.

Na seção 6, *Apresentação e análise dos resultados para o verbo gostar*, examina-se a variação no uso da preposição *de* na regência do verbo *gostar* no português falado em Luanda.

Na seção 7, *Apresentação e análise dos resultados do fenômeno de apagamento da preposição com o verbo assistir*, a análise foca no apagamento da preposição *a* na regência do verbo *assistir*. Os dados mostram que o apagamento ocorre em contextos específicos, com variação entre diferentes grupos de falantes, indicando um processo de mudança linguística em andamento.

Na seção 8, *Substituição de preposição na regência verbal do português falado em Luanda: uma análise variacionista*, é investigada a substituição de preposições na regência verbal, especialmente em verbos de movimento. O estudo demonstra como as influências das línguas bantu e o contato linguístico afetam as construções verbais em Luanda, resultando em padrões diferentes do português europeu. Por fim, apresentam-se as considerações finais dessa pesquisa.

Diante de tudo isso que foi dito nesta introdução, é importante ressaltar que os estudos variacionistas em Angola são ainda limitados devido ao longo período de conflitos que o país vivenciou dificultando investimentos na educação e no avanço das pesquisas linguísticas até 2002. Assim, esta dissertação busca contribuir para a valorização e o estudo do português vernacular angolano, auxiliando para sanar lacunas nas investigações sociolinguísticas.

## 2 SOCIO-HISTÓRIA DE ANGOLA: DO REINO DO KONGO À ATUALIDADE

A seção está organizada em cinco subseções, que cobrem a história sociopolítica e sociolinguística de Angola, desde o Reino do Kongo até a atualidade.

1. Descreve a organização política, social e cultural do reino antes da chegada dos portugueses.

2. Aborda o papel do kikongo como língua predominante e sua transformação após a colonização.

3. Analisa os impactos da colonização, especialmente na imposição do português e na marginalização das línguas locais.

4. Discute a luta pela independência, a guerra civil e suas consequências sociolinguísticas.

5. Apresenta o panorama linguístico atual, destacando o português como língua oficial e as línguas nacionais.

### 2.1 A FORMAÇÃO DO REINO DO KONGO

O Reino do Kongo era um grande reino que se desenvolveu na região que hoje é parte da África Central, onde se situam países como Angola, República Democrática do Kongo, República do Kongo e outros (Figura 01). O Kongo era conhecido por sua estrutura política organizada e sua complexa rede de comércio e relações diplomáticas.

**Figura 01:** Mapa do Reino do Kongo mostrando sua extensão em torno do ano 1800.



**Fonte:**

<https://web.archive.org/web/20120227225800/http://www.kongoking.org/>

Segundo Maestri (1988, p. 73), o Reino do Kongo teria sido fundado por Ntinu-Wene, chefe kikongo, que, chegando ao norte, no século XIV, atravessou o grande rio Zaire e conquistou a chefia ambundu (povo que, atualmente, é falante de kikongo). Ntinu-Wene, para tradição africana, é considerado o fundador do Reino do Kongo e seu nome pode ser traduzido como uma figura de liderança ou liderança sagrada.

O reino do Kongo tinha como sua capital Mbanza Kongo (Figura 02). Segundo Maximo, (2020, p. 246), a palavra Mbanza significava residência do Rei do Kongo.

**Figura 02:** Mbanza Kongo, capital do reino do Kongo



Fonte: Maximo (2020 *apud* Dapper, 1686, p. 343-344).

Mbanza Kongo era um centro político, religioso e comercial. Politicamente, era a sede do poder real, onde o rei tomava decisões administrativas e políticas, além de receber tributos das províncias. No que diz respeito à religião, após o contato com os portugueses no final do século XV, Mbanza Kongo tornou-se um importante centro do cristianismo na África Central. A cidade chegou a ter uma catedral, a famosa Igreja de São Salvador, símbolo da opinião cristã.

A capital foi também um ponto estratégico para o comércio de marfim, cobre, tecidos, sal e escravizados, facilitado pelas rotas comerciais que ligavam o interior do continente ao litoral atlântico. Por último, era também um centro cultural, onde as tradições locais se encontravam com influências estrangeiras, especialmente portuguesas, resultando numa visão cultural única, o que veio a contribuir para a atual realidade sociocultural de Angola.

Atualmente, segundo Maximo (2020, p. 267), desde 2007, a cidade foi escolhida pelo Estado angolano como referencial do patrimônio nacional, capitaneado pelo projeto “Mbanza Kongo. Em 2017 tornou-se patrimônio mundial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Segundo Maestri (1988), Ntinu-Wene casou-se com uma mulher nobre do clã e detentora dos direitos da terra e foi lhe dado o título de manikongo (senhor do Kongo). Os sucessivos manikongos aumentaram seus territórios com conquistas militares ou alianças matrimoniais.

No Reino do Kongo existiam duas formas de conquistar territórios: a primeira estava relacionado à luta militar contra outros povos vizinhos, com objetivo de conquistar terras, e a outra forma de conquista de território era casar com uma mulher importante da classe nobre do Reino vizinho, pois, uma vez casado com uma mulher do clã, o poder ficava sob tutela do homem. Assim, o Reino do Kongo ia se expandindo pela África Central.

Politicamente, o líder supremo do Reino do Kongo era o manikongo. Esse título correspondia ao rei ou monarca do reino. O manikongo era responsável por governar o reino, tomar decisões importantes, liderar as forças militares e representar o reino em assuntos diplomáticos. Para compreender melhor essa divisão administrativa Maestri diz o seguinte:

A organização política e social da formação africana estruturava-se a partir da aldeia matrilinear dirigida por um chefe da terra que não pertencia à aristocracia. Acima deste, na hierarquia política, governavam os chefes de distritos e de províncias. O manikongo nomeava autocraticamente os governadores das províncias e estes, em geral, os dos distritos. Os chefes de províncias juntavam aos seus nomes o título de mani e os nomes dos territórios que lhes cabiam. (Maestri, 1988, p. 73).

Dessa ideia, pode-se compreender que a estrutura política e social do Reino do Kongo começava nas aldeias, com um chefe local não nobre, e acima dele estavam os chefes de distritos e províncias, nomeados pelo manikongo. Tais chefes de províncias tinham títulos específicos que refletiam suas responsabilidades sobre as áreas que governavam.

O Reino do Kongo sempre viveu com suas crenças enraizadas no pensamento cultural africano, o que lhe permitiu construir uma estrutura política bem consolidada ao longo da sua formação, num contexto em que os líderes eram vistos não apenas como governantes políticos, mas também como mediadores entre o mundo espiritual e o mundo humano, o que conferia legitimidade ao seu poder e ajudava a unificar o povo em torno de uma identidade comum.

Na formação do Reino do Kongo, vale pontuar também como os povos chegaram à atual Angola. Silva (2002), referenciando Ervedosa (1980), ao tratar da chegada dos bantu em Angola diz:

Os Bantu, vindos da região dos Camarões, progrediram lentamente pela África Central, Oriental e Austral. A migração destes primeiros agricultores, no espaço de Angola, tomou três direções a saber: pelo norte, descendo os rios e a costa, atravessando o Baixo Zaire; pelo oriente e pelo nordeste, ao longo do Zambeze e do Planalto do Catanga e, finalmente, pelo sul, desde o norte do Calahari até às terras do sudoeste de Angola. Esta movimentação decorreu ao longo de muitos séculos, acabando por ir dando corpo às diferentes etnias que se distribuem pelo território angolano (Silva, 2002 *pub* Ervedosa, 1980, p. 220)

Um dos resultados dessa migração foi, justamente, a formação de várias etnias em Angola, porque cada uma dessas rotas migratórias contribuiu para o surgimento de diferentes etnias que hoje compõem o mosaico populacional de Angola. Grupos como os Ovimbundu, Kimbundu, Bakongo, Chokwe, entre outros, descendem dessas migrações bantu e apresentam características próprias que foram sendo desenvolvidas ao longo de gerações, à medida que se adaptaram a diferentes ambientes e interagiram com outras populações locais.

Através de várias rotas (norte, oriente e sul), os bantu colonizaram gradualmente o território, fundando novas sociedades que, com o tempo, evoluíram em identidades distintas. O resultado foi a diversidade cultural e linguística que se observa em Angola atualmente, com raízes profundas.

Sobre as etnias, Silva (2002) ainda destaca o seguinte:

Cada grupo etnolinguístico é caracterizado por um conjunto de valores, onde se reconhecem semelhanças entre os diferentes grupos, detectáveis na estrutura sócio-política e na identificação de idiomas com a mesma origem. Consequentemente, resultaram desse processo os seguintes grupos etnolinguísticos no seio da atual população de Angola: Bakongo, Ambundo, Lunda-Quico, Ovimbundu, Ganguela, Nhaneka-Humbe, Ovambo, Herero e Okavambo, todos de origem Bantu, distribuindo-se cada um destes conjuntos em vários subgrupos (Silva, 2002, p. 38).

Entretanto, apesar da diversidade étnica e linguística em Angola, todos esses grupos etnolinguísticos têm raízes comuns nos povos bantu. As semelhanças podem ser observadas nas estruturas sociais e políticas, bem como nas línguas, que pertencem a uma mesma família, que é o tronco bantu. Angola, portanto, é o lar de várias etnias que,

embora tenham evoluído de muitas maneiras diferentes, ainda possuem uma origem e traços culturais que os conectam. É importante acrescentar que cada um desses grupos desempenha um papel fundamental na formação da identidade nacional angolana, e a sua diversidade é uma característica, sem esquecer do povo koisan, que, para (Zau, 2022, p. 38), após a invasão dos bantu, se viram arredados de uma parte considerável do território, confinando-se em pequenas bolsas, nas áreas leste e sul do país.

Foi a partir dessa divisão étnica que surgiram as diferentes línguas de origem bantu, que formam o panorama linguístico de Angola até os dias de hoje e partilham semelhanças nas estruturas gramaticais, fato que suscita a apresentação, nesta pesquisa, da língua umbundu como um dos fatores que interfere no uso da regência verbal do Português de Angola.

## 2.2 A LÍNGUA DO REINO

O Reino do Kongo tinha como língua predominante o kikongo, uma das línguas bantu mais antigas e importantes da África Central, falada hoje nas regiões norte de Angola. O kikongo era a língua oficial do reino, utilizada na comunicação entre as elites, nas práticas religiosas e na transmissão de conhecimento dentro da sociedade kongolesa. Esse idioma também desempenhava um papel crucial nas relações comerciais e diplomáticas com os povos vizinhos. Sendo uma língua bantu, o kikongo estava relacionado a uma vasta família de línguas faladas em grande parte da África subsaariana, o que facilitava o intercâmbio cultural e comercial na região.

Com a expansão territorial do Reino do Kongo ao longo dos séculos XIV e XV, o kikongo se espalhou por uma vasta área que incluía partes dos atuais Angola, República Democrática do Congo, Congo-Brazzaville e Gabão. Nas regiões sob o controle ou influência do reino, o kikongo servia como língua franca, conectando diferentes grupos étnicos que faziam parte da administração e do sistema de comércio do reino.

O kikongo, além de sua importância como língua de uso corrente no Reino do Kongo, também teve uma relevância histórica e cultural na propagação do cristianismo na África Central. Após a chegada dos portugueses, o primeiro manikongo que entrou em contato com eles converteu-se ao cristianismo e recebeu o nome de Afonso I (Maestri, 1988, p. 77). O kikongo foi adaptado para expressar conceitos religiosos europeus e traduções da bíblia e de textos religiosos que começaram a ser escritos na

língua portuguesa. Isso ajudou a preservar o kikongo mesmo diante da crescente influência da língua portuguesa.

A expansão da língua kikongo aconteceu de maneira mais sutil, especialmente durante o comércio de escravos. Muitos kongolezes foram capturados e levados para as Américas como escravos, levando consigo o kikongo e suas tradições culturais. Como resultado, elementos do kikongo e suas influências linguísticas podem ser encontrados em várias regiões da diáspora africana, particularmente no Caribe e no Brasil, onde certas palavras e expressões derivadas do kikongo ainda são usadas, entretanto, essas influências não poderiam escapar também da realidade linguística de Angola.

Maestri (1988, p. 79) aponta que as relações entre Portugal e o Reino do Kongo eram, obviamente, um jogo de cartas marcadas. Isto significava que as relações entre Portugal e o Reino do Kongo eram desiguais, manipuladas e preestabelecidas para favorecer uma das partes, nesse caso, Portugal, uma vez que havia uma estrutura de poder e controle que impedia qualquer possibilidade de igualdade ou justiça nessas relações.

Assim, com o enfraquecimento do Reino do Kongo, devido ao envolvimento no comércio de escravos e à colonização portuguesa, o uso do kikongo nas áreas mais urbanizadas e nas administrações coloniais foi substituído pelo português. No entanto, o kikongo permaneceu como uma língua importante nas regiões rurais e continua sendo falado em várias províncias de Angola, como Uíge e Zaire, bem como nas áreas adjacentes na República Democrática do Congo e Congo-Brazzaville.

Na atualidade, o kikongo é uma das línguas nacionais reconhecidas por Angola e continua a ter relevância cultural e social, especialmente nas regiões onde predominava o Reino do Kongo, como Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo e atual capital da província do Zaire, em Angola. O kikongo passou por processos de preservação e revitalização, principalmente com programas de ensino da língua em escolas e iniciativas culturais voltadas para a valorização das línguas bantu no país. Essa continuidade reflete o peso histórico do Reino do Kongo e a resiliência de sua língua diante de séculos de mudanças políticas e sociais

### 2.3 A CHEGADA DOS PORTUGUESES E O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

Com a chegada dos portugueses em 1482, liderados pelo navegador Diogo Cão, o Reino do Kongo estabeleceu os primeiros contatos diplomáticos com o Reino de

Portugal. Num primeiro momento, essas relações baseavam-se na troca de presentes, na cooperação comercial e, mais tarde, na conversão de parte da elite kongolesa ao cristianismo.

No que se refere aos primeiros contatos entre Portugal e reino do Kongo, Petter (2008) afirma o seguinte:

Um fato importante ocorreu na África austral, com a chegada à foz do rio Zaire, em 1482, no Congo. Por meio de marinheiros portugueses, Diogo Cão enviou uma mensagem de “paz e amizade” e um “rico presente” ao rei, Nzinga Kuwu, que ficava na capital. Como a embaixada portuguesa demorasse a retornar, Diogo Cão levou como reféns vários chefes locais da província de Soyo que se tinham habituado a visitar o barco sem qualquer receio. Dois anos depois, ele retorna com os mesmos reféns, entusiasmados com a civilização européia e dispostos a fazer uma boa divulgação do que haviam visto em Lisboa e prontos a propor ao rei do Congo a conversão à religião cristã (Petter, 2008 *apud* Bonvini, 1996, p. 132-133).

Entende-se que o navegador Diogo Cão, quando chegou à foz do rio Zaire, enviou uma mensagem de paz, amizade e presentes ao rei Nzinga Kuwu. O rei do Kongo, na altura, demorou responder ao Diogo Cão. Consequentemente, o navegador português capturou líderes locais do Soyo, atual Zaíre, que frequentavam o seu navio, levando-os como reféns para Portugal.

Dois anos depois, ele retornou com esses líderes, que ficaram sabendo da cultura europeia e estavam querendo convencer o rei do Congo a adotar o cristianismo, compartilhando suas experiências de Lisboa. Todas relações entre Portugal e Angola, nesse período, era para facilitar a penetração dos portugueses no território angolano e agilizar a exploração dos recursos naturais e mão de obra.

Nessa época, segundo Undolo (2014 *apud* Fernandes e Ntongo 2002, p. 101), estabeleceu-se uma aliança entre o reino de Portugal e o reino do Kongo. O manikongo Afonso I, um dos mais célebres reis do Kongo, foi batizado e promoveu o cristianismo no seu reino, tentando integrar elementos europeus na sociedade congoleza.

No entanto, à medida que os interesses coloniais de Portugal se intensificaram, a relação se deteriorou. Como também aponta Undolo (2014, p. 33), a aliança foi frustrada pelos interesses expansionistas do reino de Portugal. Assim, Portugal passou a ver o território não apenas como uma zona de comércio, mas como uma fonte de mão-de-obra escrava. A crescente pressão para a captura de pessoas para serem escravizadas gerou tensões e conflitos entre os portugueses e os reinos africanos, culminando na

perda de autonomia do Reino do Kongo e no início do domínio colonial sobre Angola. Como consequência disso, intensificou-se o conflito político e linguístico em Angola.

Undolo (2014), citando Júnior (2011, p. 18), aponta cinco objetivos dos interesses dos portugueses, nomeadamente:

- (i) o estabelecimento de colônias agrícolas na costa;
- (ii) a conquista de espaços territoriais amplos no interior;
- (iii) a identificação de minas de prata;
- (iv) o controlo da rota do comércio do sal;
- (v) a criação de uma comunidade cristã.

Dos vários interesses de Portugal, destaca-se o a criação de uma comunidade cristã por se tratar de interesse que tem que a ver com a expansão do português não só em Angola, mas nas demais colônias africanas, com sérias implicações linguísticas. Desde o início das grandes navegações, Portugal tinha como um dos seus objetivos converter os povos que encontrava ao cristianismo.

Essa missão era frequentemente sancionada pela Igreja Católica e incentivada pelo Papa. Um dos exemplos mais marcantes desse incentivo foi o Tratado de Tordesilhas (1494). Segundo Moreira (1978, p. 12), o Tratado de Tordesilhas foi convencionado à margem da Santa Sé, que apenas consagrou o acordo. A República Cristã transformava-se no Ocidente dos Estados, para executar o seu projeto colonizador e unificador do globo.

Desse ponto de vista de Moreira (1978), compreende-se o impacto do Tratado de Tordesilhas no contexto da expansão europeia e da colonização, colocando ênfase em dois aspectos importantes: (i) a atuação da Santa Sé afirma que o acordo entre Portugal e Espanha para dividir as terras recém-descobertas no Novo Mundo, que consideravam África, não foi uma iniciativa direta da Igreja Católica, mas sim uma negociação entre os dois reinos ibéricos; (ii) a igreja, embora não tenha liderado o processo, acabou por consagrar (aprovar formalmente) o acordo. Esse detalhe é importante porque mostra que, naquele momento, os Estados europeus estavam conquistando mais autonomia em relação à Igreja, tomando decisões cruciais por conta própria, ainda que buscassem sua legitimação através da autoridade religiosa.

Portugal via o cristianismo como uma forma de civilizar as populações locais. A criação de uma comunidade cristã estava associada à ideia de que os povos africanos, assim como os de outras regiões colonizadas, deveriam ser educados nos valores e costumes ocidentais. Havia uma verdade europeia de que os africanos e outros povos

não-cristãos viviam em estado de ignorância e que o cristianismo apresentado ofereceria não só a salvação espiritual, mas também um caminho para a cidadania. Foi assim que o português, por meio do cristianismo, começou a ganhar grandes espaços em Angola.

Mingas (2000, p. 30) afirma que a atual república de Angola resultou de um conjunto de antigos reinos africanos, reunidos em fronteiras não naturais criadas pela conferência de Berlim, realizada nos anos 1885 do século passado, na Alemanha.

Mingas (2000) acrescenta que, como resultado dessa mesma conferência, Angola foi reconhecida como sendo uma colônia, tendo sido por tal atribuída por direito aos portugueses, que se limitaram a fixar-se no litoral e a reforçar as hostilidades existentes entre os diferentes chefes locais.

Para Zimmerer (2011) essa conferência teve como principal objetivo regular a colonização e a exploração do continente africano pelas potências europeias, de forma a evitar conflitos entre elas e fazer uma partilha de terra.

A colonização portuguesa impôs uma série de transformações no tecido social e cultural de Angola. Uma das mais significativas foi a imposição linguística do português, que passou a ser a língua oficial, em detrimento das línguas africanas nativas, como o kikongo, umbundu, kimbundu, entre outras.

O Decreto nº 77/1921 de 9 de dezembro de 1921, de Norton de Matos, que estabelecia a obrigatoriedade do ensino de português nas escolas e nas catequeses, previa, no seu art.1º o seguinte: “É vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas, o emprego das línguas indígenas por escrito. Foi o auge do fim do kikongo e de outras línguas de Angola.

O sistema colonial forçou a adoção da língua e da cultura portuguesa em um contexto previamente multilíngue, levando à marginalização das tradições e línguas locais, tornando, assim, algo que era natural em África, o multilinguismo, um problema a ser combatido.

## 2.4 PROCESSO DE LIBERTAÇÃO, GUERRA CIVIL E INSTABILIDADE SOCIAL

O século XX dá início ao período da luta de libertação nacional, que começou na década de 1960. A luta pela independência de Angola foi um processo longo e violento, marcado pela ação de diferentes movimentos de libertação, como o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Esses movimentos, com diferentes bases étnicas e ideológicas, começaram a contestar o controle colonial português através de guerrilhas e mobilizações populares.

A Guerra de Libertação culminou em 1975, quando Portugal, enfraquecido pela Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura em 1974, decidiu abandonar suas colônias. Em 11 de novembro de 1975, Angola declarou sua independência. No entanto, a luta pelo poder entre os movimentos de libertação rapidamente degenerou em uma guerra civil devastadora, que perdurou por quase três décadas.

Durante esse período, o país foi profundamente desestabilizado socialmente, com milhões de deslocados internos e uma economia em ruínas. Cultural e linguisticamente, o país também sofreu consequência das guerras: o uso do português se expandiu, especialmente nas áreas urbanas, mas o multilinguismo tradicional de Angola continuou a existir, mesmo que as línguas locais fossem relegadas a um papel secundário.

O impacto imediato da proclamação da independência em 1975 e a subsequente Guerra Civil, que resultou da falha em estabelecer um acordo de partilha de poder entre os principais grupos políticos, causou instabilidade social e política no país. O MPLA, que controlava a capital Luanda, declarou-se o governo legítimo, enquanto a FNLA e a UNITA, com apoio externo, contestavam essa posição, levando o país a um conflito armado de grande escala.

Segundo Undolo (2014, p. 42), foi no período pós-independência que se difundiu o uso da língua portuguesa entre a população angolana, disparando o seu número de falantes em grande parte devido ao fenômeno social que ficou conhecido por deslocados de guerra. Assim, compreende-se que esse crescimento foi impulsionado, principalmente, pelos deslocados de guerra, ou melhor, pessoas que fugiram dos conflitos internos e se moveram para áreas urbanas, onde o português era mais amplamente falado. Isso contribuiu, significativamente, para o aumento do número de falantes do português, porque muita gente procurava por melhores condições de vida, o que obrigaria a população aprender o português para se manter em centros urbanos.

Quem confirma essa ideia de coabitação populacional é Sacalembe, (2014, p. 4), afirmando que a situação calamitosa do país, provocado pela guerra civil de (1992-2002) obrigou o povo da região centro e sul a migrar para Luanda e Lubango, capital da província de Huíla.

A Guerra Civil, que durou até 2002, foi marcada por massacres, violências étnicas e destruição de infraestruturas, provocando milhões de mortes e a desintegração

do tecido social angolano. Além das perdas humanas, a guerra fragmentou culturalmente o país, acentuando divisões regionais e étnicas. Linguisticamente, o português se consolidou como a língua franca entre as diferentes etnias, enquanto as línguas nacionais (kikongo, umbundu, kimbundu, entre outras) continuaram a ser faladas nas regiões rurais e entre as comunidades tradicionais.

O fim da guerra civil em 2002, após a morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA, e o estabelecimento de um governo de reconciliação, trouxe uma paz frágil e o início do processo de reconstrução nacional, sendo eleito presidente do país Agostinho Neto, representante do partido político Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). No entanto, o legado do conflito ainda afeta o país, tanto social quanto culturalmente.

Apesar dessa riqueza sociolinguística, os estudos variacionistas em Angola são escassos, justamente, por este vasto processo de conflito pelo qual o país passou, o que não permitiu, até 2002, um investimento na educação que poderia resultar em passos significativos nas questões linguísticas e não só. Assim, esta dissertação contribui para o renascimento do estudo do português vernacular de Angola.

## 2.5 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA NA ATUALIDADE

A descolonização que se seguiu à Revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal, levou à constituição de cinco repúblicas independentes, dentre as quais Angola. Teyssier (1993) aponta que, em todas elas, o português é a língua oficial e segue a norma europeia. Com efeito, o português é a língua da administração pública, dos órgãos de comunicação social, do ensino, da literatura e dos demais distintos setores artísticos e/ou culturais nacionais. De igual modo, não só é a língua de todo o sistema de ensino em Angola, como também constitui matéria de ensino, desde o primário até o nível superior.

Segundo os dados estatísticos do (Censo Populacional, 2014), a língua mais falada em Angola é o português, com 71% de falantes. Nas áreas urbanas, a percentagem sobe para 85%. No entanto, na área rural, somente 49% da população fala a língua portuguesa. Considera-se que é hoje a língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos.

Por essa razão, não só é língua veicular, e, por essa via, língua materna de muitos indivíduos da camada mais jovem abaixo dos 19 anos de idade da população, mas também é a principal língua segunda de muitos indivíduos da camada mais adulta da

população, estimada como sendo a menor parte da população angolana, de acordo, ainda, com os dados do Censo 2014. É importante afirmar que, atualmente, está decorrendo o censo 2024 em Angola, entretanto, não há dados atualizados da população angolana, neste momento.

Face à pluralidade linguística angolana, a opção do governo foi, desde 1975, com a independência nacional, transformar o português em instrumento de unidade nacional, estabelecendo-o como determinante nos setores sociais anteriormente descritos. De acordo com a Constituição da República de Angola (CRA), este idioma continua a ser a única língua oficial do país.

Relativamente ao seu estatuto, após a independência nacional, em 1975, depois de um longo período de colonização, o que pressupõe, também, um período mais longo de contato entre o português e as línguas autóctones aqui faladas, no momento de se escolher a língua oficial da nova nação, optou-se pelo português. Por um lado, a razão desta escolha residiu no fato de se evitar ruptura se se tivesse escolhido uma das línguas autóctones.

Por outro lado, sendo o português, maioritariamente, língua segunda de vários cidadãos angolanos, surgia como uma língua neutra, ou melhor, uma língua que não pertence a nenhum dos povos nativos, como umbundu, kimbundu ou kikongo, mas que é uma língua falada por uma boa parte da população, além de ser a única que facilitaria à nação angolana estabelecer e manter relacionamentos internacionais essenciais ao desenvolvimento do país. A opção pela escolha do português como língua oficial de Angola constitui-se como o primeiro e decisivo ato de política linguística naquele país. De algum modo isso apaga a identidade linguística e cultural dos povos

Em conformidade com o que acima foi referido, depreende-se que o estatuto de uma língua é um fato político. Logo, como se pode ler em Undolo (2019, p. 19), à luz da legislação e normas angolanas, a partir das quais se pode aferir o estatuto das línguas de Angola, o português é a única língua oficializada e nacionalizada, as demais são nacionalizadas e não oficializadas.

Uma língua oficializada, no contexto angolano, é aquela institucionalmente reconhecida pelo Estado como o idioma de funcionamento do governo, do sistema jurídico, da educação formal e da administração pública. Esse status é geralmente definido por meio de dispositivos legais (como constituições ou leis linguísticas. Já a língua nacionalizada é aquela que, embora possa ou não ser oficial, passa a ser

amplamente utilizada e identificada pela população como parte de sua identidade cultural e social. Um exemplo de língua nacional seria o umbundu ou kimbundu.

Por outro lado, nos termos da Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, n.º 17/16, de 7 de outubro, artigo 16.º, n.º 1, “o ensino deve ser ministrado em Português”; “o Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino das demais línguas de Angola.”

O diassistema do português comporta, atualmente, 9 variedades, com duas normas reconhecidas, ensinadas e promovidas, a portuguesa (PE) e a brasileira (PB), e duas normas emergentes, a angolana (PA) e a moçambicana (PM), influenciadas, quer pela norma portuguesa, quer pela brasileira, diferentes de ambas e diferentes entre si. (Banza, 2018, p. 1).

A língua portuguesa, originária de Portugal, é difundida em Angola a partir do século XV, coincidindo com o desembarque, em 1482, como dito anteriormente, dos portugueses na foz do rio Kongo. Nesse espaço geográfico, ela encontra uma diversidade de línguas e culturas nativas.

Assim, coabitam, desde então, três famílias linguísticas genética e estruturalmente diferentes:

- (i) língua portuguesa, pertencente às línguas neolatinas;
- (ii) línguas africanas de origem bantu;
- (iii) línguas africanas de origem não-bantu.

É com base nesta realidade, de coexistência e convívio linguístico e cultural entre a língua portuguesa e as línguas africanas, que o português é realizado no país.

À luz desta coabitação, é natural que a língua portuguesa falada em Angola adquira aspectos próprios, como o caso do apagamento (*que mais **gosto feijoada** não por gostar nem sou muito amiga de feijão*) e da substituição de preposição (*e ele também **ia na igreja** do bairro dele*) em contexto de regência verbal, uma vez que qualquer língua vai adquirindo aspectos particulares conforme se vai espalhando a partir da sua região de origem. Assim, esta forma própria ou diferente de realização da língua portuguesa entra em diálogo e em conflito com a norma europeia, tomada como padrão em Angola, mesmo com o alcance da independência.

Efetivamente, esse quadro faz com que a língua portuguesa seja realizada com particularidades que traduzem uma peculiar visão do mundo, intrínseca ao povo angolano. Assim, resulta e emerge uma língua portuguesa com universos experienciais

e semióticos inerentes à cultura angolana, isto é, corporiza-se a variedade do português angolano. Tal variedade é legitimada linguisticamente pela Teoria da Variação e Mudança Linguística e a Sociolinguística de Contato, que veremos mais para frente, cujos fundamentos assentam no princípio da heterogeneidade de todas as línguas naturais. A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, e não é assistemática.

O contexto sociolinguístico angolano revela uma dinâmica e complexa situação, caracterizada por um conjunto de ocorrências:

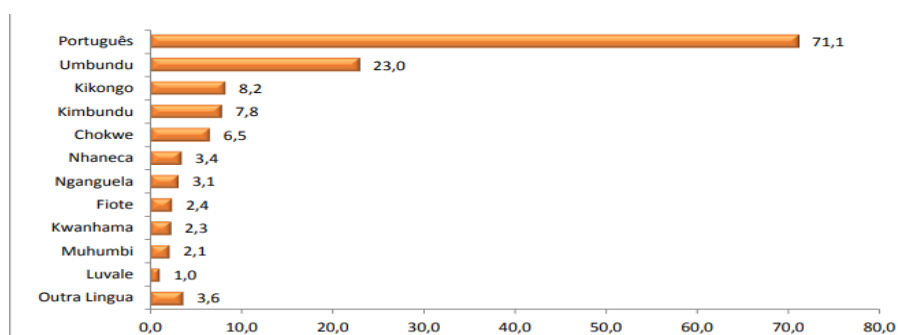
- (i) elevada diversidade linguística;
- (ii) permanente contato linguístico e cultural entre as línguas em funcionamento no país e o consequente fenômeno da interferência linguística, conformando uma situação diglósica.

Se considerarmos que cada uma das línguas envolvidas no panorama linguístico angolano não é homogênea, apresentando variação, nomeadamente dialetal, fica clara a complexidade do quadro linguístico com o qual o português foi posto em contato, sendo certo que, até à independência, essas línguas continuavam a ser língua materna da esmagadora maioria da população (Banza, 2014, p. 10).

Apesar do domínio do português, Angola continua a ser um país multilíngue. As línguas nacionais, como o umbundu, kimbundu e kikongo, são amplamente faladas nas áreas rurais e ainda desempenham um papel importante na identidade cultural das diferentes etnias.

Tendo em conta que amostra utilizada para esse estudo foi coletada em 2008 e 2013, em Luanda, achou-se sensato apresentar os resultados do censo populacional de 2014 por se tratar de um ano depois da coleta de dados. Entretanto, apresenta-se a estatística das línguas mais faladas em Angola, em 2014.

**Figura 03:** Línguas mais faladas em Angola, 2014



**Fonte:** Recenseamento geral da população e da habitação, 2014. Instituto Nacional de Estatísticas de Angola.

Segundo os resultados do recenseamento geral e da habitação de 2014, O português é falado por mais de metade da população (71%) com maior predominância nas áreas urbanas onde 85% da população fala a língua portuguesa enquanto que somente 49% na área rural.

Entretanto, o português falado em Angola tem características próprias, com influências das línguas locais e adaptações ao contexto angolano. O português de Angola é marcado por mudanças morfossintáticas em vários níveis da sociedade. Em Luanda, em particular, local onde foi colhida a amostra desta pesquisa, essa variante do português é predominante, refletindo a convivência entre as diferentes culturas e línguas do país.

Essas possíveis variações ou mudanças linguísticas e sociais são um reflexo de uma Angola moderna, que, embora carregue o peso de seu passado colonial e de guerra, busca afirmar sua identidade em um contexto de reconstrução e desenvolvimento.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar teórico-metodologicamente esta pesquisa, com o tema *apagamentos e substituições de preposições na regência verbal do português falado em Luanda-Angola*, entendemos ser a Teoria da Variação e Mudança Linguística, formulada inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e expandida, principalmente, por Labov (2008 [1972]), adequada para análise do nosso fenômeno, pelo fato de ser uma teoria que focaliza a língua como um sistema heterogêneo que comporta regras categóricas e variáveis, admitindo que a variação é inerente a esse sistema e também é influenciada tanto com fatores internos como por fatores de natureza sociocultural.

Olhando pela complexidade linguística de Luanda, lugar escolhido como comunidade de fala no nosso estudo, a metodologia quali-quantitativa proposta por esses autores ajudará a comprovar, por meio das estatísticas dos dados que serão analisados, os fatores externos e internos à língua que estão na base da variação ou mudança linguística do português falado em Luanda.

#### 3.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRINCÍPIOS GERAIS

Na década de 1960, houve o surgimento da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, difundida especialmente com as pesquisas desenvolvidas por William Labov nos Estados Unidos. A teoria desenvolveu-se como uma resposta à necessidade de estudar a língua em uso, levando em consideração as variações sociais e rompendo, assim, com a teoria estruturalista de Saussure, que postulava a língua como um sistema homogêneo, que não poderia incluir aspectos socioculturais na análise linguística.

Para a obra-mãe atribuída ao linguista Saussure, *Curso de Linguística Geral*, a faculdade da linguagem manifesta-se em diferentes línguas e cada língua, por sua vez, dicotomiza-se em dois níveis, (i) o da *langue* e (ii) o da *parole*, representando o sistema linguístico, que denominou por sistema de signos, independentemente, de qualquer realização física individual. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125), ver a língua como primordial e a fala em segundo plano, desconsiderando o aspecto individual, seria algo ilusório, pois os autores entendem que a estrutura linguística inclui

a diferenciação ordenada das variedades e dos estilos, por meio de regras que governam a variação na comunidade de fala.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística trata da estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade de fala, ou seja, entende que é nesse espaço que se dá a interação entre língua e sociedade. Portanto, é a comunidade de fala e não o indivíduo que interessa mais aos estudos sociolinguísticos. Essa perspectiva rompe com a supremacia da homogeneidade, dando lugar à heterogeneidade na estrutura linguística.

Labov (1972) define comunidade de fala como grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que distinguem seus grupos de outros, comunicam-se mais entre si do que com outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante o uso da linguagem.

Weinreich, Labov e Herzog, (2006 [1968]) defendem que, numa língua que serve à comunidade de fala, ou seja, que considera o aspecto coletivo da língua, a ausência de heterogeneidade estruturada é o que seria disfuncional. Assim, se pode afirmar que a heterogeneidade é uma característica essencial do sistema linguístico, ou seja, a língua não pode operar sem a variação, pois isso comprometeria sua habilidade de se ajustar a diferentes contextos sociais e às diversas necessidades de expressão. Assim, a variação é fundamental para que a língua se adapte, evolua e acompanhe as transformações culturais

Ao mudar a perspectiva de estudo, a Sociolinguística Variacionista não mede a mudança no finco particular do indivíduo, tal como afirmado no parágrafo anterior, mas sim na estrutura social e linguística da comunidade de fala, ou seja, a mudança linguística deve ser entendida no contexto das interações sociais e dos padrões de variação existentes na comunidade. Ela não é apenas um processo pessoal, mas sim um processo coletivo que reflete a diversidade e a dinâmica da comunidade de fala.

É ainda importante referir que, segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 126), as gramáticas em que ocorrem a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala, o que nos faz compreender que as alterações na língua não ocorrem de forma isolada ou arbitrária, mas sim no âmbito das práticas comunicativas e das interações sociais dos membros de uma comunidade específica, para o caso desta pesquisa, Luanda.

No quesito da mudança linguística, a Sociolinguística, segundo Labov (1982), postula como objeto de estudo e fundamenta-se em dois princípios teóricos fundamentais: (i) a condição normal da comunidade de fala é a heterogeneidade. Esse

princípio afirma que a variação linguística é uma característica natural e comum em qualquer comunidade de fala, ou seja, dentro de uma mesma comunidade, as pessoas falam de maneiras diferentes devido a diversos fatores como idade, gênero, classe social, região, entre outros. O outro princípio é que (ii) a diversidade linguística é a norma, não a exceção. Aqui, nesse princípio, o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala, estabelecendo que, para entender e descrever uma língua de forma completa e precisa, é necessário considerar a gramática usada pela comunidade de fala como um todo e isso inclui todas as variações e usos linguísticos presentes dentro da comunidade.

Assim, os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística são importantes na comunidade de fala para análise do fenômeno variável.

Para melhor compreender esse conceito, na visão de Araujo (2005), a fala não é um elemento sujeito à imposição, ela é intrínseca ao indivíduo que constitui a comunidade de fala. Assim, podemos também ter um outro entendimento a respeito da comunidade de fala que diz o seguinte:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo, contrato, no uso de elemento da língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso. (Labov, 1972, p. 120-121).

Na teoria laboviana, toda mudança linguística é entendida como resultado da covariação de formas linguísticas alternantes. Isso significa que diferentes variantes coexistem em um determinado momento e lugar, sendo utilizadas pelos falantes para expressar a mesma informação. Essas variantes, embora distintas na forma, compartilham um significado básico. A interação dessas formas alternantes, juntamente com fatores sociais, estilísticos e contextuais que influenciam sua escolha, é o que impulsiona a evolução da linguagem.

É importante entender que essas variações não vão significar que ocorreu mudança linguística. Araujo (2005, p. 53) afirma que, quando uma determinada variável permanece estável ao longo do tempo, não significa que houve mudança, mas sim variação estável.

A mudança linguística só ocorre quando uma variante suplanta a outra. Quando há frequência maior de uma variante em relação a outra, pode ser uma mudança em curso ou variação estável.

Para resumir a ideia de variação estável e mudança linguística, pode-se aferir que, se as variantes coexistem sem que uma substitua a outra, temos uma variação estável, mas, se uma variante começa a predominar e, possivelmente, elimina a outra, ocorreu, nesse caso, uma mudança linguística.

A variação estável pode ser avaliada pela análise das variantes conforme a faixa etária. Os jovens e os idosos revelam o mesmo comportamento linguístico – uso mais frequente da variante inovadora, e os indivíduos da faixa intermediária apresentam menor frequência, o que pode ser explicado pelas pressões sociais a que estão expostos e que lhes exigem maior observância ao uso das formas linguísticas.

Com o que está exposto acima, essa abordagem será possível com a Sociolinguística Variacionista, que examina como e por que as línguas mudam ao longo do tempo, dando foco nas diferentes formas que uma língua pode assumir em diferentes contextos sociais e regionais. Para além disso, com esse modelo teórico-metodológico, a questão da mudança linguística voltou à cena nos estudos linguísticos, algo que estava ausente desde a Teoria Neogramática, no século XIX, a qual investigava a mudança após ser concluída, isto é, julgava-se que a mudança linguística só poderia ser estudada após ter se completado, ou melhor, depois que uma nova forma tivesse substituído completamente a antiga. Logo, a Teoria da Variação e Mudança Linguística argumenta que é possível estudar mudanças enquanto elas ainda estão em andamento, ao considerar, principalmente, falantes com diferentes faixas etárias, o que será feito na seção de análise de dados.

A consideração de diferentes faixas etárias relaciona-se ao conceito de “tempo aparente”, amplamente utilizado na pesquisa sociolinguística. A abordagem do tempo aparente baseia-se na suposição de que a língua de um indivíduo permanece relativamente estável após a idade adulta.

Dessa forma, ao comparar grupos etários distintos em um determinado momento, é possível inferir mudanças linguísticas sem precisar acompanhar os falantes ao longo do tempo. Há limitações a serem consideradas nessa abordagem. Uma das críticas é que ela assume que os mais velhos falam hoje da mesma forma que falavam quando eram jovens, o que pode não ser verdade. Além disso, mudanças linguísticas podem estar associadas a fatores geracionais, em vez de refletirem uma mudança em andamento.

Com o *corpus* utilizado na nossa pesquisa, faremos o controle do fenômeno variável em diferentes faixas etárias, para assim poder observar uma possível direção da

mudança linguística, por meio dessa abordagem do tempo aparente, que vai determinar se há mudanças na linguagem ao longo do tempo, especialmente de uma geração para outra.

Essa metodologia do tempo aparente desafia a divisão tradicional entre a análise diacrônica, que estuda mudanças linguísticas ao longo do tempo, e a análise sincrônica que examina a linguagem em um determinado momento, proposta por Ferdinand de Saussure no Curso de Linguística Geral.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista também analisa fenômenos linguísticos em tempo real, comparando mudanças concluídas, ao considerar intervalos grandes de tempo. Isso permite-nos entender melhor como e por que as línguas mudam.

No entender de Labov (2003), na sua obra *Anatomia do estilo: estratégias de narrativa na mídia e na conversa cotidiana*, *The Anatomy of Style: Strategies of Narrative in Media and Everyday Conversation*, a variação linguística é um fenômeno linguístico inerente às línguas humanas. O autor sugere que, quando uma forma alternativa é usada entre 5% e 95% das vezes, isso indica que há variação linguística. Quando uma forma é utilizada entre 95% e 99% das vezes, isso é considerado uma regra semi-categórica. Por último, quando uma forma é usada em 100% das ocorrências, isso indica que não há variação linguística e existe uma regra categórica.

Quando chegarmos à análise dos dados nesta dissertação, será observado se esses postulados da Sociolinguística Variacionista são aplicados ao tema a que se foi proposto investigar com este trabalho. Na subseção seguinte, será explanado ainda mais sobre princípios gerais da teoria variacionista de orientação laboviana, mas, em especial, serão focalizadas as cinco questões principais que devem ser consideradas numa pesquisa variacionista, que foram traduzidas por “cinco problemas”.

### 3.1.1 QUESTÕES CENTRAIS PARA UMA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS

Da obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (*Empirical Foundations for a Theory of Language Change*), publicada em 1968, por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), extraem-se os cinco problemas que a teoria da mudança deve resolver: (i) fatores condicionantes, (ii) transição, (iii) encaixamento (iv) avaliação e (v) implementação. O texto é mencionado, aqui, justamente, para

facilitar a discussão sobre variação e mudança linguística na comunidade de fala luandense. Esses problemas são explicados de forma sumária a seguir:

- (i) **Fatores condicionantes**, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 121), o possível objetivo para a teoria da mudança linguística é determinar o conjunto de mudanças e condições possíveis para mudança, motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Os autores mencionam que esses fatores se referem à necessidade de determinar quais são os limites ou condições que influenciam na ocorrência de mudanças. Argumentam também que é importante identificar os princípios gerais ou universais que facilitam ou restringem a mudança linguística.
- (ii) Na **transição**, para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122), entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente, se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura *A* evolui para estrutura *B*. Os autores discutem em torno da metodologia usada para estudar mudanças linguísticas ao longo do tempo.

A ideia principal é que, ao observar duas etapas diferentes de uma mudança em progresso dentro de uma língua (por exemplo, como uma palavra ou uma estrutura gramatical evolui de uma forma para outra), os pesquisadores da sociolinguística tentam identificar os estágios intermediários entre essas duas etapas. O estágio ocorre com falantes com sistemas heterogêneos, ou seja, trata-se do processo pelo qual uma mudança linguística ocorre. Isso pode envolver a adoção gradual de novas formas linguísticas, o abandono de formas antigas ou a transição de uma variedade linguística para outra.

- (iii) **Encaixamento**, o contexto linguístico que favorece um determinado tipo de mudança desencadeia outras em possíveis relações em cadeia. Segundo Lucchesi (2009, p. 140), esse problema pretende estudar como a mudança está sendo encaixada na estrutura linguística e na estrutura social da comunidade de fala.

Podemos compreender disso que o problema em questão está focado em analisar como uma determinada mudança linguística está sendo integrada tanto na estrutura da língua quanto na estrutura da sociedade, ou seja, o estudo está interessado em compreender como essa mudança está sendo refletida e assimilada na linguagem utilizada pelas pessoas (estrutura linguística) e como ela está afetando ou se

relacionando com a organização e os comportamentos sociais (estrutura social). Em suma, para resolução desse problema, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 96) apontam que é o estudo de suas inter-relações estruturais com elementos linguísticos que circundam.

- (iv) O estudo da **avaliação** consiste em avaliar o impacto e a extensão da mudança linguística. Isso pode incluir a análise das atitudes dos falantes em relação à mudança, sua aceitação ou resistência e o papel das instituições linguísticas na promoção ou inibição da mudança. Neste ponto, avaliação das mudanças deve-se estabelecer empiricamente às correlações subjetivas das variáveis, na estrutura heterogênea.

Para dar ênfase a esse problema da avaliação, Lucchesi diz:

O caminho que a sociolinguística aponta para superar esse impasse da avaliação é o de primeiramente encarar a língua como um sistema que desempenha uma série outras funções dentro da comunidade (principalmente as funções sociais e ideológicas, nas quais, na interação linguística, o falante se identifica socialmente e identifica o seu interlocutor. Por outro lado, a sociolinguística propõe também uma quebra na identificação entre homogeneidade e funcionalidade. (Lucchesi, 2004, p. 179).

Portanto, pode-se compreender que a Sociolinguística trata a língua não apenas como um meio de comunicação, mas como um elemento fundamental na formação e expressão das identidades sociais e que, ao contrário do que se poderia pensar, a variação e a diversidade na língua são compatíveis com sua funcionalidade dentro de uma comunidade.

- (v) Por último, em relação ao problema da **implementação**, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124) apontam que o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. Os autores acrescentam também que a mudança começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala, no processo da implementação.

Para dialogar com essa ideia, Lucchesi (2004, p. 179) afirma, inicialmente, que o modelo sociolinguístico tem dado um destaque especial ao problema da implementação, o que deve ser tributado ao fato de esse modelo manter o enquadramento da questão da mudança nos termos de suas causalidades, já observado no enquadramento estrutural-funcional. Nesse sentido, compreende-se que o problema

da implementação trata dos meios pelos quais uma mudança linguística é efetivamente realizada na prática, o que pode envolver questões como o papel da educação, da mídia e das políticas linguísticas na disseminação ou contenção da mudança.

Em suma dos cinco problemas, vale destacar que esses elementos são interconectados e primordiais para entender como e por que as línguas mudam ao longo do tempo.

Assim, de acordo com a vertente sociolinguística, a mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada, sendo, pois, a associação entre estrutura e homogeneidade uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação da comunidade de fala.

Outra questão que deve ser levada em consideração é que nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade e a mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo, não estando confinada a etapas discretas dentro da família.

A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea, envolve a variação de mudanças associadas durante o tempo. Houve, portanto, o rompimento da estrutura homogênea para heterogêneo, na medida em que o modelo da sociolinguística permite o reconhecimento de que a análise estritamente linguística é incapaz de dar conta do processo de mudança.

Perante tudo o que foi dito acima, esta dissertação, que se dedica à investigação das substituições e apagamentos de preposições na regência verbal do português falado em Luanda, procurará identificar os fatores que condicionam os fenômenos em causa, seguidamente, encaixar quais desses problemas se aplicam no nosso estudo. Ressalta-se, contudo, que, levando em consideração, principalmente, o *corpus* analisado nesta dissertação, cuja comunidade de fala é marcada pelo multilinguismo, serão feitas algumas explanações sobre o contato linguístico, na próxima seção, numa perspectiva teórica.

### 3.2 CONTATO ENTRE LÍNGUAS

A teoria do contato linguístico é fundamental para explicar o português de Angola devido ao contexto histórico, social e cultural em que essa variedade do português se desenvolveu. Essa teoria ajuda a compreender como o português angolano foi moldado pelas interações entre línguas e culturas no país.

Segundo Savedra *et al.* (2021), a Sociolinguística de Contato é uma área de estudo que investiga as variações e mudanças linguísticas causadas pelo contato entre línguas. A partir de contribuições teóricas de autores como Thomason (2001), Winford (2003) e Weinreich (1953), as pesquisas nesta vertente teórica abordam como línguas em contato geram efeitos variados, desde mudanças nos sistemas linguísticos até a criação de novas línguas, como *pidgins* e crioulos. Esses estudos também consideram as características de bilinguismo, diglossia e a manutenção ou morte de línguas em situações minoritárias, destacando a importância dos contextos históricos, sociais e políticos. Além disso, discutem a relevância das políticas linguísticas e da ecologia da língua, indicando que as interações linguísticas devem ser comprovadas em relação ao ambiente social

Sendo assim, cabe mencionar que o português foi introduzido em Angola durante o período colonial, como já referido na seção da sócio-história, estabelecendo-se como língua oficial e de administração. Portanto, Angola é um país multilíngue, onde diversas línguas bantu, como o kimbundu, umbundu e kikongo, sempre foram amplamente faladas e o contato intenso e prolongado entre o português e essas línguas locais levou a características específicas, tais como apagamento e substituição de preposição em contexto de regência verbal no português falado em Angola.

Diante do panorama sociolinguístico de Angola, e se se pensar num diálogo com a variedade brasileira, Lucchesi (2009) afirma:

O caminho através do qual certos processos de variação e mudança induzidos pelas situações de contato maciço do português com as línguas indígenas e africanas puderam penetrar nas camadas médias e altas, generalizando-se no português brasileiro como um todo (Lucchesi, 2009, p. 55).

Se a variedade do português brasileiro é formada pela participação das línguas africanas, como apontam os estudos de Matos e Silva (2004), Fiorin e Petter (2008), Lucchesi (2014), o que seria, então, a variedade do português angolano, que coexiste dentro de um espaço multilíngue?

Acredita-se que a língua portuguesa transplantada em Angola apresenta suas particularidades, devido a uma motivação sócio-histórica, por conta do intenso contato linguístico, tal como ocorreu no Brasil.

A formação do português falado em Luanda é fruto do contato linguístico entre o português e as línguas bantu de Angola, que sempre estiveram em convívio desde 1482, data em que os portugueses chegaram naquela parcela do continente africano, até aos dias de hoje. Considerando a realização do português em Angola, não se pode descartar a aplicação da teoria da Sociolinguística de Contato para uma análise teórico-metodológica adequada. Essa abordagem contribui para a compreensão dos padrões sociolinguísticos que derivam da origem ao que hoje se denomina português de Angola (PA). Trata-se de uma variedade em processo contínuo de formação, na qual estudos descritivos dessa natureza desempenham um papel crucial para sua construção e contribuições, à semelhança do que ocorreu e ainda ocorre no Brasil.

Segundo Winford (2003, p. 01), o estudo dos efeitos do contato linguístico tem sido um ponto focal de interesse para os linguistas desde o período inicial do estudo científico da linguagem no século XIX.

Durante o auge dos estudos da Linguística Histórica, no século XIX, o contato linguístico foi um tema crucial para entender a mudança linguística. Nomes importantes da linguística, como Schmidt (1872), Muller (1875), Schuchardt (1884) e Paul (1886), dedicaram muita atenção ao fenômeno do contato entre línguas. No século XX, o tema continuou a ser relevante, com contribuições de figuras proeminentes como Sapir (1921), Bloomfield (1933), que foram pioneiros do estruturalismo.

Embora o contato linguístico tenha se tornado um pouco menos central durante o auge do estruturalismo, entre os anos 1940 e 1960, ele nunca foi completamente marginalizado e permaneceu uma área significativa de estudo na linguística.

Para esta pesquisa, no assunto referente ao do contato entre línguas, vai-se focar a abordagem à Sociolinguística de Contato, proposta por Weinreich (1953), por se tratar de um estudo inicial e referenciado na teoria do contato linguístico.

Inicialmente, a Sociolinguística de Contato tem como pioneiro o norte americano Uriel Weinreich (1953), com a sua obra *Languages in contact: findings and problems*. É um estudo pioneiro sobre o fenômeno do contato entre línguas, fazendo uma abordagem das consequências linguísticas que ocorrem quando falantes de diferentes línguas interagem regularmente, seja devido à migração, colonização (caso específico de Angola), comércio ou outras formas de comunicação intercultural.

O autor também explora, na sua obra, como os indivíduos e as comunidades desenvolvem e mantêm proficiência em mais de uma língua, além de como essas línguas influenciam umas às outras, e, para o nosso caso, estaríamos a falar do português com as línguas umbundu, kimbundu, kikongo e outras línguas nacionais de Angola. Discute-se também os tipos de interferências que ocorrem, quando estruturas gramaticais ou lexicais de uma língua afetam a outra, resultando em mudanças na fonética, sintaxe, semântica e pragmática.

Um outro estudo pioneiro da sociolinguística de contato é o de Einar Haugen (1959). O texto trata das contribuições durante a década de 1950. Especificamente, destaca duas principais ideias:

a) A pioneira da Ecologia da Língua (*Ecology of Language*), que propôs analisar a linguagem a partir de uma perspectiva ecológica, o que implica entender a linguagem dentro de um contexto mais amplo, considerando fatores como o ambiente social, cultural e político em que as línguas são usadas e evoluem. Essa abordagem ecológica vê a língua como um componente de um ecossistema maior, influenciado por várias interações entre indivíduos, comunidades e sociedades.

b) A segunda seria então o Planejamento Linguístico (*Language Planning*). Aqui, o autor conceituou planejamento linguístico como aquilo que se refere às políticas e estratégias desenvolvidas para influenciar o uso e a estrutura das línguas dentro de uma sociedade. Essa perspectiva política do estudo da língua envolve ações deliberadas para promover, preservar, modificar ou suprimir determinadas línguas ou variedades linguísticas, com o objetivo de alcançar metas sociais, culturais ou políticas específicas.

Com essas duas ideias principais de Haugen (1959), pode-se compreender que a perspectiva ecológica e política no estudo das línguas apresenta uma visão mais ampla e integrada do contato linguístico e das influências externas sobre as línguas, o que não escapa da realidade sociolinguística de Angola.

Assim, pensando no multilinguismo, que é a coexistência de diferentes comunidades linguísticas dentro de um mesmo território, independentemente de este território ter soberania política ou não, essa situação de contato é mais comum, segundo Silva (2022, p. 35 *apud* Bagno 2017, p. 297), nas sociedades humanas, sendo muito raro encontrar exemplos de sociedades que sejam absolutamente monolíngues, ou seja, onde apenas uma língua é falada por todos os habitantes.

Para compreender o multilinguismo em Angola, particularmente em Luanda, é necessário fazer um recuo ao tempo. A presença dos portugueses no país, desde 1482,

como mencionado anteriormente nesse texto, provocou o contato entre as línguas bantu (principalmente, kimbundu e umbundu) e a língua neolatina, que apresentam estruturas sintáticas diferentes, como aponta Mingas (2000, p. 66).

O contato com outras línguas e com outras realidades sociais, culturais e políticas é apontado como uma das principais causas de mudança e variação linguística. Desse modo, visto que nenhuma língua é uniforme, o convívio do português europeu (PE) com as demais línguas africanas angolanas tem influenciado, grandemente, na ocorrência de vestígios de mudança e variação linguística, sobretudo, ao nível da morfossintaxe, que é da nossa pesquisa.

Para que haja contato, são necessárias pelo menos duas línguas ou mesmo duas variedades dessas línguas (Mota, 1996, p. 509). Para o caso específico de Angola, um outro elemento que acelerou o contato linguístico interno, sobretudo na capital do país, não obstante a presença dos portugueses, foi o conflito armado que durou mais de 20 anos, o que levou a população do interior a se concentrar em Luanda e em outras cidades onde havia menos risco de morte. Como resultado, depois da conquista da paz, em 2002, esse povo oriundo do interior do país ficou concentrado nas zonas urbanas, causando a coabitação linguística no país todo.

A história social de Angola, que não se isenta na análise sociolinguística, evidencia que o português foi posto como língua obrigatória antes do período colonial, colocando-o no ápice das demais línguas faladas no país. Essa hegemonia tornou o português língua da classe alta e língua dominante, enquanto as nacionais como língua dos não escolarizados e língua sem prestígio. Para Winford (2003, p. 01), fatores sociopolíticos que operam tanto no nível individual quanto no nível do grupo, como atitudes em relação às línguas, motivações para usar uma ou outra e assim por diante, também são importantes na compreensão do fenômeno linguístico.

Para concordar com o que foi exposto acima, Araújo, Almeida e Abreu (2020), fazendo uma análise referente às políticas e contatos linguísticos acerca de questões para pesquisas no Brasil, afirmam:

Eventos que tratam da temática das políticas e contatos linguísticos são cruciais para um conhecimento mais abrangente da identidade sociolinguística brasileira, especialmente no que se refere à história da constituição do português do Brasil, no contato com as línguas indígenas, africanas e de imigração, contribuindo para a construção do pensamento nessa área. (Araújo; Almeida; Abreu, 2020, p.38).

Compreende-se que a política linguística coerciva usada em Angola, com o decreto de Norton de Matos, antigo governador da Nova Lisboa, atual província do Huambo, que proibiu o uso das línguas nacionais e obrigou aplicação do português em todo o aparato da administração pública, na era colonial, é um fato que nos ajuda a ter um entendimento melhor da língua que está sendo falada hoje em Angola.

Por outro lado, Bagno e Galvão (2017, p. 17) afirmam que forças correlativas às mudanças ao longo da história afetam significativamente o estágio atual da língua. Assim, as transformações históricas têm um impacto considerável na forma de encarar a língua na atualidade e essas mudanças podem incluir aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos, que, ao longo do tempo, moldaram e continuam a moldar a língua.

A imposição linguística e o contato entre línguas que ocorreu em Angola, sem pensar na língua materna do falante angolano levou ao paradoxo do que é hoje chamado de português falado em Angola. Como consequência, há as diglossias no país todo, podendo se verificar o uso de várias línguas num único espaço geográfico.

Ferguson (1959), no seu livro *Diglossia*, discute a relação entre duas variedades de uma língua dentro de uma comunidade linguística. Introduz o conceito de diglossia para descrever situações em que uma variedade da língua é usada em situações formais, como na escrita e em discursos públicos, enquanto outra variedade é usada na comunicação informal e cotidiana. O autor acrescenta também que essa divisão de variedades linguísticas, muitas vezes, reflete divisões sociais e de status na comunidade.

O autor destaca ainda que, em muitos casos de diglossia, a variedade de prestígio (usada em situações formais) tende a ser mais arcaica e conservadora, enquanto a variedade de baixo prestígio (usada em situações informais) é mais inovadora e se desenvolve de forma mais dinâmica. A olhar para a atual Angola, é perceptível em alguns contextos de fala da classe alta, como é esperado, o conservadorismo linguístico, mas com marcas de fala com influência de línguas africanas. Já aquelas que assim não se procedem são tidos como pessoas de baixa classe. Logo, podemos afirmar que o português, língua padrão e dominante em Luanda, é a que pertence à variedade alta ou prestigiada, mas o vernacular, que interessa à pesquisa sociolinguística e que representa a maioria em Angola, é a da classe baixa.

Partindo do pressuposto de que Luanda não é uma cidade monolíngue — embora o fenómeno da monolinguização venha se manifestando entre os mais jovens —

observa-se, por outro lado, a presença do bilinguismo. Silva, ao estudar *os clíticos pronominais no português falado em Luanda*, nota o seguinte:

Luanda apresenta uma realidade sociolinguística na qual há “diglossia e bilinguismo”, visto que muitos luandenses falam o português e uma ou mais língua africana, e uma “diglossia sem bilinguismo”, pois a língua portuguesa, nessa realidade multilíngue, entre os mais jovens, tem sido a única língua falada por muitos indivíduos. (Silva, 2022, p. 36),

Pode-se perceber dois aspectos nesse sentido sobre Luanda:

- a) Diglossia e bilinguismo: Em Luanda, muitos habitantes falam português junto com uma ou mais línguas africanas (como o kimbundu, umbundu, kikongo e mais línguas). Isso caracteriza uma situação de bilinguismo, em que os indivíduos são capazes de usar mais de uma língua no seu dia a dia. A "diglossia" refere-se ao uso de duas línguas ou dialetos de forma complementar, geralmente uma para situações formais e outra para situações informais. Logo, na prática, esses indivíduos alternam entre o português e as línguas de Angola dependendo do contexto social.
- b) Diglossia sem bilinguismo: Primeiramente, a expressão "diglossia sem bilinguismo" se refere a um fenômeno em que, entre os jovens luandenses, o português é a única língua falada. Isso implica que, embora haja uma diversidade de línguas na sociedade (diglossia), muitos jovens não aprendem ou usam as línguas africanas tradicionais, ficando restritos ao uso do português. Isso resulta em uma geração que vive em uma sociedade multilíngue, mas que é monolíngue na prática.

Diante de tudo isso, diferentemente do Brasil, que transitou de um multilinguismo generalizado para o localizado (Mattos e Silva, 2004), a realidade angolana foi contrária. Ela continuou com o multilinguismo generalizado porque as línguas africanas continuam sendo faladas nos dias de hoje, provando, assim, grandemente, a variação linguística no PA.

Lucchesi (2019) discute como situações de contato maciço entre línguas levam a mudanças estruturais na língua alvo, que não resultam necessariamente na formação de um *pidgin* ou crioulo, mas sim numa variedade da língua dominante que apresenta alterações gramaticais significativas devido ao contato.

Fazendo jus ao que aconteceu em Angola, podemos pensar na hipótese de Lucchesi (2019, p. 95), afirmando que, em circunstância histórica em que houve intenso

contato linguístico, ocorre um processo de Transmissão Linguística Irregular (TLI)? Para responder a essa questão, Faraco (2016, p. 60) diz que o processo que ocorreu em Angola foi uma TLI do Tipo Leve, uma vez que a ocorrência do processo envolveu ajustes menos drásticos na língua ou na identidade cultural, preservando de maneira significativa os aspectos originais enquanto ainda se adaptava a novos contextos ou influências.

Assim, pode-se afirmar diante dessas possibilidades todas sobre as semelhanças do português angolano, que há um *continuum* nas variedades africanas, como aponta Petter:

As diferentes situações de contato, em épocas diversas, mas envolvendo o português e um conjunto de línguas muito próximas, às do grupo banto, produziram alguns resultados semelhantes nos níveis fonológico, lexical e morfossintático, que nos permitem defender a existência de um *continuum* afro-brasileiro de português (Petter, 2007, p. 01).

Desta citação, percebe-se que o contato entre o português e as línguas bantu, em diferentes períodos históricos, resultou em semelhanças nas áreas fonológica, lexical e morfossintática e essas semelhanças permitem argumentar uma variação contínua e integrada do português influenciada pelas línguas bantu.

Dessa forma, podemos afirmar que a variedade angolana caminha para um processo de reestruturação significativa no que diz respeito ao uso da regência verbal, algo que diz muito sobre influência das línguas nacionais, podendo assim a variedade angolana ser diferenciada em relação à variedade europeia. Nessa lógica, concorda-se com Petter (2007, p.09), que diz existir um *continuum* nas variedades de português africano e americano.

Entretanto, o contexto de intenso contato linguístico em Angola levanta a hipótese de que o português falado no país se desenvolve por meio de um processo de transmissão linguística irregular, conforme apontam Lucchesi e Baxter (2009), ao argumentarem que o contato massivo entre falantes de línguas distintas pode alterar os processos gramaticais da língua. À semelhança do que aconteceu com formação do português brasileiro e com mais intensidade em Angola, onde as línguas bantu são faladas até hoje, a teoria do contato e a transmissão linguística irregular poderão facilitar na análise do fenômeno de apagamentos e substituições de preposições na regência verbal do português falado em Luanda.

### 3.3 TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: UM BREVE PANORAMA A PARTIR DE LUCCHESI E BAXTER (2009)

A transmissão linguística irregular (TLI) é um fenômeno que emerge em contextos de contato linguístico e que se caracteriza por uma dinâmica de aquisição de língua distinta daquela observada em situações de transmissão regular. Segundo Lucchesi (2009), este processo ocorre em comunidades nas quais há uma convivência prolongada e intensa entre diferentes línguas ou variedades linguísticas, gerando transformações estruturais que se tornam perenes no repertório linguístico dos falantes.

O panorama linguístico de Angola passou por vários processos de transformação, desde a chegada dos portugueses até aos dias de hoje. Um desses processos foi a imposição linguística no período de 1921, com o decreto de Norton de Matos, que proibia o uso das línguas bantu, trazendo consigo a obrigatoriedade do uso do português no país.

De acordo com Matos (1953), o decreto nº 77/1921 de 9 de dezembro de 1921, de Norton de Matos, que estabelecia a obrigatoriedade do ensino de português nas escolas e nas catequese, previa, no seu art.1º o seguinte: “É vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas, o emprego das línguas indígenas por escrito”.

Esse decreto reflete a política colonial portuguesa no início do século XX, que visava centralizar e unificar a administração e cultura das colônias africanas sob o domínio e os valores de Portugal. Tal decreto é emblemático de uma estratégia de assimilação cultural e linguística, focada na imposição do português como única língua legítima no ensino, na catequese e em interações formais com a população. Nesse contexto, o decreto visava tanto à extinção do uso formal das línguas africanas quanto ao fortalecimento do português como única língua oficial e legítima no ensino e nas práticas religiosas.

Essa proibição tinha o objetivo de impedir que as línguas nativas se desenvolvessem como línguas literárias ou acadêmicas, limitando-as à oralidade e reforçando a hegemonia do português como veículo de conhecimento e cultura.

Na senda dos decretos que forçavam Angola a falar o português, surge o decreto-lei n.º 39.666, de 20 de maio de 1954, que promulgou o Estatuto dos Indígenas Portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique. No seu artigo art. 56º estabelecia o seguinte:

Pode perder a condição de indígena e adquirir a cidadania o indivíduo que prove satisfazer cumulativamente aos requisitos seguintes:

- a) Ter mais de 18 anos;
- b) Falar corretamente a língua portuguesa;
- c) Exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim;
- d) Ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses;
- e) Não ter sido notado como refratário ao serviço militar nem dado como desertor (Estatuto dos Indígenas Portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique, 1954, p. 22).

Ao destacar a linha b, percebe-se que a exigência de que os indígenas falem corretamente a língua portuguesa como condição para adquirir a cidadania portuguesa no contexto do *Estatuto dos Indígenas Portugueses* de 1954 revela uma política colonial de exclusão e assimilação cultural. A obrigatoriedade de domínio da língua portuguesa não era apenas uma questão prática, mas simbólica e ideológica, pois essa exigência não apenas expressava uma política de exclusão baseada no eurocentrismo, mas também perpetuava o controle sobre os povos colonizados ao estabelecer barreiras para o reconhecimento de sua plena cidadania. A língua era, portanto, um dos pilares da política de assimilação, que buscava superar os locais culturais e impor a hegemonia cultural portuguesa.

Diante disso, percebe-se que o português foi imposto pelos portugueses de maneira a se expandir no país e facilitar o domínio da política na altura, excluindo as línguas bantu e obrigando o povo a aprender o português de maneira adversa. Assim, o conceito de transmissão linguística irregular proposto por (Lucchesi; Baxter, 2009) é coerente também para explicar a formação do português falado em Angola.

Lucchesi e Baxter afirmam o seguinte:

O conceito de transmissão linguística irregular é aqui tomado para designar amplamente os processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas, entre os séculos XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania. Nas diversas situações de dominação que se constituíram nesse contexto histórico, a língua do grupo dominante, denominada língua de superstrato ou língua-alvo, se impõe, de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado, em função de sua sujeição e marginalização. (Lucchesi; Baxter, 2009, p. 101).

Durante o período de colonização, povos de diferentes regiões foram colocados em contato uns com os outros, muitas vezes de forma forçada, devido à expansão colonial europeia. Esse contato envolvia grupos que falavam línguas com estruturas e origens muito diferentes entre si. Por exemplo, povos africanos com línguas bantu interagem com colonizadores europeus que falavam línguas como o português.

Nesse contexto, muitos angolanos adquiriram o português como segunda língua, influenciados pelas estruturas de suas línguas maternas bantu. O aprendizado incompleto e a transmissão intergeracional do português em condições de contato linguístico resultaram em modificações significativas na variedade do português angolano.

Diferentemente de crianças, que têm mais facilidade para aprender línguas de maneira natural, os adultos aprendem de forma mais consciente e, muitas vezes, com mais dificuldade. No contexto colonial, essa aprendizagem era ainda mais dificultada pelas condições adversas e pela falta de acesso a uma educação formal.

Sobre dificuldade da aprendizagem, Lucchesi e Baxter afirmam:

quando uma população de adultos, falantes de línguas diferenciadas e mutuamente ininteligíveis a adquirir uma segunda língua (L2) emergencialmente em função de relações comerciais ou de sujeição, a variedade dessa língua-avo (LA) que se forma apresenta uma forte redução em estrutura gramatical, já que só os elementos essenciais, necessários, ao preenchimento das funções comunicativas básicas são mantidos (Lucchesi e Baxter, 2009, p. 102).

O fato de esses falantes terem sido, em determinado período, obrigados a utilizar o português comprova a ideia de que suas línguas nativas como o umbundu sempre ocuparam o papel de L1. Assim sendo, a transmissão linguística irregular é coerente para explicar o atual panorama sociolinguístico de Angola, partindo da hipótese de que, se um falante aprendeu o português de alguém que não teve a língua do colonizador como L1, claramente, esse terá aprendido com algumas estruturas gramaticais diferente do português europeu. O apagamento e a substituição de preposições em contexto de regência verbal é um dos exemplos do que seria essa estrutura diferente.

Mateus *at. all*, (2003) sobre as situações de contato, dizem:

Qualquer língua natural varia ao longo do tempo e do espaço da sua utilização. Varia ao longo da sua própria história como varia ao longo da vida dos falantes que a utilizam quer como língua materna quer como língua não

materna. Varia de região para região onde é utilizada, varia em função do contacto com outras línguas, varia em função das pertenças sociais e culturais dos seus falantes, varia em função das próprias situações em que é utilizada (Mateus *at.all*, 2003, p. 33).

Assim, pode-se afirmar que essas estruturas do PA diferentes do PE resultam do contato linguístico, da imposição linguística e das interações sociais pelas quais o país passou no período colonial.

Por fim, transmissão linguística irregular, conforme delineada por Lucchesi e Baxter (2009) oferece uma perspectiva essencial para compreender os processos de variação e mudança linguística em contextos de contato. Ao enfatizar o papel das condições sociais e históricas na formação de variedades linguísticas, essa abordagem contribui para uma visão mais abrangente da dinâmica linguística em sociedades multilíngues. Ademais, ela destaca a importância de considerar as relações de poder e desigualdade como fatores centrais na reconfiguração das línguas.

## **4 DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA**

A seção tem como objetivo organizar e resumir diferentes perspectivas sobre a regência verbal, com abordagens contemporâneas, além de comparar variedades do português.

### **4.1 PANORAMA DA REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO OS COMPÊNDIOS GRAMATICAIS**

Nesta subseção, serão apresentadas as perspectivas normativas sobre a regência verbal, procurando trazer os pontos convergentes e divergentes no olhar da tradição gramatical. Por tanto, far-se-á recurso às gramáticas de Lima (1978), Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001). Como Angola não dispõe de gramáticas descritivas, será estabelecido um diálogo com as abordagens das gramáticas brasileiras de cunho científico e descritivo de Perini (1996), Mateus et al. (2003) e Castilho (2016).

Segundo Lima (1978), a regência verbal trata da relação entre os verbos e os termos que os complementam. Lima (1978, p. 307) destaca que, em função do tipo de complemento que requerem para forma de expressão, assim os verbos podem classificar-se da seguinte maneira:

- a) Intransitivos, que, encerrando em si a noção predicativa, dispensam quaisquer complementos;
- b) Transitivos diretos, que exigem a presença de um objeto direto;
- c) Transitivos indiretos, que pedem a presença de um objeto indireto;
- d) Transitivos relativo, que apresentam um complemento preposicional ou não, chamado relativo;
- e) Transitivos circunstanciais, que recorrem a um complemento preposicional ou não, chamado de circunstancial;
- f) Bitransitivos, que têm concomitantemente um objeto direto e indireto, ou um objeto direto e um complemento relativo.

Lima (1978) defende que a escolha correta da preposição em relação aos verbos é fundamental para a clareza e a precisão na construção das frases. A regência verbal, que envolve a relação entre o verbo e seus complementos, muitas vezes, exige o uso de

preposições específicas e essas preposições podem modificar ou definir o sentido da frase, e o uso inadequado pode levar a ambiguidades ou erros de interpretação.

Importa destacar que para Rocha Lima, os verbos de movimento são considerados transitivos circunstanciais. Os transitivos indiretos, por sua vez, são aqueles cujos complementos são comutáveis por *lhe*.

Assim sendo, um aspecto relevante na gramática de Rocha Lima é a essencialidade das preposições, que traduzem clareza na comunicação, ou seja, a preposição “correta” garante que a mensagem seja transmitida de maneira clara e precisa. Rocha Lima (1978) faz referência ao verbo *assistir*, que pode ser transitivo direto ou indireto dependendo do sentido, como em *assistir o filme* (no sentido de tomar conta) ou *assistir ao filme* (no sentido de ver).

De modo semelhante a Lima, Bechara (2001) define regência verbal como a relação de dependência que se estabelece entre um verbo e seu complemento. Essa relação determina quais preposições, se houver, são necessárias para ligar o verbo aos seus complementos, sejam eles objetos diretos ou indiretos.

Nesta senda, Bechara (2001, p. 566) afirma que a omissão de preposição em regência verbal parece ser mais natural quando não se combina com artigo. Quanto ao uso da preposição, o autor aponta que a regência verbal, muitas vezes, implica o uso de preposições específicas que conectam o verbo ao seu complemento, conforme as normas gramaticais do português. Exemplo, o verbo *gostar* exige, naturalmente, a preposição *de*, o que seria nessa perspectiva, por exemplo, “gosto *de* comer bolo”. Para exemplificar, outra vez no caso de Angola, apresentam-se duas sentenças em que a preposição *de* é apagada, extraídas da fala de um participante com português L1, de nível de escolaridade básica ou ensino primário, dos 21 a 35 anos de idade, faixa A, nível I, do *corpus* da nossa pesquisa:

(5) *nunca robei a ninguém, gosto trabalhar com meu suor*

(6) *Eu gosto dar muitos conselhos porque eu trato bem os meus amigos*

Verifica-se, mais uma vez, no caso de Angola, o uso da regência verbal ocorrendo de maneira diferente da gramática tradicional.

Cunha e Cintra (2001, p. 517) definem regência como a relação estabelecida entre duas palavras, em que uma delas serve de complemento a outra. Quanto à regência verbal, o autor define-a como ligação de um verbo com seu complemento, fazendo-se diretamente sem uma preposição intermédia, quando o complemento é objeto direto.

Por outro lado, ela também se faz indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é indireto.

Os autores afirmam que as relações de regência podem ser indicadas das seguintes formas:

- (i) Pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
- (ii) Pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
- (iii) Pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Diante dessas possibilidades apresentadas pelos autores e a olhar pelos objetivos desta pesquisa, que é estudar o fenômeno de apagamentos e substituições de preposições em regência verbal, ater-se-á, simplesmente, à linha (ii), que trata da relação estabelecida pelas preposições.

Dentro da diversidade e igualdade de regência, Cunha e Cintra (2001) afirmam que há verbos que admitem mais de uma regência. Isso significa que a regência dos verbos pode variar, não apenas conforme regras gramaticais estritas, mas também de acordo com as variações de uso, contexto. Depreende-se também dessa ideia a importância da regência verbal na estrutura e no significado das frases em português, o que leva à reflexão sobre a capacidade de um verbo admitir múltiplas regências demonstrando a riqueza e a complexidade da língua, em que pequenas mudanças na estrutura podem resultar em significados diferentes.

No caso de Angola e Brasil, na linguagem coloquial, o verbo *assistir* com a preposição apagada não tem o sentido de ajudar, prescrita pela gramática normativa. Cunha e Cintra (2001, p. 520) afirmam que uma tradição gramatical ensina que o verbo *assistir* é transitivo indireto no sentido de estar presente, presenciar. Ainda acrescentam os autores que o significado do referido verbo deve ser encabeçado pela preposição *a*, o que se vai descobrir se ocorre ou não na variedade da comunidade de fala pesquisada.

Para melhor entendimento, apresentam-se duas sentenças de participante masculino, escolaridade superior, extraídas do *corpus* dessa pesquisa.

(7) *Olha, eu **assisto normalmente telejornal**, de vez em quando o Ecos e Factos”.*

(8) *eu **gostava muito de assistir** o boxe, porque era violento”*

Esses exemplos levam ao entendimento da diversidade de regência, o que é uma característica importante para entender a variação sintática dos verbos em português.

Para terminar esse ponto de vista, Cunha e Cintra (2001) também afirmam que, na linguagem coloquial brasileira, o verbo *assistir* constrói-se, em tal acepção, de preferência com o objeto direto e que escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Quem dialoga com esse ponto de vista é Faraco e Moura (2001, p. 513), asseverando que, atualmente, no Brasil, o verbo *assistir* é empregado como transitivo direto. Na análise e interpretação dos resultados desta pesquisa comprovaremos, se diante deste fato, Angola dialoga com Brasil no processo de regência verbal.

As análises de Rocha Lima (1978), Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2001) convergem nas definições de regência verbal. Esses autores definem a regência verbal como a relação de dependência que se estabelece entre um verbo e seus complementos. Essa relação regula o uso das preposições que conectam o verbo aos elementos complementares da oração.

Rocha Lima (1978) e Cunha e Cintra (2001) abordam a regência verbal de forma introdutória e tradicional, distinguindo entre regência direta (sem preposição) e indireta (com preposição), enquanto Bechara (2001) aprofunda a análise, considerando aspectos formais e semânticos, e Mateus et al. (2003), em uma perspectiva descritiva externa ao português europeu, destaca como variação e mudança linguística.

Agora será o tratamento da análise da regência verbal em gramáticas descritivas.

Inicialmente, Perini (1996), oferece uma abordagem detalhada e descritiva da regência verbal. O autor diferencia-se das gramáticas normativas ao focar mais na observação e descrição do uso real da língua, em vez de prescrever regras estritas. Um dado importante que nos faz referenciar Perini (1996) é o fato de ele argumentar que a descrição precisa da regência verbal deve estar ancorada em como os falantes nativos realmente utilizam a língua, ou seja, para descrever corretamente a regência verbal é essencial basear-se na maneira como os falantes nativos realmente usam a língua em suas interações cotidianas. Isso implica observar e registrar os padrões reais de fala e escrita das pessoas, em vez de depender apenas de regras gramaticais fixas ou teóricas.

Perini (1996, p. 159), sobre o fenômeno de regência verbal, começa por descrever o verbo *gostar*, que será também alvo de análise desta pesquisa. Na sua abordagem, afirma que, caso se construa uma oração cujo Ndp (Núcleo do Predicado) é desempenhado pelo verbo *gostar*, teremos de incluir também um adjunto circunstancial precedido da preposição *de*: “*todo o gato gosta de sardinha*”. Assim, se se quiser analisar essa estrutura sob o ponto de vista sintático, o termo *de sardinha* pode ser

interpretado como um adjunto adnominal que especifica o objeto indireto exigido pelo verbo *gostar*. Em outras palavras, o adjunto adnominal precedido da preposição *de* ajuda a construir a ideia completa transmitida pelo verbo.

Essa ideia de se exigir a regência do verbo *gostar*, avança o autor, parte das gramáticas normativas, considerando que a ausência de tal preposição causa inaceitabilidade, uma vez que é um verbo que tradicionalmente exige a presença de *de* antes de seu complemento.

Tal como foi afirmado anteriormente neste trabalho, as regras tradicionais da gramática portuguesa determinam que certos verbos exigem preposições específicas para se conectar adequadamente aos seus complementos. Para o contexto aqui analisado, o autor diz que essa relação de dependência é assimétrica, pois não se poderia dizer que a preposição é que rege o verbo, já que *de* ocorre em muitas construções sem *gostar*. Destaca-se que a relação termo regido e regente manifesta-se de formas bastante variadas, o que será destacado em diferentes variedades da língua portuguesa nos próximos itens.

Perini (1996, p. 160) afirma que os verbos fazem exigências quanto à presença de certos termos em sua oração. Isso implica que cada verbo possui uma estrutura específica que determina como ele se conecta a seus complementos e quais elementos gramaticais, como preposições, são necessários para completar seu significado na frase.

O autor faz uma crítica à classificação tradicional da transitividade verbal.

Primeiramente, defende que a classificação tradicional simplifica excessivamente a complexidade da regência verbal. No seu entender, os verbos podem ter usos variados e contextuais que não se encaixam perfeitamente nas classificações prescritas pela gramática tradicional. Seguidamente, chama atenção o foco restrito na sintaxe. Para ele, a abordagem tradicional tende a focar exclusivamente na relação sintática entre o verbo e seus complementos, sem considerar aspectos semânticos e pragmáticos.

Na sua crítica, o autor aponta que a classificação tradicional não leva em conta as variações contextuais de uso dos verbos.

Diante do exposto, Perini conclui o seguinte:

É preciso incluir na descrição gramatical a transitividade como fenômeno formal sintático. Cada verbo estabelece suas exigências quanto à ocorrência de complementos, e essas exigências são, em princípio, independentes de seu significado. Evidentemente, existe uma relação entre transitividade e traços

do significado dos verbos, e muitos desses traços se referem a exigências como de agente paciente. (Perini, 1996, p. 170).

Percebe-se, assim, que a proposta de Perini (1996) aponta para uma descrição gramatical que articula aspectos formais e semânticos da transitividade verbal, reconhecendo que as exigências sintáticas dos verbos não se estabelecem de forma arbitrária, mas estão intimamente relacionadas aos seus traços de significado.

Nessa mesma direção, Castilho (2016, p. 593), com base em Brandão (1963), Ortiz Ciscomani (2006) e Kewitz (2007), contribui para o entendimento da regência verbal ao propor uma classificação de seis classes semântico-sintáticas de verbos que selecionam as preposições *a* e *para*. Tal classificação reforça a noção de que a seleção preposicional, longe de ser apenas um traço morfossintático, é influenciada por fatores semânticos, em consonância com a perspectiva defendida por Perini.

- (I) verbos de movimento
- (II) verbos de transferência
- (III) verbos de comunicação
- (IV) verbos de criação/produção
- (V) verbos de complemento final
- (VI) verbos de aproximação/união/semelhança.

Das seis classes apresentadas, na análise desta pesquisa, mas, pelo objetivo traçado no trabalho, o foco cairá nas classes (i) (verbos de movimento), justamente, porque pretendemos trabalhar com o fenômeno de substituição de preposições nos verbos de movimento, na classe.

Sobre o emprego de preposições na regência verbal, Mateus et al. (2003), afirmam que existem preposições específicas exigidas por certos verbos e que essas preposições afetam o significado da frase. Exemplo: *Aspirar* pode significar "inalar" (quando usado sem preposição) ou "desejar" (quando usado com a preposição "a").

Apesar de esse verbo não fazer parte desta análise, acredita-se que ele remete a refletir também sobre o verbo *assistir*, que já fora referido anteriormente: quando usado com preposição *a*, tem sentido de *ver* ou *presenciar* e, sem preposição, tem significado de ajudar, tal como os autores chamaram de variação de sentido com a mudança de preposição.

Castilho (2016, p. 593) diz que os verbos de movimento envolvem o deslocamento da figura de direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao ponto de referência. Os verbos

de movimento mencionados nesta classe são: *ir, vir, chegar, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, entrar, passar, sair, mudar-se, transferir-se*. A real atenção nos verbos de movimento recai no *ir, sair e vir*, que pretendemos analisar. Como não se isola o estudo da preposição ao estudo da regência verbal, aqui, (Castilho, 2016, p. 582) afirma que as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando função sintática e semântica. Na função sintática, há ligação de palavras e de sentenças. Quanto à função semântica, há atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização.

Isso quer dizer que função sintática trata do papel gramatical que uma palavra desempenha dentro da estrutura da frase. Por exemplo, uma palavra pode ser um sujeito, um objeto direto, um complemento e a função semântica do significado que uma palavra ou elemento contribui para a interpretação global da sentença. Isso envolve como a palavra é entendida em relação ao contexto e ao propósito comunicativo da frase.

O autor reprova a ideia dos gramáticos que afirmam que as preposições são palavras vazias, certamente dada a dificuldade de identificar o sentido nessa classe. Na sua análise, ele admite que cada preposição tem um sentido de base, de localização espacial ou temporal. Assim, percebe-se que cada preposição tem um significado fundamental relacionado à localização no espaço ou no tempo, ou seja, as preposições não são palavras vazias, mas sim têm um sentido essencial que ajuda a transmitir relações espaciais ou temporais na linguagem. Logo, essa ideia de transmitir relações espaciais ou temporais na linguagem pode-se ser referida à capacidade das preposições de expressar como as coisas estão posicionadas no espaço ou no tempo em relação umas às outras, pois que tais relações são fundamentais para a comunicação clara e precisa em qualquer idioma, uma vez que permitem descrever a posição de objetos, pessoas, eventos ou ações em relação a outros elementos.

Quanto à classe (ii), os verbos de transferência, são aqueles cujo sujeito envolve dirigir sua força a uma entidade por ele manipulada e deslocada para o âmbito da entidade representada pelo sintagma preposicional, ou seja, indicam movimento de um objeto de um lugar para outro. Tais verbos podem ser: *dar, enviar, entregar, passar, entregar, transferir*. Por último, a classe (vi), os verbos de aproximação que são os que indicam o movimento de aproximação, tanto física quanto metaforicamente, como *chegar, aproximar, acercar, dirigir-se, vir*, entre outros (Castilho, 2016, p. 595).

O estudo da regência verbal não se separa das preposições, que são elementos conectores que complementam o sentido das frases. Apesar das funções que as

preposições desempenham, esse estudo demonstra que, para alguns casos, essas preposições são apagadas ou substituídas no uso real da fala, como se poderá observar na análise de dados.

Sobre a regramaticalização de preposições, Castilho (2016, p. 590) diz que as preposições simples regramaticalizam-se com outras preposições aparentemente porque elas vão se tornando opacas quanto à representação do espaço.

Pode-se assim dizer que a regramaticalização cinge-se ao processo pelo qual uma palavra ou estrutura linguística muda de função gramatical ao longo do tempo. No contexto das preposições, isso significa que preposições simples, que tradicionalmente têm um significado claro em termos de representação do espaço ou tempo, como se pode exemplificar *em*, *sobre*, e *sob*, podem evoluir para formas mais complexas ou compostas. Entretanto, opaco poderia significar que a preposição simples pode perder parte de seu significado original ou se tornar menos transparente na sua representação específica de espaço ou relação espacial.

Essas ideias nos remetem ao desaparecimento de algumas preposições. Neste sentido, Castilho (2016) também declara que, quando uma preposição é substituída por outra, ambas convivem por um algum tempo, até que uma delas desapareça. Para esse estudo, procurar-se-á saber se dentre as variantes *a*, *para* e *em* que estão em convivência no português de Angola, quando se trata do verbo de movimento *ir*, por exemplo, tende a desaparecer.

O autor admite que as seguintes preposições estão em processo de substituição no português brasileiro, de que resultará o desaparecimento da primeira. São elas:

- (i) *A* por *em* ou *para*
- (ii) *Em* por *ni*
- (iii) *De* por *desde*
- (iv) *Ante* por *diante de*
- (v) *Após* por *depois*

No primeiro caso, Castilho (2016) diz que a substituição de *a* por *para* representa uma regramaticalização, pois *a* provém do latim *ad*; reforçada por outra preposição latina, *per*, donde *perad* é português arcaico, *pera*, no português moderno, *para*.

Compreende-se que a mudança de *a* para *para*, ao longo do tempo, não é apenas uma mudança superficial na língua, mas reflete um processo linguístico mais profundo de regramaticalização, onde uma palavra ou forma gramatical adquire novas funções ou significados ao longo da sua história evolutiva. Neste caso específico, *para* surgiu como

uma forma regramaticalizada que substituiu parcialmente o uso de *a*, em certos contextos, especialmente para indicar direção ou destino em frases verbais.

Ali (2004), concordando com Castilho (2016), diz:

A partícula *ad* começou a usar-se e, latim para anunciar o conceito de direção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma coisa a outra. Este mesmo sentido vive ainda em nossa preposição *a*, apesar de *para*, que lhe cerceia por vezes o emprego. (Ali, 2004, p.160).

Isso quer dizer que o significado original ainda é preservado na preposição *a* em português. Logo, a preposição *para*, muitas vezes, substitui *a* em algumas situações, limitando o seu uso, ou melhor, o significado básico de *a relacionado* à direção e aproximação se mantém desde suas raízes latinas, apesar de a preposição *para* ter assumido alguns desses usos na língua moderna.

Por meio da abordagem teórico metodológica da Sociolinguística Variacionista, buscar-se-á compreender se esta substituição da preposição que ocorre no PB está também em curso no PA e, feita a análise e interpretação dos resultados, perceber se está perante à variação estável ou a uma mudança em curso no português falado em Luanda-Angola.

No entender de Castilho (2016), o desaparecimento progressivo de *a* deve explicar as dificuldades atuais em operar a questão de crase, tanto quanto as flutuações na transitividade de verbos como agradecer, que é transitivo indireto, mas caminha para se tornar transitivo direto. Exemplo: *Não respondo aos insultos e aos elogios, que chegaram em partes iguais. Ignoro os primeiros e agradeço os segundos* (Castilho, 2016, p. 590).

Ainda sobre a substituição da preposição *a* por *para*, Castilho (2016) *apud* Bisol, (2003) e Kewiz (2007), diz que também um fator prosódico está por trás do desaparecimento de *a*, pois, no PB, não se distingue fonologicamente o artigo da preposição.

Se olharmos na perspectiva diacrônica, o estudo de Berlinck (1997, 2000), citado por Castilho (2016), pesquisou os complementos preposicionados no português paulista do século XIX e constatou a diminuição da frequência de *a* em favor de *para* no português brasileiro.

**Tabela 01:** Desaparecimento de *a* segundo Berlinck

| ÉPOCA/PREPOSIÇÃO | A   | PARA | EM  |
|------------------|-----|------|-----|
| PB séc. XIX      | 72% | 20%  | 8%  |
| PB contemporâneo | 4%  | 74%  | 22% |

**Fonte:** Castilho 2016, p. 591 *apud* Berlinck, 1997, 2000.

Não obstante aos dois fatores mencionados, importa referir que, na perspectiva adotada nesta dissertação, essa substituição não ocorre apenas por conta do desconhecimento de crase e do fator prosódico. Parte-se da hipótese de que as línguas de Angola têm uma influência na escolha das variantes, o que poderemos comprovar no andamento da dissertação.

Feito esse olhar descritivo da regência verbal, segue, no próximo item, a observação do tratamento da regência verbal em variedades da língua portuguesa.

## 4.2 A REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O objetivo desta subseção é fazer um resumo de estudos variacionistas do português contemporâneo europeu e do português brasileiro, desenvolvidos por meio de amostras de fala e de escrita. Esses estudos ajudar-nos-ão a comparar o português falado em Luanda com as demais variedades mencionadas, o que nos vai permitir observar o que há de incomum nelas e ver os pontos comuns sobre apagamentos e substituições de preposições na regência verbal do PA.

### 4.2.1 A REGÊNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

O foco desta pesquisa não recai à variedade do português europeu, mas é necessário apresentar um estudo descritivo dessa variedade para perceber como a regência verbal se processa. Para tal, apresenta-se, unicamente, o estudo de Frade (2009), que aborda sobre Complementos de verbo preposicionados no contexto da tradução. O estudo teve como objetivo analisar os complementos de verbo preposicionados do Português Europeu e os problemas que os mesmos colocam no contexto da tradução, analisando, em particular, as preposições que introduzem esses complementos, as quais são, frequentemente, omitidas, substituídas ou afetadas por um processo de inserção.

O *corpus* da pesquisa é constituído por dados de traduções publicadas e de traduções não publicadas. Analisaram-se as traduções de obras literárias e traduções

audiovisuais, com objetivo de avaliar se os diferentes tipos de desvios são menos frequentes após as revisões que se supõe que as traduções publicadas tenham.

O estudo abordou, principalmente, os três grandes desvios que se verificam no contexto dos complementos de verbo preposicionados (inserção, omissão e substituição da preposição exigida pelo verbo). O que se chama de desvio no PE, nesta pesquisa de mestrado, considera-se variação, porque a palavra desvio remete à noção de erro, o que não existe à luz da Sociolinguística.

Nos resultados foram encontrados 24 casos de omissão, 23 de substituição e 22 de inserção, num total de 69 exemplos variantes retirados de todas as traduções analisadas. Os exemplos seguintes, retirados do trabalho de Frade (2009, p. 32-33), ilustram os usos considerados.

(10) *Acreditareis a sua sentença?* (Omissão da preposição *em* no verbo acreditar)

(11) “*Pelo seu tamanho e pela sua barba, a Baleia Rorqual assemelha-se com a baleia verdadeira*” (substituição da preposição *a* por *com* no verbo assemelhar)

(12) *perscrutando de um modo tão selvagem e ansiosamente para o horizonte.* (inserção da preposição *para* no verbo *perscrutar*, que é transitivo direto, cujo complemento não é introduzido por preposição)

Segundo Frade (2009, p. 31), a observação desses resultados permite afirmar que o uso de preposições coloca problemas no contexto da tradução, como também acontece nas produções espontâneas dos falantes do português como língua materna.

Numa das hipóteses do estudo, Frade (2009, p. 16) afirma que alguns desvios se devem ao decalque do original, isto é, a uma transferência das propriedades dos verbos da língua de partida para a tradução. Apesar do estudo de Frade (2009) se tratar de uma língua europeia (inglês), a hipótese apresentada pelo autor concorda com o estudo da presente dissertação, porque se parte da ideia de que a língua materna bantu dos angolanos está interferindo no português falado por conta da transferência linguística.

O estudo conclui que uma tradução precisa exige um profundo entendimento das funções sintáticas e semânticas dos complementos de verbo preposicionados, assim como das diferenças culturais e contextuais que podem impactar o uso das preposições em cada idioma. Frade (2009) sugere que tradutores devem ser meticolosos ao lidar com esses elementos e propõe estratégias específicas para abordar essas diferenças e evitar ambiguidades ou erros de tradução.

#### 4.2.2 A REGÊNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

O objetivo desta subseção é sistematizar os estudos ancorados com dados de fala do PB por Mollica (1996), Wiedemer (2008), Vieira (2009), Jesus (2014), Assis (2019), Batista e Lopes (2020), com a finalidade de verificar a tendência da regência verbal da variedade brasileira.

Mollica (1996) estuda a regência variável do verbo *ir* de movimento, fazendo uma análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.

A hipótese levantada pela autora é que o emprego variável da regência verbal não é aleatório, ou seja, as mudanças ou variações na forma como os verbos regem seus complementos não acontecem sem um padrão ou uma razão subjacente. Em vez de serem naturalmente um acaso ou fruto de uma aleatoriedade linguística, essas variações podem ser explicadas por fatores específicos, assim como contextos socioculturais, históricos ou até mais gramaticais. Esta hipótese levantada por Mollica (1996) levou-a a fazer a sua análise dentro da perspectiva variacionista.

A amostra do estudo pertence ao *Corpus Censo*, que trabalhou com fala de 64 informantes.

Neste estudo de Mollica (1996), depois do levantamento dos dados, alguns casos do tipo: (i) verbo *ir* empregado como auxiliar, (ii) verbo *ir* usado sozinho, sem complemento circunstancial, (iii) verbo *ir* empregado como uma palavra discursiva, (iv) verbo *ir* acompanhado do complemento circunstancial na forma de advérbio e outros mais casos foram excluídos da análise, por entender a autora que não se enquadram nos objetivos da pesquisa, uma vez que os mesmos não desempenham a função do verbo *ir* com sentido direcional ou movimento.

Sobre as variáveis, foram controladas configuração do espaço, grau de definitude e permanência no local.

Na variável configuração do espaço, os fatores foram [-fechado] e [+fechado]. Foram encontrados os seguintes resultados:

**Tabela 02:** Configuração do espaço, *a/para* (padrão) *em* (não padrão)

| FATORES     | FREQUÊNCIA    | PROBABILIDADE |
|-------------|---------------|---------------|
| [- fechado] | 234/366 = 64% | ,57           |
| [+ fechado] | 146/344 = 42% | ,42           |

**Fonte:** Mollica, 1996, p. 157.

A presente tabela demonstra que o traço [-fechado] favorece a presença de *para* e o traço [+fechado] inibe-a, ou seja, o traço [-fechado] refere-se a um contexto em que a preposição *para* é mais provável de ser usada, pois o traço sugere uma ideia de abertura ou possibilidade. Quanto ao traço [+fechado], o resultado refere-se a um contexto mais restrito ou definido, onde o uso de *para* é menos provável. Em vez disso, é mais provável que se use a preposição *em*.

Exemplo de traço -fechado, segundo Mollica (1996, p. 156):

(13) *Já fui um bocado de vezes na praia.*

(14) +fechado: *Fui na minha mãe depois da copa*

É importante também salientar que o contexto em que *em* tem mais chance de ocorrer o traço é [+fechado], ou seja, onde há uma ideia de confinamento ou definição, a preposição *em* é preferida.

Desta feita, a autora apresenta uma hipótese sobre a emergência da preposição *em*. Esta hipótese é que o uso da preposição *em* está associado a um traço semântico específico de um substantivo (N) na expressão preposicional (Sprep). Tal traço semântico é o valor significativo de (estar dentro), além do valor de movimento que pode ser associado a outras preposições.

Os resultados mostram que o uso da preposição *em* se alinha com essa hipótese, indicando que *em* é mais comum em contextos onde o traço semântico de (estar dentro) está presente. Por outra, apesar disso, os mesmos padrões são observados quando se analisam os dados separadamente para as preposições *a* e *para* comparadas com *em*. Isso sugere que o traço semântico e o contexto influenciam a escolha da preposição.

Na súmula sobre esta variável, Mollica (1996, p. 158) diz que a probabilidade associada de ,57 para traço [-fechado] em contraste com a de ,47 para [+fechado] vem corroborar previsões quanto ao valor semântico a mais da preposição *em*. Isso quer dizer que a maior probabilidade do traço [-fechado] (0,57) indica que a preposição *em* são mais usadas em contextos de maior abertura semântica, confirmando seu caráter genérico e menos restritivo.

Sobre a variável grau de definitude do nome locativo, a hipótese diz que quanto mais definido o referente, mais chance de ser regido por *em*, já que indica lugar onde, além de movimento dado pelo verbo *ir* e quanto mais indefinido, vago e ou impreciso for o referente locativo, mais é a chance de ocorrer *a/para*.

Mollica (1996) apresenta a seguinte tabela com os resultados do grau de definitude do nome locativo:

**Tabela 03:** Grau de definitude do nome locativo *a/para* (padrão) em (não padrão)

| FATORES                        | FREQUÊNCIA    | PROBABILIDADES |
|--------------------------------|---------------|----------------|
| [+determinante]<br>[+definido] | 208/467 = 45% | ,31            |
| [+determinante]<br>[-definido] | 60/97 = 62%   | ,43            |
| [-determinante]<br>[+definido] | 85/114 = 75%  | ,50            |
| [-determinante]<br>[-definido] | 27/32 = 84%   | ,73            |

Fonte: Mollica, 1996, p. 161.

Para Mollica (1996), os resultados expostos na Tabela 3 provam a hipótese de que os referentes dos nomes de S. preposicional distribuem-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos de modo que os polos opostos são marcados por duplos traços positivos ou negativos. Entretanto, a autora vai dizendo que esses traços positivos ou negativos representam respetivamente grau maior ou menor de definição, enquanto os referentes com traços mais ou menos caracterizam-se como tendo grau medial.

Referentes com traços de definição, como mais ou menos, caracterizam-se por apresentarem um grau medial. Em relação à probabilidade, observe-se que a alta de 0,73 está associada aos casos de dupla marca negativa, enquanto as probabilidades de 0,43 e 0,50, quase semelhantes. Já a neutralização ocorre com uma probabilidade de 0,31, em contextos de dupla marca positiva (Mollica, 1996, p. 161).

Por último, Mollica (1996) apresenta a variável [+permanência] e [-permanência], onde o traço [+permanência] representado para *para*, prevista nas gramáticas tradicionais. Desta feita, apresenta-se a seguinte tabela desta variável em causa:

**Tabela 04:** Traço de [+permanência] e [-permanência] *a/para*

| FATORES        | FREQUÊNCIA    | PROBABILIDADE |
|----------------|---------------|---------------|
| [+permanência] | 4/44 = 9%     | ,27           |
| [-permanência] | 248/586 = 42% | ,72           |

Fonte: Mollica, 1996, p. 162.

O resultado revela que a regra segundo a qual a preposição *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há ideia de fim ou permanência ainda está bastante presente na fala (Mollica, 1996, p. 163). Portanto, a autora afirma que os falantes

continuam sensíveis a ela, acrescentado também que a recomendação da tradição gramatical prevalece em quase todos os casos de *a*.

Resumidamente, o estudo sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento de Mollica (1996) visou a investigar como a variação na regência verbal, particularmente com a preposição *para/a* podem ser entendidas através da perspectiva sociolinguística de Labov. A pesquisa destaca que essas variantes são influenciadas tanto por fatores discursivo-pragmáticos quanto por características morfosemânticas dos referentes, com *para* enfatizando a ideia de movimento e *a/para* sendo usada para referentes mais definidos e fechados.

Wiedemer (2008), na sua dissertação, procurou investigar a variação no uso das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó). Teoricamente, a sua pesquisa teve suporte das teorias da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo de vertente norte-americana. Para o desenvolvimento da pesquisa, o autor utilizou uma amostra extraída de 72 informantes do banco de dados VARSUL. A finalidade foi investigar os contextos de uso das preposições identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes que atuam na variação e comparar os resultados dessa pesquisa com os de outros estudos realizados com diferentes amostras do PB.

O autor encontrou os seguintes resultados:

**Tabela 05:** Distribuição das preposições *A*, *Para* e *Em*

| Localidade    | <i>A</i>   |           | <i>PARA</i> |           | <i>EM</i>  |           | Total      |            |
|---------------|------------|-----------|-------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|
|               | Freq.      | %         | Freq.       | %         | Freq.      | %         | Freq.      | %          |
| Florianópolis | 57         | 17        | 146         | 44        | 129        | 39        | 332        | 100        |
| Blumenau      | 51         | 19        | 132         | 48        | 92         | 33        | 275        | 100        |
| Chapecó       | 36         | 10        | 152         | 44        | 162        | 46        | 350        | 100        |
| <b>Total</b>  | <b>144</b> | <b>15</b> | <b>430</b>  | <b>45</b> | <b>383</b> | <b>40</b> | <b>957</b> | <b>100</b> |

**Fonte:** Wiedemer, 2008, p. 85.

O autor chama atenção ao baixo percentual de uso da preposição *a* (15%) em relação a *para* (45%) e *em* (40%). Assim, os resultados descritos apresentam uma distribuição relativamente equilibrada entre Florianópolis (332 ocorrências) e Chapecó (350 ocorrências), mas tem uma frequência mais baixa em Blumenau (275 ocorrências).

Observou-se uma maior ocorrência das preposições *para* e *em* em relação à preposição *a*. Segundo o autor, esse resultado inicial baliza o processo em curso de recuo da preposição *a* no PB.

A análise dos resultados gerais revela evidências atuais de recuo da preposição *a* (15%), especialmente entre informantes de faixa etária mais avançada e maior grau de escolaridade, além de muitos não utilizarem essa preposição. Quanto às localidades, retorna-se que a substituição por *em* (46%) e *para* (44%) é mais avançada em Chapecó, que apresenta o menor índice de uso da preposição *a* (10%). Em contrapartida, Blumenau é a cidade que mais retém o uso de *a* (19%), enquanto a implementação de *em* é menor (33%), sendo superada por *para* (48%).

A capital encontra-se a meio caminho com 17% de *a*, 39% de *em* e 44% de *para*. Nesse estudo, conclui-se também que as preposições *para* e *em*, em Santa Catarina, caminham para o quadro de variação relativamente estável com 45 e 40%, respectivamente, apesar de que *em* sofre restrição quanto à escolaridade do falante e *para* seja de uso preferencial na faixa etária mais jovem.

No que se refere ao N locativo, quanto à variável demarcação do espaço, *para* ocorre introduzindo local [- fechado] e *em* [+fechado]. No geral o fator [+fechado] favorece a preposição *a*. Há uma competição entre *a* e *em*, como indício de manutenção, ao longo do tempo.

Sobre as variáveis destino e definitude, que também pretendemos controlar na nossa pesquisa, *a* indica [+direção] e *para* [-direção], já *em* ocorre indistintamente com [ $\pm$  direção]. Enquanto *em* tende a introduzir locativo [- definido].

Quanto ao tempo verbal, que também merecerá atenção na nossa análise, o autor verificou que *para* ocorre mais com pretérito imperfeito em Florianópolis e com presente em Blumenau, tempo esse que também favorece *em* na cidade de Florianópolis.

No que diz respeito às variáveis sociais, os mais velhos privilegiam *a* em Blumenau e os mais jovens *para*, já os mais escolarizados favorecem o *a* em Florianópolis e *em* Chapecó e os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade.

Vieira (2009), estudando a variação das preposições em verbos de movimento, fundamentando-se na Teoria da Variação, buscou identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha da preposição que rege verbos de movimento. A análise quantitativa foi feita com base em 39 entrevistas de falantes das cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A realização do estudo foi a partir das variáveis sociais selecionadas do Banco de Dados VARSUL, entrevistas de cada uma das capitais já referenciadas.

Foram controladas quatro variáveis linguísticas e uma extralinguística, com uma frequência geral de aplicação de 56%.

Nos seus resultados foram encontradas 530 ocorrências de verbos de movimento, 391 envolveram a presença do verbo *ir*, enquanto o verbo *levar* teve somente 25 ocorrências. Em segundo lugar, verifica-se que *levar* e *vir* são verbos que apresentam valores altos de uso da preposição *a/para*, conforme indicam as frequências 88% e 83% e os pesos relativos 0,84 e 0,74, respectivamente. Viera (2009, p. 11), diz que diferentemente do que ocorre com os outros verbos, *ir* mostra a variação significativa, havendo preferência pelo uso da variante com a preposição *a/para*, conforme indica o peso relativo 0,60.

Observou-se que no processo de preservação/substituição da preposição que rege verbos de movimento foi a variável [ $\pm$ permanência] e quando *a/para* ocorrem com verbos de movimento, o sentido de direção nessas preposições manifesta-se com alguma nitidez. A escolha da preposição *a/para* ou a sua substituição pela preposição *em* está relacionada à ideia de permanência no local expresso pelo SPrep.

Numa outra variável relacionada ao espaço, notou-se a indicação de traços semânticos do locativo que desempenham um papel na escolha da preposição que rege o verbo. Observou-se que traço semântico [+aberto] favorece a escolha da preposição *a/para*, conforme depreende-se do peso relativo 0,58. Já o traço semântico [-aberto] favorece a ocorrência de *em* como a preposição que rege o verbo, como aponta o peso relativo de 0,38.

No final da sua análise dos resultados, percebeu-se que os falantes de Porto Alegre são os que mais utilizam a variante com a preposição *a/para* conforme indica o peso relativo 0,61. Já os falantes de Florianópolis são os que menos utilizam essa variante (peso relativo: 0,40). Sobre a cidade de Curitiba, os dados mostram um peso relativo 0,46, apontando que, nessa amostra, a cidade tem um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de preservação ou substituição da preposição que rege o verbo de movimento.

Como o foco desta pesquisa também é o verbo *ir* de movimento, procurou-se então também fazer destaque na pesquisa de Vieira (2009), apontando que o fator [+permanência] revela-se fortemente condicionador da regência do verbo *ir* com a preposição *a/para*, conforme se pode verificar pelo peso relativo 0,84, já a ausência da ideia de permanência tende a inibir a escolha dessa preposição (peso relativo 0,33).

Resumiu-se, nessa pesquisa, que há condicionamentos linguísticos e extralinguísticos atuando na seleção da preposição que rege os verbos de movimento. Por outro lado, a escolha de uma ou outra preposição está relacionada tanto a traços semânticos do locativo e do verbo quanto da preposição.

Jesus (2014), estudando A regência variável do verbo *ir* de movimento em Comunidades Rurais do Semiárido Baiano, trabalhou com amostras de fala espontâneas gravadas nas comunidades rurais de Piabas, Matinha, Barra e Bananal, Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio. As gravações pertencem ao projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana, composta por 72 entrevistas. Investigou-se as variantes *para* e *em*, visto que a preposição *a* junto de verbos de movimento.

Das 582 ocorrências com o verbo *ir* de movimento, houve 418 realizações com a variante *para*, perfazendo 71% e 164 com a variante *em* correspondente a 29%. Diante desses resultados, a autora afirma que no vernáculo dos falantes de comunidades do semiárido baiano, há uma maior aplicação da variante *para* em relação à variante *em*. Os dados da pesquisa comprovaram o desuso da variante *a*, pelo fato do reduzido número de ocorrência.

As variáveis linguísticas controladas foram o grau de definitude do nome locativo, permanência no local, pessoa do discurso, indeterminação e determinação do sujeito, tempo verbal e a narratividade do discurso. A variável geolinguística controlada foram a comunidade e as variáveis sociolinguísticas controladas foram a escolaridade e sexo/gênero.

Ao olhar pelas variáveis selecionadas, apresentam-se os resultados de algumas variáveis: Quanto à variável permanência no local, confirmou-se que a preposição *em* é utilizada quando a ida é para certo fim, voltando-se depois, relevando o traço [- permanência], enquanto que a variável *para* envolve a ideia de maior permanência no local [+ permanência].

Quanto à determinação e indeterminação do sujeito, mostra que a preposição *em* é favorecida nos contextos em que o sujeito é [+ determinado] favorece o uso de *para*, e quando o sujeito é [- determinado] favorece o uso de *para*.

Ao que se refere a variável do tempo verbal, a preposição *em* é mais frequente com verbos no presente, e a preposição *para* com verbos no pretérito imperfeito.

Sobre a variável geolinguística, os resultados indicam que os falantes de Matinha, distrito de Feira de Santana, e de Barra Bananal dos Negros/Bananal e Mato

Grosso, preferem a forma *em* junto ao verbo *ir* de movimento, enquanto que em Piabas e nas localidades de Jeremoabo há a preferência de uso da forma padrão *para*.

Na variável escolaridade. No referido estudo de Jesus (2014, p. 229), percebeu-se que participantes analfabetos ou semianalfabetos, como denominou, tendem a usar mais a variante *para*, com 117 ocorrências das 260 registradas e 84 usos da variante *em*, nas 260 também registradas. Já na 5ª e 6ª série, observou-se 39 ocorrências com a variante *para* nas 47 observadas e 8 com a variante *em*, na também 47 observadas.

Quanto ao sexo, os resultados apontam que os participantes do sexo masculino são mais inovadores ao preferirem a preposição *em* e as participantes do sexo feminino são mais conservadoras, já que preferem a preposição *para*.

Na sua conclusão, Jesus (2014, p. 232) resumiu que nas sete comunidades de fala analisadas não usam a preposição *a*, sendo registradas apenas seis ocorrências, o que indica uma mudança em curso. Concluiu-se também que a regência variável do verbo *ir* na fala de comunidades rurais do semiárido baiano não é aleatória, já que condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Assis (2009), no seu artigo A atuação das variáveis linguísticas na regência dos verbos de movimento no português Afro-Brasileiro, estudou a comunidade de fala de Helvécia e Cinzento.

O *corpus* analisado faz parte do Corpus Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. Foram observadas vinte e quatro entrevistas das comunidades de Helvécia e Cinzento.

Nos resultados da sua pesquisa, com análise variacionista, foram levantadas 728 ocorrências de verbos de movimento com complementos locativos referidos, por meio de um SN.

**Tabela 06:** Resultados da ocorrência da regência verbal com verbo de movimento

| PREPOSIÇÃO     | Nº DE OCOR./TOTAL | FREQUÊNCIA |
|----------------|-------------------|------------|
| Para           | 310/728           | 43%        |
| Em             | 302/728           | 41%        |
| Sem preposição | 98/728            | 13%        |
| A              | 09/728            | 1%         |
| Até            | 09/728            | 1%         |

**Fonte:** Assis, 2009, p. 6.

A pesquisa aponta que as preposições *para* e *em* são as mais frequentes junto aos verbos de movimento, com um percentual de 43% e 41%, respectivamente e um nível intermediário, encontra-se a ausência de preposição.

A preposição *em* é quase categoricamente selecionada pelo o verbo de movimento chegar com peso relativo de 95, e a preposição *para* evidencia uma maior propensão de ser selecionada pelo verbo levar, com peso relativo de 80. E com um nível de frequência quase residual de apenas um por cento, encontram-se as preposições *a* e *até*.

Já a natureza do deslocamento é [-permanente] está associada a preposição *em*, com peso relativo. Quanto ao grau de definitude está dividido em dois grupos pelos traços [-específico] e [+específico], o primeiro traço define a variável como genérico e o segundo traço subdivide em mais duas variáveis (indefinido e definido).

Portanto, Assis (2009) conclui que os resultados da amostra de fala das comunidades Afro-brasileiras de Helvécia e Cinzento revelam uma variação na escolha da preposição, com um predomínio das preposições *para* e *em*. A variante padrão, construída com a preposição *a*, praticamente não é usada, sendo até mais frequente a ausência da preposição.

Batista e Lopes (2020), no artigo que visou apresentar os resultados parciais da sua dissertação de Batista, que investigou a variação na regência do verbo ir de movimento em Salvador. A pesquisa contou com informantes dos dois sexos, escolaridade fundamental e média, nascidos em Salvador, do *corpus* da pesquisa constituído por 16 inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), registrados entre 1999 e 2000, e procurou controlar as variáveis sexo, escolaridade e idade.

As autoras encontraram 219 ocorrências com verbo ir de movimento, das quais a variante *para* foi a mais utilizada com 180 ocorrências, correspondendo a 82,19%, a variante *em* com 26, 11,87% e a variante *a* com 13 ocorrências, correspondente a 5,94%. Observa-se que as variantes *em* e *a* são muito menos utilizadas nas construções com o verbo ir de movimento.

Com os efeitos da escolaridade, nos seus resultados parciais, conclui-se que o peso relativo da preposição *para* são menores na escolaridade fundamental, o que parece indicar que as pessoas que têm apenas esse nível de escolaridade tendem a utilizar menos a preposição *para* do que aqueles que possuem o nível médio, pois, na comparação feita

por elas, entre os pesos referentes às duas escolaridades revela que quanto mais escolaridade, o falante tende a usar menos a preposição *em* e mais a preposição *para*.

#### 4.3 A REGÊNCIA VERBAL EM VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS

Objetiva-se, nesta subseção, apresentar os resultados alcançados sobre os padrões de variação na regência verbal das variedades de São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola com dados de fala e de escrita.

##### 4.3.1 A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Análise sobre a regência verbal na variedade do português falado em São Tomé e Príncipe, destacando o estudo de Gonçalves (2021), que investiga, em particular, o uso da preposição *a* no português oral dessa região.

Gonçalves (2021), estudou a preposição *a* no português oral de S. Tomé e teve como objetivo caracterizar a atual situação linguística de S. Tomé e apresentar duas estruturas gramaticais do Português Oral de S. Tomé que revelam a mudança linguística gerada pelo processo de aquisição como L2.

O *corpus* utilizado no estudo é constituído por várias entrevistas à população local do arquipélago de S. Tomé e Príncipe, recolhidas no âmbito do Projeto VAPOR (Variedades Africanas do Português) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Apresenta, atualmente, cerca de 120.000 palavras transcritas. No referido estudo, foi considerado um corpus-amostragem de 50.000 palavras constituído por 12 entrevistas com 5 informantes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, média de idade: 31 anos, nível de escolaridade oscila entre 7º e 11 º ano.

Na sua síntese dos resultados, Gonçalves (2021, p. 8) diz que há uma tendência para a omissão da preposição *a* com verbos ditransitivos quando o argumento OI é [+HUM]. Isso significa que essa tendência mencionada se refere ao fato de que, em algumas construções, essa preposição pode ser omitida, especialmente quando o objeto indireto é uma pessoa ou um ser animado (ou seja, [+HUM], que significa "humano"). Por outro lado, o argumento OI [+HUM] indica que o objeto indireto é uma entidade humana ou animada. Quando o objeto indireto é uma pessoa, há uma tendência maior para que a preposição *a* seja omitida.

Um dado importante do seu estudo é a preferência pelo padrão CDO em vez de CDP sugere que os falantes, no período de aquisição do PL2, tendem a fixar os

parâmetros da gramática do crioulo e não os do PE face a uma reinterpretação da preposição *a* e do argumento OI. Consegue-se perceber desta ideia que, durante o aprendizado do português como segunda língua, os falantes tendem a adotar as regras gramaticais do crioulo em vez do português europeu. Eles reinterpretem a preposição *a* e o objeto indireto (OI) de acordo com a gramática do crioulo.

Gonçalves (2021, p.8) diz que num total de 27 contextos de ocorrência do verbo *chegar*, 12 envolvem a seleção da preposição *em* em vez de *a*; por sua vez, num total de 22 contextos de ocorrência do verbo *ir*, 15 envolvem a seleção da preposição *a*.

Sobre esse assunto, concluiu-se que a substituição de *a* por *em* está relacionada com questões semânticas e que a preposição *a* expressa uma ideia de movimento, enquanto *em* reforça o traço de definitude no referente locativo, o que pode motivar o recurso à preposição *em* para a expressão do locativo direto.

O estudo evidencia uma tendência significativa na omissão da preposição *a* em verbos ditransitivos quando o objeto indireto (OI) é [+HUM], ou seja, quando o argumento é humano. Esse achado está em consonância com outras pesquisas sobre variação linguística em variedades do português, especialmente aquelas influenciadas por outras línguas, como o crioulo local. A análise do comportamento linguístico dos falantes, que tendem a adotar regras do crioulo ao invés do português europeu, é um ponto importante que ajuda a compreender a dinâmica da mudança linguística no contexto de aquisição do português como L2.

Por fim, o estudo chegou à conclusão de que as construções de duplo objeto e a expressão do locativo direto constituem dois exemplos de como os argumentos com as relações gramaticais OI e OBL, introduzidos pela preposição *a*, têm sido interpretados pelos falantes, corroborando o fato de a preposição *a* ser a mais fraca e a mais afetada no quadro da estrutura argumental.

#### 4.3.2 A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE MOÇAMBIQUE

Nesta subseção, de forma breve, serão sistematizados estudos de Gonçalves Chimbutane (2014) e Oliveira (2015) sobre o fenômeno em discussão para a variedade moçambicana.

Gonçalves Chimbutane (2014) estudando O papel das línguas bantu na génese do português de Moçambique: O comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais” com dados de analisados extraídos de um corpus-amostragem de (80

frases), produzido por sujeitos adultos de diferentes graus de escolaridade, no discurso oral e escrito. Os dados orais foram extraídos das recolhas de Gonçalves (1990), Carvalho (1991) e ainda da recolha realizada no âmbito do projeto “Panorama do Português oral de Maputo” (PPOM).

O *corpus* de Gonçalves (1990) foi obtido através de entrevistas abertas com 37 estudantes universitários de várias regiões do país, com diferentes LBs como L1 e O *corpus* de Carvalho (1991) foi entrevistar estruturadas, com tópico viagens/deslocações, com 60 informantes residentes em Maputo, com o grau de escolaridade básico e médio. O *corpus* do PPOM é constituído por entrevistas semiestruturadas com informantes residentes em Maputo, com o nível básico e médio. Por último, O *corpus* escrito recolhido por Gonçalves (1990), e produzido pelos mesmos informantes do *corpus* oral, é constituído por redações de cerca de 300 palavras cada, sobre temas livres.

Gonçalves Chimbutane (2014, p.3) afirmam que o principal traço que distingue o português moçambicano, doravante PM, na realização sintática de argumentos locativos e direcionais é o uso da preposição *em* com SNs referentes a lugar. Embora com menos frequência, este tipo de argumentos também ocorre sintaticamente realizado como SN.

Neste caso, é possível observar a característica distintiva do PM em relação ao uso de preposições para expressar argumentos locativos e direcionais.

Os argumentos locativos e direcionais referem-se a expressões que indicam a localização ou a direção de algo. Por exemplo, "em casa" (locativo) ou "para a escola" (direcional). Já o uso da preposição *em*, no português moçambicano, é comum usar a preposição *em* seguida de um substantivo (SN) que se refere a um lugar. Por exemplo, "em Maputo" ou "em casa". Este uso distingue o PM de outras variedades do português, onde outras preposições como *a* ou *para* podem ser mais comuns.

Na realização sintática como SN, não obstante ao uso da preposição *em*, o PM também pode realizar esses argumentos diretamente como substantivos sem preposição, embora isso aconteça com menos frequência. Por exemplo, em vez de "em Maputo", pode-se encontrar apenas "Maputo" para indicar localização.

No que diz respeito aos casos em que é usada a preposição *em*, ela rege também argumentos direcionais de verbos de movimento, com a função de destino ou origem, que no PE são regidos respectivamente pelas preposições *a/para* e *de*.

Isso mostra uma particularidade do português moçambicano (PM) no uso das preposições com verbos de movimento, comparando-o com o português europeu (PE).

O uso da Preposição *em*, no PM, é usada não só para indicar localização (onde algo está), mas também para indicar direção (para onde algo vai) e origem (de onde algo vem). Na sua função de destino, quando a preposição *em* é usada para indicar o destino de um movimento, ela está assumindo a função que, no português europeu, seria normalmente desempenhada pelas preposições *a* ou *para*. Na função de origem, a preposição *em* pode ser usada para indicar a origem de um movimento, uma função que, no PE, é normalmente desempenhada pela preposição *de*. Por exemplo, em PE você dir-se-ia "venho de Lisboa", enquanto em PM você pode encontrar "venho em Lisboa".

Por fim, os autores concluíram que o uso da preposição *em* para reger tanto constituintes locativos quanto direcionais no português moçambicano é fortemente influenciado pelas línguas bantu locais, uma vez que, nas línguas bantu, é comum usar uma estrutura preposicional mais simplificada e flexível para expressar relações de lugar e movimento. Evidenciam a importância do contato linguístico na formação de variedades locais do português e como as línguas bantu desempenharam um papel crucial na gênese do português moçambicano, especialmente no comportamento sintático dos constituintes locativos e direcionais.

Oliveira (2015) estudando A preposição *a* no português moçambicano, analisou alguns contextos de uso da preposição *a* (complementos dativos e verbos de movimento) no português moçambicano, procurando discutir o papel da gramática da L1 e do *input* da língua-alvo para a aquisição do português como L2.

Nesse estudo, analisaram-se 19 ocorrências de complementos dativos preposicionados do PM com o objetivo de investigar os tipos de preposições que encabeçam o objeto indireto e em que fase da aprendizagem aparece a preposição *a*, como também saber se é possível determinar um quadro final para o PM.

Sobre os complementos de verbos de movimento, nas três fases dos participantes pesquisados, percebeu-se que na fase I, não se verificou nenhuma ocorrência da preposição *a*, mas se tem o uso de *em* e *para*. Esta preferência da variante, a autora explica que à semelhança fonológica entre o afixo *-ni* das LBs e a preposição *em* (e suas formas articuladas) pode ter favorecido a escolha de *em* ao invés da preposição *a*. Outra possibilidade reside dessa escolha é que o verbo apresentativo facilitaria a extensão do uso da preposição selecionada pelo verbo estativo para o verbo de movimento (Oliveira, 2015, p. 10).

O estudo aponta também que a preposição *em* é usada desde a primeira fase com verbos de movimento e se mantém, nas demais fases, competindo com a preposição *a*.

Na fase III, deixando de parte a fase II, as preposições *para* e *a*, que tem aumento de frequência considerável, estão em distribuição complementar: a primeira preposição é usada marcada [+permanência] e a segunda [- permanência].

Os dados analisados pela autora sugerem que no processo de aprendizagem do português, os falantes de LBs podem recuperar o locativo *-ni* e associá-lo à preposição *em* o que gera na fala variação da preposição na regência verbal.

Por fim, conclui-se que a gramática das línguas bantu, que são as línguas maternas dos falantes de português em Moçambique, influenciam no uso da preposição *a*. Isto inclui observar como as estruturas gramaticais e padrões de uso das línguas bantu afetam a aquisição e uso do português como segunda língua (L2).

#### 4.3.3 A REGÊNCIA VERBAL NA VARIEDADE ANGOLANA

Sobre o estudo científico do português angolano (PA), observa-se que são poucas, senão mesmo raras, as referências bibliográficas cuja reflexão incide sobre a substituição e apagamento das preposições em contextos de regência verbal. Em geral, o pouco que se verifica, resulta de trabalhos de fim de curso, ao nível da licenciatura, mestrado e doutoramento e alguns estudos com uma abordagem genérica. Sobre o processo de substituição e apagamento das preposições *a*, *para*, *em* e *de* no quadro da regência verbal, foram observados trabalhos realizados por, Adriano (2014), Undolo (2014) e Santos (2015). É com estes estudos que poderemos sistematizar de forma objetiva na variedade do PA, no que diz respeito à regência verbal.

Adriano (2014), a partir da sua tese de doutoramento “Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português Em Angola”, estudo desenvolvido no âmbito descritivo, mostra diferentes casos de comportamentos e parâmetros de regência verbal encabeçados pelos verbos de movimento no PA paralelamente oposto ao PE, dando-nos conta de fenômenos de substituição, supressão e apagamento, considerados desviantes à norma tida como ideal.

A pesquisa foi desenvolvida, primeiramente, com um *corpus* oral, cuja fonte são os enunciados de falantes angolanos, gravados aleatoriamente em aparelho digital, a partir de programas televisivos e radiofônicos angolanos.

A posterior, o *corpus* gravado e, posteriormente, transcrito teve em conta sequências proferidas por falantes cuja idade varia, aparentemente, entre os 18 e os 75 anos, os falantes cujas frases foram transcritas constituem um grupo heterogêneo, com

escolarização superior, média, básica, incluindo, aparentemente em menor escala, indivíduos pouco ou nada escolarizados, onde alguns falantes são políticos, desportistas, professores do II ciclo e universitários, líderes religiosos, médicos, jornalistas e formadores eleitorais. Nessa tese, trabalha-se o fenômeno do que pretendemos estudar de forma objetiva. Sobre o processo de substituição de preposições, define-a como o emprego de uma preposição diferente daquela que é esperada na norma-padrão europeia (Adriano, 2014, p. 333).

Substituição das preposições *a* e *de* pela preposição *em*, a preposição *a* é frequentemente substituída pela preposição *em*.

(15) *quando houver mais um enfermeiro que pede gasosa / vai no tribunal* [TPA1, Campanha, 26.08.2012] Adriano (2014, p. 333).

No seu resultado sobre substituição da preposição, há uma tendência que o autor chama desviante pelo fato de os verbos realçados de movimento selecionarem a preposição *em* ao invés da preposição *a*. Há também uma estrutura básica [Verbo de movimento + Preposição *em* + Complemento oblíquo] ao invés da estrutura [Verbo de movimento + Preposição *a* + Complemento oblíquo]. Aqui, o complemento oblíquo aparece em construções envolvendo verbos de movimento e é responsável por indicar o destino ou direção faça movimento.

Acrescenta (p. 335) que o corpus da pesquisa não apresenta casos nos quais a preposição *em* em referência não é contraída, pois atesta alguns enunciados nos quais não houve contração da preposição com os artigos.

Sobre a substituição das preposições *por*, *em* e *com* pela preposição *a*, Adriano (2014, p. 341), diz que contrariamente ao que acontece com a preposição *em*, que pode substituir várias outras preposições, sobretudo a preposição *a*, esta parece não ser frequente na substituição de outras. Por outra, a preposição *a* parece não ser usada com frequência para substituir outras preposições. Portanto, seu uso é mais restrito e específico, não servindo como um substituto comum para preposições como *por*, *em* ou *com*.

Isso quer dizer que a preposição *a* é, raramente, usada para substituir outras preposições como *por*, *em* e *com*, ou seja, não é comum usar *a* no lugar dessas preposições em construções frasais.

No que concerne a substituição das preposições *em* e *a* pela preposição *para*, o corpus analisado atesta um número considerável de enunciados nos quais o verbo entrar

é complementado por SP encabeçado pela preposição *para*, em vez de o ser pela preposição *em*.

No que se refere à omissão, o autor tratou de supressão de preposições, que é entendida como o apagamento ou a não realização fonética de uma preposição requerida pelo verbo. (Adriano, 2014, p. 364) define-a também como processo que consiste em transformar o SP num SN ou numa oração equivalente a um SN e, por isso, substituível por este.

Com base no *corpus*, o autor afirma que a preposição *a* parece ser a que mais frequentemente os falantes suprimem.

(16) *nós assistimos [-] muitas incongruências / incongruências no funcionamento das actuais Administrações do Estado* “[TPA1, Campanhas Eleitorais, 13.08.2012]

(17) “[...] *há regras que têm que ser cumpridas e / naturalmente / nós vamos obedecer rigidamente [-] essas regras impostas pela lei eleitoral* [TPA1, Telejornal, 24.08.2013] (p. 364).

É importante referir que dois verbos analisados por Adriano (2014) também serão analisados na nossa pesquisa.

O autor diz que os verbos *apelar*, *assistir*, *comunicar*, *proceder* e *obedecer* deviam, na norma europeia, reger SPs, uma vez que se constituem em verbos que seleccionam obrigatoriamente a preposição *a*, mas na variedade angolana essa preposição é suprimida ou apagada. Faz-se também referência que os verbos *apelar*, *assistir*, *aderir* foram os que mais se repetiram no *corpus* relativamente à seleção de SNs em vez de SPs.

Sobre a supressão da preposição *de*, Adriano (2014, p. 369), observou que ocorre o apagamento da referida preposição em diferentes contextos enunciativos, incluindo construções queísticas (em que se suprime a preposição antes de complementos oblíquos oracionais finitos). Silva e Araújo (2018, p. 93) também encontram esse resultado ao estudar o queísmo e dequeísmo no português falado em Luanda.

(18) *não precisa [-] colocar / como se diz na gíria / a carroça atrás dos bois*” [RNA, Jornal das 13h00, 24.08.2012]. Adriano (2014, p. 369-370).

O autor defende que estes casos são tratados apenas para notar que, na realidade angolana, parece serem raras as estruturas nas quais o verbo *precisar* antes de infinitivo se combina com a preposição *de* (cf. preciso de comer), preferindo a supressão desta

preposição (cf. preciso comer). Adriano (2014) chama atenção de que as construções nas quais se omite a preposição são perfeitamente normais em Angola.

Nas suas considerações finais sobre a regência verbal em complementos verbais preposicionados, o autor reconhece que esta é uma das áreas mais críticas da língua portuguesa em geral e afirma hipoteticamente, com base nos dados recolhidos, bem como na bibliografia existente sobre o assunto, que tal crise é ainda mais profunda em Angola, o que já foi afirmado no início desta subsecção.

Na sua súmula também, conclui-se que o fenómeno de substituição lidera casos de substituição da preposição *a* pela preposição *em*. Já o fenómeno de supressão de preposições, foi possível observar que a preposição mais apagada ou suprimida é a preposição *a*, com verbos como *aderir*, *apelar*, entre outros. Houve também casos de supressão da preposição *de*, sendo que em alguns casos muito raros, a supressão resultou também nas designadas construções queístas Adriano (2014, p. 376).

Undolo (2014), na sua tese de doutorado “Caracterização da Norma do Português em Angola”, estuda o fenómeno de substituição e apagamento de preposições na regência verbal e nominal, mas, a olhar pelos nossos objetivos, ater-nos-emos simplesmente no apagamento e substituição das preposições na regência verbal.

A pesquisa foi desenvolvida com base num desenho metodológico quase-experimental. Para a recolha de elementos fónicos e lexicais, aplicou-se a observação, umas vezes casual, outras vezes espontânea, a partir de programas de TV e Rádio, bem como a partir do contato direto em contexto pedagógico formal e profissional. Em relação ao estudo fónico, a partir da oralidade de indivíduos nacionais residentes em Angola, que integram a franja escolarizada da sociedade, com altos níveis de instrução, efetuou-se um levantamento de elementos característicos desse domínio Informantes. O grupo de informantes foi constituído por indivíduos que residiam nos centros urbanos de Luanda, Lubango, Benguela e Dundo.

No que diz respeito à regência verbal, Undolo (2014, p. 203) afirma que no PA, os verbos podem associar-se a um quadro de regência bastante variável, sendo que alguns regem alternadamente mais do que uma preposição. Destaca-se ainda, no seu estudo, é o caso do verbo *ir*, com possibilidade de selecionar as preposições *em* e *de*, o que afetaria o conteúdo semântico do verbo.

No seu resultado sobre substituição de preposição, o autor declara que há uma aceitação generalizada da substituição da preposição *a* pela preposição *em*, sempre que

a categoria regente é o verbo *ir*. Exemplo: “A Rosa *foi na escola* muito descontente” (deslocação, movimento) Undolo (2014, p. 205).

Continua o autor que há uma aceitação generalizada de substituição da preposição *em* pela preposição *de*, sempre que a categoria regente é o verbo ausentar. Exemplo: (11) *O médico ausentou-se no seu local de trabalho por muito tempo.* (Afastamento).

Sobre o processo de apagamento, o estudo apontou que há uma aceitação de apagamento da preposição *a* sempre que a categoria regente é o verbo aderir. O mesmo sucede com os verbos aguentar e assistir. Ilustra-se, a seguir, os exemplos extraídos da sua própria análise.

(19) *Todo o mundo aderiu o projeto do movimento ecológico.* (Associação)

(20) *Assistimos o trágico acidente, desde o seu princípio.* (Presenciar).

Undolo (2014) concluiu que a preposição *em* e *a* são as mais sujeitas às alterações ou mudanças. Também termina sua análise sobre apagamento e substituição dizendo que serão necessários muitos estudos para sustentar a hipótese de que, no PA, a função e uso de preposições, no quadro das regências, por se verificar uma tendência para a generalização da preposição *em* (Undolo, 2014, p. 207).

Santos (2015), na sua dissertação *Amanhã vais na panela*, estuda sobre a regência do verbo *ir* no português falado em Luanda”. Com o arcabouço da teoria da sociolinguística variacionista, utilizou-se, nessa pesquisa, amostra de fala do acervo do Projeto “Em busca de Raízes do Português Brasileiro”, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana. Por se tratar de um *corpus* que também será utilizado para execução dessa pesquisa, será detalhado melhor na seção da metodologia e interpretação dos resultados.

Os resultados apontam que parte dos falantes em Luanda produzem estruturas convergentes com a norma europeia, mas na variante não-padrão observam-se semelhanças ao português brasileiro, a exemplo do uso da preposição *em* com o verbo de movimento *ir*.

Das 36 entrevistas das quais foram registradas, houve 190 ocorrências com uso das preposições *a*, *para* e *em* nos complementos direcionais do verbo de movimentos *ir*.

Foram propostas um conjunto de variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, considerando que os fatores internos e externos atuam como condicionadores na variação da regência do verbo *ir*. A variável dependente foi composta de três variantes, (*a para e em*). Já as variáveis independentes linguísticas

foram a configuração do nome do locativo, configuração do espaço, grau de definitude do nome locativo e permanência no local.

No que toca as variáveis independentes extralinguísticas, foram controladas a escolaridade, gênero/ sexo, naturalidade do informante e faixa etária.

Na interpretação dos resultados, percebeu que, entre as três variantes, chama a atenção a pouca frequência da preposição *a*, apenas (15%) e o percentual considerável de (50%) para a variante não-padrão, a preposição *em*. A seguir, a tabela dos seus resultados:

**Tabela 07:** Distribuição das preposições *a*, *para* e *em* no português de Luanda.

| PREPOSIÇÕES  | OCORRÊNCIAS | %   |
|--------------|-------------|-----|
| A            | 24          | 15  |
| Para         | 77          | 50  |
| Em           | 54          | 35  |
| <b>Total</b> | 155         | 100 |

**Fonte:** Santos 2015, p. 88.

Santos (2015, p. 89), citando Mingas (2000) ao interpretar os dados gerais, percebeu que, no kimbundo, há um único morfema (*ku*) prefixado ao nome ou pronome que denota tanto direcionalidade como interioridade, sendo possíveis construções do tipo: “*Vão depressa na casa do camarada Nazário*” e “*Ainda antes de irem na cama*”. Diz que essa mesma possibilidade de construção entre o kimbundo e o português angolano, reforça mais a hipótese de contato na emergência de propriedades do português brasileiro e angolano.

Um dado que nos chama atenção, porque será também analisado nesta pesquisa, é configuração do nome do locativo em que todos os contextos de configuração do nome do locativo mostram relevância para o uso da preposição *em* comparada à preposição *a*, estando as maiores porcentagens para os nomes relacionados lugares com nomes definidos (80%) e peso relativo (0.62); lugares com referência a espaço geográfico (80%) e peso relativo (.6); instituição personificada (80%) e peso relativo (0.63); e a objeto ou lugares sem nomes definidos, (70%) e peso relativo (0.51).

Na análise final, Santos (2015) concluiu que a variável configuração do nome do locativo, a variante não-padrão *em* é favorecida quando o nome do locativo remete a lugares definidos, instituições personificadas, a lugares com referências geográficas e a termos que remetem lugares e objetos sem definição de nomes, enquanto a variante

padrão *a* é selecionada para acontecimentos que ocorrem em determinados lugares. Quanto à variável permanência no local mostrou que a variante *em* é favorecida quando a ida a certo lugar indica o traço de [- permanência], e que a variante *para* é favorecida quando a ida a certo lugar indica o traço de [+ permanência].

Uma outra conclusão do estudo foi que os resultados podem ser interpretados segundo a perspectiva de que eles revelam o início de um percurso identitário que os angolanos começam a construir ao fazer uso da preposição *em* nos complementos direcionais do verbo de movimento *ir*, contrariando a norma europeia.

#### 4.4 SISTEMA DA LÍNGUA UMBUNDU

A língua umbundu, segundo a classificação de Malcom (1948), está disposta em sistema de classes linguísticas, possuindo dezoito classes de concordância, caracterizada cada uma pela presença do prefixo substantival e prefixo dependente.

Para Grégoire e Guennec et al. (2010, p. 56), em umbundu, cada classe tem o seu significado específico, exprime um conceito e sintetiza uma ideia, que pode ser genérica no singular e esmiuçada no plural, ou vice-versa.

Apresenta-se a formação das classes numa tabela que reflete as dezoito classes de que já se falou:

**Quadro 01:** Classes da língua umbundu

| CLASSES         | PREFIXO SUBSTANTIVAL | PREFIXO DEPENDENTE |          |           |
|-----------------|----------------------|--------------------|----------|-----------|
|                 |                      | Série I            | Série II | Série III |
| 1 <sup>a</sup>  | Omu -, u-            | Omu-, u-           |          |           |
| 2 <sup>a</sup>  | Oma-, a-, va-        | Va-                | o-       | Va-       |
| 3 <sup>a</sup>  | u-                   | u-                 | u-       | u-        |
| 4 <sup>a</sup>  | Ovi-                 | vi-                | vi-; o-  | vi-       |
| 5 <sup>a</sup>  | e-, i-               | li-                | e-       | li-       |
| 6 <sup>a</sup>  | a-, ova-             | Va-                | Va-      | Va        |
| 7 <sup>a</sup>  | Oci-                 | ci-, co-           | ci-; co- | Ca        |
| 8 <sup>a</sup>  | Ovi-                 | o-                 | o-       | Vi        |
| 9 <sup>a</sup>  | □-                   | e-, o-             | e-; o-   | i-        |
| 10 <sup>a</sup> | Olo-                 | e-, o-             | e-; o-   | vi-       |
| 11 <sup>a</sup> | Olu-                 | Olu-               | Olu-     | Lu-       |
| 12 <sup>a</sup> | Oka-                 | Ka-                | Ka-      | Ka-       |
| 13 <sup>a</sup> | Otu-                 | Tu-                | Tu-      | Tu-       |
| 14 <sup>a</sup> | u-                   | u-                 | u-       | u-        |
| 15 <sup>a</sup> | Oku-                 | Ku-                | Ku-      | Ku-       |
| 16 <sup>a</sup> | Ko-, ki-             | Ko-, ki-           | Ko-; ki- | Ko-; ki-  |
| 17 <sup>a</sup> | Ko-, po-             | Ko-, po-           | Ko-; po- | Ko-; po-  |
| 18 <sup>a</sup> | Vo-                  | Vo-                | Vo-      | Vo-       |

**Fonte:** Elaboração própria.

É com base nestas dezoito classes que são formados os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios em umbundu.

Segundo Vilela (1994, p. 57), no conjunto do léxico de uma língua, os substantivos constituem o ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para a comunidade, por serem a via por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas.

Quanto a esta questão, Ntongo (2006, p. 50) afirma que os substantivos simples, na língua bantu, são formados, de uma maneira geral, por um lexema ao qual se junta um prefixo, tornando-se apto a assumir uma função sintática num enunciado. Numa língua viva, o dinamismo linguístico leva a produzir cada vez mais novas unidades lexicais que correspondem à necessidade da comunicação intersocial.

Fizemos aqui referência a classes e, segundo a pesquisa e “olhando” para os emparelhamentos, chama-se *classe* a todo o sistema que permite aos substantivos participar na expressão da distinção de número (singular e plural).

A transferência de uma classe para outra é feita por meio de dois processos que são a substituição de prefixos e/ou a adição de prefixos.

No processo de substituição de prefixos, um determinado prefixo que pertença a uma outra classe pode ser trocado ao entrar em contacto com a classe em que se insere.

#### 4.4.1 COMPOSIÇÃO E REGÊNCIA DOS VERBOS NA LÍNGUA UMBUNDU

Como em muitas línguas senão em todas, o verbo é constituído por um radical, uma vogal temática e a desinência. Diferente do português, a desinência dos verbos em língua umbundu é prefixativa e não sufixativa. Observe:

Segundo Mulumbu (2007), o verbo *okwenda* em português significa *ir* e *andar*”. A sua constituição é;

oku = desinência; end=radical; a = vogal temática; *Oku – end – a* = *Okwenda*.

Na escrita, como o sistema nesta circunstância não admite junção de duas vogais nem a elisão, o **u** do **oku** é substituído pela semivogal **w** formando assim um ditongo crescente. Esta regra é extensiva a todos os verbos de língua umbundu que iniciam com uma vogal. Esta desinência é que permite colocar os verbos no infinitivo. No entanto, o mesmo não acontece com os verbos que iniciam com uma consoante.

Apresenta-se a seguir os verbos de movimento analisados nessa pesquisa, na língua umbundu, nomeadamente: *Okwenda* = ir; *Okwenda* = andar; *Okwiya* = vir; *Okutunda* = sair.

#### 4.4.2 FLEXÃO VERBAL EM UMBUNDU

A língua umbundu é prefixativa e sufixativa, como já se falou, de acordo com os tempos e modos pode apresentar dupla flexão, flexiona a desinência que é o prefixo **oku** e flexiona também a vogal temática **a**.

Entretanto, todos os verbos no presente do indicativo são prefixativos pois flexiona apenas a desinência **oku**. Nesta flexão ocorre a transformação da desinência em pronome pessoal verbal tendo duas formas (presente e passado).

O pronome pessoal isolado corresponde ao pronome pessoal em português, cuja enunciação antes do verbo pode ser facultativa, mas a enunciação do pronome pessoal verbal é obrigatória.

**Quadro 02:** Pronomes pessoais verbais

| PRONOMES         |                           |         |
|------------------|---------------------------|---------|
| Pessoa           | Pronomes pessoais verbais |         |
| Isolado          | presente                  | passado |
| Eu = ame         | Ndi/Ng                    | Nda     |
| Tu = ove         | O                         | wa      |
| Ele, ela = eye   | O                         | wa      |
| Nós = etu        | tu                        | tu      |
| Vós = ene        | vu                        | vu      |
| Eles, elas = ovo | va                        | va      |

**Fonte:** Elaboração própria.

Como a seguir se vai demonstrar, grande parte dos verbos em umbundu na 1ª pessoa do presente do indicativo o pronome pessoal verbal apresenta duas formas uma regular e outra irregular, o radical desta última varia segundo o tipo do verbo.

Verbo *Okwenda* = ir

#### **Presente do indicativo**

Ame ndenda = eu vou

Ove enda = tu vais

Eye enda = ele/ela vai

Etu twenda = nós vamos

Ene wendi = vós ides

Ovo Vanda = eles/elas vão

### **Pretérito perfeito simples**

Ame ndanda = eu fui

ove wanda = tu foste;

eye wanda = ele/ela foi

Etu twanda = nós fomos

Ene wandi = vós fostes

Ovo vanda = Eles foram

Como se vê acima, a forma *ame ndenda* é regular e *ame ngenda* é irregular, mas as duas formas são utilizadas por igual.

#### 4.4.3 REGÊNCIA VERBAL DO VERBO OKWENDA

O verbo *okwenda* é verbo que indica movimento.

*Ame ndenda **k'onembele**; ame ngenda **k'onembele** = Eu vou à Igreja.*

*António Kosenge wanda **p'olwi** = António Kosenge foi ao rio.*

*Justina wanda **l'omala p'otchitanda** = O Paulo Mbumba foi com as crianças ao mercado.*

*Ame ndenda **k'onjo yange** = eu vou em minha casa.*

*Kanganjo wanda **y'ohondo yaye**. O Kanganjo foi no seu quarto.*

*Kamongwa **la** Luse vanda **k'imbo lyavo** = O Kamongwa e a Luse foram para aldeia deles.*

O verbo *okwenda* nestas 6 frases é regido pelos concordantes. Na língua umbundu, os concordantes é que têm a função de preposições em português. Os concordantes, que fazem vez de preposições são: **Ko** = à; **Po** = ao; **La** = com; **Ko** = em; **Vo** = no.

#### **Regência do o verbo okwiya = vir**

*Kapuka enju **k'onjo yange** = Ó kapuka vem em minha casa*

*Kapoko la Kamoko enjwi **k'onjo yange** = Ó kapoko e o Kamoko venham em minha casa.*

### O verbo okutunda = sair

(21) *Ame nditunda ko Huambo, ngenda ko Viye = Eu saí do Huambo, vou ao Bié.*

(22) *Ame nditunda ko Huambo = Eu saí do Huambo;*

(23) *Ame nunda ko Huambo = Eu venho do Huambo.*

Tal como se fez referência, a língua umbundu é desprovida de artigos e de preposições, passando a fazer o seu papel os prefixos presentes no sistema de classes e no processo de emparelhamento. Assim, pode-se afirmar que, as partículas que desempenham a função de regência, de qualquer verbo, na língua umbundu, tal função é desempenhada pelo prefixo da classe 15 (elemento de formação do verbo), anteposto à base verbal.

Exemplos: Ir = Okwenda; onde: okw (prefixo verbal) + enda (base verbal = ir).

Nota-se que, nesta formação, o verbo okwenda, encontra-se, na sua forma infinitiva, impessoal. De lembrar que, os verbos em Umbundu também observam a flexão; mas sempre, na sua posição anteposta ao verbo. Ora, como se vê a conjugação do verbo *ir*, (okuenda) nos tempos simples do indicativo (presente, pretérito perfeito e imperfeito), na seção mais abaixo.

Para terminar, independentemente disso, o conhecimento dessa língua, ou melhor, os falantes dessa língua como língua materna, podem realizar interferência linguística, uma vez que, qualquer falante de uma língua materna, ao adquirir uma segunda língua, tende sempre a elaborar a sua comunicação com base na estrutura linguística já interiorizada, fato que motivou apresentar a hipótese do contato e da transmissão linguística irregular nesse estudo. Daí que, na realização da língua portuguesa há sempre um substrato de uma outra língua nesses falantes da língua materna umbundu.

#### 4.5 RESUMO DA SEÇÃO: ANÁLISE DAS PRINCIPAIS DIREÇÕES EMERGENTES NO ESTUDO DA REGÊNCIA VERBAL

Gramáticos tradicionais da língua portuguesa, como Rocha Lima (1978), Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001), e Mateus et al. (2003), convergem em seus estudos sobre a regência verbal, que se refere à relação entre os verbos e seus complementos. A regência verbal determina quais preposições são necessárias para ligar

o verbo aos seus complementos, sejam objetos diretos ou indiretos, influenciando diretamente o significado das frases.

Bechara (2001) reforça a importância da escolha correta das preposições na regência verbal para garantir clareza e precisão na comunicação. Destaca, por exemplo, que o verbo *gostar* exige a preposição *de* "gosto de comer bolo".

Cunha e Cintra (2001) discutem que alguns verbos podem admitir múltiplas regências, o que demonstra a complexidade e a riqueza da língua portuguesa. Por exemplo, o verbo *assistir* pode ser transitivo indireto com a preposição *a*, significando (ver ou presenciar), ou sem preposição, com sentido de ajuda.

Portanto, esses gramáticos ressaltam a importância das preposições na regência verbal, defendendo que seu uso adequado é crucial para evitar ambiguidades e garantir a correção gramatical das frases em português.

Sobre a perspectiva descritiva, Perini (1996), Mateus et al. (2003) e Castilho (2016) oferecem abordagens que diferem das gramáticas normativas tradicionais ao enfatizar a observação e descrição do uso real da língua.

Perini (1996) argumenta que para descrever corretamente a regência verbal, é essencial observar como os falantes nativos realmente utilizam a língua, em vez de depender apenas de regras gramaticais fixas. Ele critica a classificação tradicional da transitividade verbal por simplificar demais a complexidade dos verbos e por focar exclusivamente na sintaxe, sem considerar aspectos semânticos e pragmáticos.

Mateus et al. (2003) complementam que a regência verbal não só define a dependência entre verbos e complementos, mas também como essa relação afeta o sentido das frases. Destacam-se os tipos de regência verbal: Regência verbal direta, (sem necessidade de preposição) e regência verbal indireta, com necessidade de preposição

Castilho (2016) identifica seis classes semântico-sintáticas de verbos que podem, normalmente, selecionar preposições específicas, como *a* e *para*, em contextos de movimento, transferência, comunicação, criação/produção, complemento final e aproximação/união/semelhança. Ele discute também a regramaticalização das preposições, onde preposições simples podem ser substituídas por outras ao longo do tempo. O estudo foca, particularmente, nos verbos de movimento, como *ir*, *vir*, *chegar*, entre outros, analisando o fenômeno de substituição e apagamento de preposições, com o objetivo de entender como diferentes variantes (como *a*, *para* e *em*) coexistem no português e se tendem a desaparecer ou persistir.

Por fim, os autores cientistas da língua propõem uma abordagem descritiva da língua que valoriza a observação dos usos reais e contextuais dos verbos e preposições, em contraste com as prescrições normativas tradicionais.

No que diz respeito à variedade brasileira, estudos de Wiedemer (2008) concluiu que há um recuo no uso da preposição *a*, com prevalência de *em* e *para*. Observou-se também que a preferência por *para* é maior entre os falantes mais jovens. Já o estudo de Vieira (2009) encontrou alta frequência de uso de *a/para* com os verbos *levar* e *vir*, enquanto o verbo *ir* mostrou variação significativa, com preferência por *a/para*. Jesus (2014) destacou uma maior aplicação de *para* em relação a *em*, e um uso bastante reduzido de *a*, em verbos de movimento. Assis (2009) observou que *para* e *em* são as preposições mais frequentes, com *em* predominando com o verbo *chegar*. Já o estudo de Batista e Lopes (2020) evidenciou que *para* foi a preposição mais utilizada, seguida por *em*, enquanto *a* foi menos frequente, também em verbos de movimento.

Em suma, na variedade brasileira, os estudos demonstram como a escolha das preposições com o verbo *ir* varia conforme o contexto sociolinguístico e regional no Brasil, influenciada por fatores como idade, escolaridade e características específicas das comunidades analisadas.

Para terminar a conclusão desta seção, resume-se que, com a variedade africana, foram identificadas que, em São Tomé e Príncipe, Gonçalves (2021) afirma que há uma tendência para a omissão da preposição *a* em construções com verbos ditransitivos quando o objeto indireto é humano. A autora sustenta uma influência da gramática do crioulo sobre a do português europeu. Em Moçambique, Gonçalves Chimbutane (2014) e Oliveira (2015) discutem como o uso da preposição *em* é comum para expressar argumentos locativos e direcionais, o que é uma característica distintiva do português moçambicano influenciada pelas línguas bantu locais. Para o caso de Angola, estudos como os de Adriano (2014), Undolo (2014) e Santos (2015) destacam substituições e apagamentos das preposições *a*, *em*, *para* e *de* em contextos de regência verbal, mostrando variações significativas em relação à norma padrão do português europeu.

Logo, as variedades africanas sublinham como as influências linguísticas locais, históricas e sociais moldaram as variedades regionais do português, afetando não apenas a sintaxe, mas também o significado e a interpretação das construções verbais e funcionamento do umbundu interfere na realização do português.

Pode-se concluir que a variedade angolana e brasileira, no que diz respeito à regência verbal, sobretudo os verbos de movimento, dialogam entre si e afastam-se da variedade europeia.

## 5 METODOLOGIA

Nesta seção, são detalhados os métodos utilizados para conduzir esta pesquisa. Primeiramente, são descritas as amostras de fala usadas (*corpus*), as características das entrevistas analisadas e as etapas seguidas durante a investigação. Em posterior, são discutidas a variável dependente, bem como as variáveis independentes linguísticas e socioculturais controladas. Por último, são apresentadas as análises realizadas a partir dos resultados estatísticos obtidos no processamento dos dados submetidos ao programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), incluindo os cruzamentos de dados e os procedimentos adotados para integrar os fatores estudados. No presente estudo, não foram considerados os pesos relativos por conta da pouca frequência do fenômeno estudado.

### 5.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

As amostras de fala utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa pertencem ao projeto “Em busca das raízes do português brasileiro” – Fase III: Estudos Morfossintáticos, aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão no ano de 2009 (CONSEPE, 0036/09) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em 27/11/2012 (CAAE nº 04641412. 7.0000. 0053) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O projeto é coordenado pela Professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo e está vinculado ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) da UEFS.

O *corpus* do referido projeto é composto por duas amostras de fala: uma delas é de falantes do português como L1, com um total de 32 entrevistas, e a outra, com 24 entrevistas gravadas, é de falantes que possuem o português como segunda língua. Os participantes de ambas as amostras estão distribuídos por faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade. Em relação a este último critério, contudo, há algumas lacunas motivadas pela instabilidade social que o país viveu durante muitos anos de guerra, o que resultou no pouco acesso à escola de muitos angolanos, principalmente, ao ensino superior, que era muito limitado por conta da escassez de vagas na época de 2008, data em que se coletou os dados da pesquisa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre o *corpus* podem ser consultadas em Araujo (2025).

Uma outra lacuna diz respeito ao fato de se ter, na altura, mais homens nas escolas em detrimento das mulheres, porque houve um período em que a prioridade da formação esteve voltada ao homem, por caber a ele o dever de provedor do lar. Essa providência, que se reverbera no machismo e colocava a mulher em segundo lugar, no que concerne à escola e empregabilidade, levou anos para mudar de quadro, embora ainda sejam necessárias mais lutas pela igualdade de gênero em Angola.

Essas lacunas resultam no desequilíbrio dos participantes dessa amostra, face à dificuldade de encontrar pessoas no processo de composição dos *corpora*. Novas coletas serão necessárias para descrição do português de Angola, nessa era atual em que já há equilíbrio entre homens e mulheres na escola e várias esferas sociais.

Para este estudo, optou-se por utilizar amostras de falas de 52 participantes, dos quais 26 têm o português como L1 e 26 com português L2, nascidos em Luanda e fora de Luanda. A razão que motivou a selecionar participantes com português L2 foi o fato de lançarmos para este trabalho a hipótese de que as línguas bantu de Angola estariam a interferir na fala do português aprendido como L2, o que nos remete a pensar no enquadramento da sociolinguística de contato para comprovar tal hipótese. Vale salientar que, para saber se o participante tem o português como L1 ou L2, baseamos-nos na declaração feita por ele/ela no momento da entrevista.

## 5.2 ENTREVISTAS

As entrevistas integradas ao acervo do “Projeto Em Busca de Raízes do Português Brasileiro” foram transcritas com a ajuda de bolsistas, voluntários e alunos do curso de Letras da UEFS envolvidos no projeto. Embora a transcrição do áudio das entrevistas já tenha sido realizada, algumas ainda não passaram pelo processo de revisão. É importante referir que, no ato da gravação das entrevistas, houve dificuldade em selecionar alguns participantes que se encaixassem no perfil pretendido para o projeto. Consequentemente, apesar das dificuldades já mencionadas anteriormente em selecionar os participantes deste estudo, nada inviabilizou a efetivação da pesquisa.

A amostra é composta por entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), realizadas em Luanda, a capital de Angola, nos anos de 2008 e 2013. Essas entrevistas foram conduzidas pelos estudantes Sara Garcia e Kizeyeko Silva, que cursavam Letras na Universidade Agostinho Neto, sob a orientação da Professora Doutora Eliana Sandra Pitombo Teixeira, atualmente aposentada, do

Departamento de Letras e Artes (DLA) da UEFS. Cada entrevista tem uma duração média de 45 a 60 minutos e aborda temas pessoais, como preferências, situações de perigo, lembranças da guerra e doenças que afetaram familiares ou o próprio entrevistado. Segundo Tarallo (1985), esses temas permitem capturar o uso cotidiano da língua na comunidade, em momentos em que há pouca atenção ao formalismo da enunciação.

No seguinte quadro, a amostra foi organizada para refletir a estratificação apresentada no quadro, com o objetivo de incluir o maior número possível de participantes que atendessem aos critérios estabelecidos. No entanto, o *corpus* da pesquisa ainda está em fase de expansão. Porém, buscou-se garantir que, dentro de cada categoria preenchida, haja, sempre que possível, pelo menos um participante representativo.

**Quadro 03:** Estratificação da amostra de fala do português falado em Luanda segundo as variáveis sociais.

|                       |                                                                                      |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Faixa Etária          | Faixa I – 18 a 35 anos<br>Faixa II – 36 a 51 anos<br>Faixa III – a partir de 52 anos |
| Nível de escolaridade | Ensino primário<br>Ensino Médio<br>Ensino superior completo/incompleto)              |
| Sexo                  | Masculino<br>Feminino                                                                |
| Língua materna        | Língua Portuguesa<br>Línguas bantu de Angola                                         |
| Local de nascimento   | Luanda<br>Outras Províncias                                                          |

**Fonte:** Elaboração própria.

No sistema de educação e ensino de Angola, o ensino primário corresponde da 1ª classe até a 6ª classe. O 1º do ensino secundário é da 7ª à 9ª classe, o que seria no Brasil ensino fundamental II. Por fim, ensino médio é da 10ª à 13ª classe. Quanto ao ensino superior, é um nível que é controlado pelo Ministério do Ensino Superior, e não da Educação.

Com base nessa classificação, na variável nível escolaridade, a variante primária foi constituída da seguinte maneira: participantes que declararam escolarização baixa do ensino médio foram colocadas numa única categoria, que é a primária. Aqueles participantes que terminaram ou não o ensino médio foram postos na categoria do ensino médio e os que terminaram ou não o ensino superior foram colocados na categoria superior.

A seguir, apresenta-se o quadro que demonstra a distribuição das amostras entre o português como L1 e L2, segmentando os participantes por sexo/gênero (feminino e masculino), nível de escolaridade e faixa etária.

**Quadro 04:** Estratificação da amostra de fala dos participantes

| <b>PORTUGUÊS L1</b> |                  |     |                  |     |                       |     |
|---------------------|------------------|-----|------------------|-----|-----------------------|-----|
| <b>Faixa Etária</b> | A – 18 a 35 anos |     | B – 36 a 51 anos |     | C – 52 anos em diante |     |
| Ensino primário     | 2 F              | 2 H | 2 F              | 2 H | 1 F                   | 1 H |
| Ensino médio        | 2 F              | 2 H | 2 F              | 2 H | 1 F                   | 1 H |
| Ensino superior     | 1 F              | 1 H | 1 F              | 1 H | 1 F                   | 1 H |
| <b>PORTUGUÊS L2</b> |                  |     |                  |     |                       |     |
| <b>Faixa Etária</b> | A - 18 a 35 anos |     | B – 36 a 51 anos |     | C – 52 anos em diante |     |
| Ensino primário     | 2 F              | 2 H | 2 F              | 2 H | 1 F                   | 1 H |
| Ensino Médio        | 2 F              | 2 H | 2 F              | 2 H | -                     | 1 H |
| Ensino Superior     | 1 F              | 1 H | 2 F              | 2 H | -                     | 1 H |

**Fonte:** Elaboração própria.

A pesquisa desenvolve-se com base nessa estratificação amostral. Embora algumas entrevistas estejam ausentes, acredita-se que as disponíveis oferecem uma representatividade adequada da comunidade de fala que se pretende estudar o fenômeno em foco.

Nessa dissertação, tem-se como objetivo o estudo do apagamento e substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda. O tratamento do fenômeno foi dividido em duas seções: uma que aborda o processo de apagamento, cujas ocorrências registradas no estudo foram poucas e, para tal, optou-se em fazer apenas a análise dos verbos *gosta* e *assistir*. No que toca ao fenômeno de substituição de preposição, trabalhar-se-á com verbos de movimento *ir*, *vir*, *chegar* e *sair*.

Sobre os verbos com ocorrência de apagamento, apresenta-se os verbos *gostar* e *assistir*, o detalhamento far-se-á na análise. Quanto ao processo de substituição apresenta mais ocorrências com verbos intransitivos que desempenham função de movimento, sendo que foram considerados os verbos *ir*, *vir*, *chegar* e *sair*, permitindo fazer uma análise quantitativa.

Nesta pesquisa, o conceito utilizado como verbos de movimento é o de Castilho (2017, p. 593), que define como verbos que envolvem o deslocamento da figura em direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao ponto de referência.

Feito o levantamento das ocorrências no *corpus*, seguiu-se com o processo de codificação, para se permitir rodar os dados no Programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), podendo, assim, fazer a análise quantitativa dos resultados.

### 5.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

É de conhecimento consensual na área de linguística que as variáveis linguísticas e extralinguísticas são fundamentais para compreender a variação e a mudança linguística. Essas variáveis envolvem o contexto em que a comunicação ocorre, como fatores culturais e sociais. As linguísticas envolvem aspectos internos à língua que condicionam a ocorrência do fenômeno entre diferentes grupos sociais. Uma vez controladas, essas variáveis ajudarão a compreender melhor o fenômeno.

### 5.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PARA O FENÔMENO DE APAGAMENTO.

Primeiramente, é importante salientar que a junção da variável dependente desses dois verbos deveu-se ao fato de terem em comum a possibilidade de apagamento da preposição no objeto indireto. Em segundo lugar, uma vez que ambas as preposições são diferentes, para o verbo *gostar* é *de* e *assistir* é *a*, preferiu-se rodar no programa separadamente, para evitar erro metodológico.

De acordo com as regras da gramática normativa, o verbo *gostar* exige a preposição *de* e o verbo *assistir*, no sentido de ver ou presenciar, exige a preposição *a*, quando é transitivo indireto, tal como afirmado na seção da Revisão da Literatura. A ser assim, quem gosta, gosta de alguma coisa, podendo o verbo exigir a preposição para complementar o significado da sentença e quem assiste, assiste a alguma coisa.

Desta forma, a variável dependente foi (i) *Padrão* e (ii) *Não Padrão*. A variante padrão é aquela em que a preposição é selecionada e a não padrão foi considerada aquela variante cuja preposição foi apagada.

### 5.5 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS DO VERBO *GOSTAR*

#### 5.5.1 Estrutura com sintagma nominal e verbo no infinitivo na regência do verbo *gostar*

Estrutura com um sintagma nominal

Trata-se da sentença cujo complemento é um nome:

(27) ***gosto de festa*** [...] (participante masculino, escolaridade superior, faixa A).

Estrutura com um verbo na forma infinitiva

Trata-se da sentença cujo complemento é um verbo no infinitivo:

(28) Não **gostaria de seguir** uma carreira completa de professora (participante feminino, escolaridade média, faixa etária A).

### 5.5.2 Tempos e formas verbais

#### Presente do Indicativo

(29) Eu **gosto muito jogar** bola, pescar (participante masculino, escolaridade médio, faixa A).

#### Pretérito Perfeito

(30) “Nunca **gostei de dançar** (participante masculino, escolaridade superior, faixa A).

#### Infinitivo

(31) *É, não **gostar cozinhar**, sim. Porque eu quando faz de cozinha, não tem mais”* (participante masculino, escolaridade média, faixa B).

#### Pretérito Imperfeito

(32) *Ah, eu **gostava muito entrar... no quê? No mato, sim, é*** (participante masculino, escolaridade média, faixa B).

#### Futuro do pretérito

(33) *Que ramos **gostaria de trabalha? Depende muito*** (participante masculino, escolaridade baixa, faixa B).

## 5.6 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS PARA A ANÁLISE DA REGÊNCIA DO VERBO ASSISTIR

### 5.6.1 Tempos e modo verbais

#### Presente do indicativo

(34) *É, eu **assisto televisão**, mas na minha casa* (participante feminino, escolaridade baixa, faixa B).

#### Forma infinitiva

(35) *eu **gosto muito de assistir noticiário*** (participante feminino, escolaridade média, faixa A).

### Pretérito imperfeito

- (36) *Muitas vezes **eu assistia muitos filmes e nós vínhamos aqui na do Roque***  
(participante feminino, escolaridade superior, faixa A).

### 5.6.2 Número gramatical

#### Singular

- (37) *Olha, **eu assisto normalmente telejornal*** (participante masculino, escolaridade baixa, faixa A).

#### Plural

- (39) *os que os angolanos **assistem a programas brasileiros*** (participante feminino, escolaridade superior, faixa C).

Devido ao número reduzido de dados, preferiu-se apenas controlar essas variáveis linguísticas na análise desse verbo, uma vez que o principal objetivo foi, justamente, identificar se há ou não também apagamento de preposições no verbo *assistir* no Português falado em Luanda.

## 5.7 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PARA O FENÔMENO DE SUBSTITUIÇÃO

Esta é uma etapa importante desta pesquisa, em que aparecem mais ocorrências de substituição de preposições em regência verbal, o que vai permitir fazer a análise quantitativa do fenômeno.

Para o conceito de substituição, um fenômeno também estudado por pesquisadores angolanos, optou-se por trazer a definição de Adriano (2014, p. 333), que entende por substituição de preposições o emprego de uma preposição diferente daquela que é esperada na norma-padrão europeia.

Para este fenômeno, trabalhou-se com os verbos de movimento/direção *ir*, *chegar*, *vir* e *sair*. Segundo Castilho (2016, p. 593) trata-se daqueles que envolvem deslocamento da figura em direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao ponto de referência.

No entanto, inspirando-se em Mollica (1996), alguns casos foram excluídos da análise desta pesquisa, porque nem sempre os verbos de movimento desempenham função de direcionais. Sendo assim, os casos excluídos da análise foram os seguintes:

a) Verbo de movimento empregado com auxiliar

(40) *eu vou morrer na minha pobreza.*

b) Verbo de movimento usado sozinho, sem complemento circunstancial:

(41) *Eu irei.*

c) Verbo de movimento empregado como uma palavra discursiva, com a finalidade de dar tempo ao falante de pensar e continuar o seu discurso e/ou como preenchimento de vazios discursivos:

(42) *como é que eu ia dizer?*

d) Verbo de movimento acompanhado de complemento circunstancial de companhia.

(43) *Saíamos com a minha prima.*

Apresenta-se, a seguir, a variável dependente e as independentes linguísticas.

#### 5.7.1 Variável dependente

a) Substituição (quando a preposição é substituída por uma outra)

b) Não substituição (quando não há substituição)

#### 5.7.2 Variáveis linguísticas

**Tipos de preposições:** *A, de, em, para*

**Tipos de verbo:** *Ir, vir, chegar, sair*

**Tempos e formas verbais:** Presente do indicativo, pretérito perfeito, forma infinitiva, e pretérito imperfeito.

**Permanência no local**

+Permanência

-Permanência

**Configuração do espaço**

Espaço fechado [+ fechado]

Espaço aberto [- fechado]

### 5.8 VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis extralinguísticas vão servir também para análise do verbo *gostar* e *assistir* e todos os verbos de movimento propostos para o fenômeno de substituição.

### 5.8.1 Sexo do participante da pesquisa

Serão considerados os dois sexos, isto é, masculino e feminino. Considerando que fatores sociais influenciam a variação e a mudança na língua, será examinado o impacto do sexo dos participantes. Em geral, pode-se observar que as mulheres tendem a adotar um comportamento mais conservador em relação às variantes linguísticas, preferindo formas que são vistas como mais prestigiadas socialmente, ao contrário dos homens que podem utilizar variantes menos prestigiadas.

Labov (1966) destacou que as mulheres, geralmente, utilizam formas linguísticas mais prestigiadas com maior frequência do que os homens. O autor sugeriu que isso se deveria ao fato de as mulheres serem mais influenciadas pelas pressões sociais, o que leva a empregar uma linguagem de maneira que esteja alinhada com as normas sociais vigentes.

Eckert (1989), ao investigar a relação entre variação linguística e identidade no estudo *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School* (Categorias Sociais e Identidade no Ensino Médio) também acordou que as mulheres tendem a seguir mais as normas linguísticas em determinados contextos. Por outro lado, os homens frequentemente demonstram maior disposição para adotar formas linguísticas inovadoras.

### 5.8.2 Faixa etária

A idade dos participantes foi organizada em três faixas distintas. A faixa I inclui os falantes mais jovens, com idades entre 18 e 35 anos; a faixa II é composta por falantes de 36 a 51 anos e a faixa III é formada por pessoas com 52 anos em diante. O objetivo é identificar qual faixa etária usa com mais frequência a forma inovadora, com a hipótese de que o grupo mais jovem será o que a utiliza mais frequentemente, principalmente para aqueles que têm o português como L2.

### 5.8.3 Escolaridade

Serão considerados os seguintes fatores: ensino primário, ensino médio e ensino Superior.

Pretende-se com esta variável controlar o fator escolaridade no uso da regência verbal, para o que se supõe que quanto maior for o nível escolar, maior será a possibilidade do uso da variante padrão e, quanto menor for a escolaridade, a tendência de se afastar da norma padrão será mais frequente.

#### 5.8.4 Língua Materna

São considerados dois fatores: Português L1 e Português L2.

Esta variável tem por objetivo analisar se as línguas bantu Kimbundo e Umbundo faladas em Angola, principalmente na capital luandense, onde foi coletada a amostra, está interferindo ou não na fala de angolanos residentes em Luanda e, assim, comprovar a hipótese do contato linguístico. É importante destacar que fizemos um recorte nas línguas faladas em Angola, pois, para além do Umbundu e Kimbundu, existem outras línguas como Kikongo, Chokwe, Nganguela e outras.

#### 5.8.5 Local de Nascimento

São considerados dois fatores: nascido em Luanda e fora de Luanda.

Angola, após a Guerra Civil terminada em 2002, viveu um período de nova socialização, em que povos do interior, onde, na altura, não tinha desenvolvimento socioeconômico, procuravam chegar às capitais das províncias à procura de melhores condições de vida e por lá ficavam. Naturalmente, o uso das línguas bantu é mais frequente em regiões do interior, daí a possível interferência sociolinguística do participante. É importante destacar que, apesar de Luanda ser a capital do país, também lá são faladas com regularidade as línguas nativas, principalmente em ambientes familiares.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS PARA O VERBO *GOSTAR*

Peres e Moía (1995, p. 118) abordam o conceito de apagamento por supressão, semelhante ao que foi discutido anteriormente sobre o estado da arte. Outros autores, a exemplo de Undolo (2016), tratam o fenômeno de apagamento através da supressão.

Na visão de Peres e Moia (1995), a supressão, ou seja, a omissão da preposição, é um problema associado às preposições argumentais. Esse apagamento da preposição deve ser considerado juntamente com o argumento específico para uma compreensão adequada.

Peres e Moia (1995, p. 110) afirmam que as preposições argumentais, geralmente *de*, são as que deveriam introduzir orações finitas selecionadas por verbos, adjetivos ou nomes. Assim, as preposições argumentais, especialmente *de*, têm a função de conectar elementos essenciais para completar o significado de um verbo, adjetivo ou nome em uma oração. Essas preposições funcionam como mediadoras entre o termo que rege verbo, adjetivo ou nome e a oração subordinada que funciona como seu complemento, garantindo a coesão gramatical e semântica da frase.

Dessa feita, significa que, quando uma preposição que deveria estar presente é omitida, isso pode causar problemas na compreensão da frase, porque a preposição é importante para conectar o argumento corretamente. Portanto, para entender corretamente o uso das preposições argumentais, é crucial considerar como e por que a preposição foi omitida.

Das 52 entrevistas analisadas, foram encontradas 81 ocorrências com o verbo *gostar*. Destas a preposição *de*, nas variáveis (estrutura com sintagma nominal e verbo no infinitivo), ocorrem em 65 casos que correspondem a 80.2%, e em 16 ocorrências a preposição *de* é apagada na regência verbal, correspondente a 19.8%. Apresenta-se a seguinte tabela com os dados gerais com sentença simples e sentença com locução verbal.

**Tabela 08:** Estrutura com sintagma nominal e verbo no infinitivo na regência do verbo *gostar*.

| TIPO DE COMPLEMENTO               | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-----------------------------------|--------|------------|-------|
| Estrutura com sintagma nominal    | 22/30  | 8/30       | 30/81 |
|                                   | 73.3%  | 26.7%      | 37.0% |
| Estrutura com verbo no infinitivo | 43/51  | 8/51       | 51/81 |
|                                   | 84,3%  | 15.7%      | 63.0% |

|              |        |       |    |
|--------------|--------|-------|----|
| <b>TOTAL</b> | 65     | 16    | 81 |
|              | 80.2 % | 19.8% |    |

**Fonte:** Elaboração própria.

A gramática tradicional não admite o não uso da preposição *de* do verbo *gostar*. Rocha Lima (1996, p. 159) afirma que a ausência da preposição *de* com o complemento causa inaceitabilidade. Esse fato faz com que a preposição seja obrigatória. Segundo os resultados, há maior tendência do uso da variante padrão quando se trata de sentenças com complementos verbais, A forma não padrão aparece com maior percentual em estrutura com SN: 26,7%.

Sobre o uso da preposição *de*, Bagno enfatiza o seguinte:

A preposição *de*, por exemplo, tanto quanto *desde*, nos remete a um ponto de partida: saiu de casa; de 1980 em diante; de você para mim etc. No entanto, esse esquema cognitivo primitivo logo se dissipa, fazendo de *de* um elemento essencialmente funcional, muitas vezes empregado por mera servidão gramatical: *gostar de chocolate*, do ponto de vista semântico, é perfeitamente possível dizer que chocolate é objeto direto, uma vez que o verbo *gostar* não existe sem a preposição, a ponto de podermos afirmar que só existe o verbo *gostar-de*. Do ponto de vista morfossintático, no entanto, consideramos *de chocolate* como um sintagma, razão pela qual é analisado como complemento oblíquo (Bagno, 2012, p. 867).

Da afirmação de Bagno (2012), é perceptível que a preposição *de*, originalmente, indicava um ponto de partida, mas, hoje, em muitos casos é usada de forma funcional e gramaticalmente necessária, ou seja, na sentença *gostar de chocolate*, a preposição *de* é indispensável para o verbo *gostar* e, semanticamente, *chocolate* poderia ser visto como o objeto direto do verbo.

Foram encontrados casos de apagamento da preposição *de*, o que raras vezes ocorre no português europeu e brasileiro, mas que é encontrado em fala de participantes que têm o português como L2, em Luanda. Apresenta-se, a seguir, dados de um participante com língua materna kikongo, nível médio de escolaridade, que usou apenas a preposição *de*, quando a entrevistadora fazia a pergunta utilizando o verbo *gostar*.

(44) DOC.: Rádio e televisão. E na televisão tem um programa que mais gosta de ver? Quais são os programas que mais gosta de ver na televisão?

PART.: Na televisão **gosto mais de Janela Aberta**. Sim, a Janela Aberta.

Nota-se, que nessa resposta, ele usou a norma padrão com sentença do tipo simples. Veja-se a seguinte pergunta do documentador:

(45) DOC.: Janela Aberta. Mas eu acho que agora nós estamos no campeonato de basquete.

PART.: *Basquete, sim.*

(46) DOC.: E não {desperdiça} o jogo de basquete?

PART.: *Ah, eu **gosto muito basquete**. Mas não basquete, ah, futebol[...]*

Nesse diálogo, uma vez que a entrevistadora não fez referência ao verbo *gostar* com a preposição *de*, automaticamente, o participante também não a usou, ou seja, apagou. O apagamento ocorre novamente no diálogo a seguir:

(47) DOC.: Poderia me dizer como é que foi a sua infância lá em M'Banza Kongo? Por exemplo, as brincadeiras que faziam quando era mais pequeno.

PART.: *Eu **gosto muito a jogar** bola, pescar. Ah, eu gostava muito entrar... no quê? No mato, sim, é.*

(48) DOC.: Poderia me dizer uma dessas coisas?

PART.: *(risos) Porque eu cresci numa missão protestante onde que tava muito que plantas a ver, {macarta, safo}, manga e tudo. A lá nós, como tava... tava a crescer, nós gostava, nós tava vivendo ali dentro, né, dentro daquela missão, nós **gostavamo roubar** essas coisa. (risos)*

Consegue-se observar o uso não padrão da preposição de forma regular, com a participante que tem como L1 o kikongo, que é uma língua da região norte de Angola, falada também numa parcela da República do Congo, vizinha fronteira do país angolano. O processo de apagamento é já um dado que carece de muitos estudos para identificar para que tendência o português falado em Luanda está a caminhar, quanto a essa variante.

Apresenta-se, a seguir, a variável tempo verbal para verificar qual mais favorece o processo de apagamento da preposição *de* no verbo *gostar*.

## 6.1 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO DE NA REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO O TEMPO VERBAL E A FORMA VERBAL

Nessa variável, procura-se entender a distribuição das ocorrências segundo o tempo verbal e a forma infinitiva, para perceber qual variante favorece a forma padrão ou não padrão. Inclui-se, também, na tabela, a forma infinitiva.

**Tabela 09:** Apagamento da preposição *de* na regência verbal segundo o tempo verbal e a forma verbal.

| TEMPOS VERBAIS      | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|---------------------|--------|------------|-------|
| Pres. Indicativo    | 45/56  | 11/56      | 56/81 |
|                     | 80.4%  | 19.6%      | 69.1% |
| Pretérito perfeito  | 10/13  | 3/13       | 13/81 |
|                     | 76.9%  | 23.1%      | 16.0% |
| Futuro do pretérito | 8/8    | 0/8        | 8/81  |
|                     | 100%   | --         | 9.9%  |
| Forma infinitiva    | 2/4    | 2/4        | 4/81  |
|                     | 50.0%  | 50 %       | 4.9%  |
| TOTAL               | 65     | 16         | 81    |
|                     | 80.2 % | 19.8%      |       |

**Fonte:** Elaboração própria.

Os resultados apontam que a forma infinitiva apresenta maior frequência de apagamento com 50%, enquanto que o pretérito segue com 23.1%. Já o presente do indicativo apresenta uma frequência de 19.6%.

Em primeiro lugar, é importante destacar as formas no infinitivo (como *gostar de comer*, *gostar de sair*) apresentam menor grau de formalização e monitoramento linguístico. Muitas vezes, ocorrem em contextos mais informais e espontâneos. Nesses contextos, os falantes tendem a não monitorar rigidamente sua fala, o que favorece a simplificação estrutural e o apagamento de elementos gramaticais considerados redundantes, como a preposição *de*. Em construção com infinitivo, a presença de duas formas verbais pode favorecer a reinterpretação do infinitivo como complemento direto, eliminando a necessidade da preposição (*gostar comer* em vez de *gostar de comer*), sobretudo quando o complemento já é altamente previsível no contexto.

Em segundo lugar, pode-se observar nas formas infinitivas o baixo grau de saliência da preposição. A preposição *de*, por ser uma palavra gramatical com pouco conteúdo semântico, pode passar despercebida ou ser considerada dispensável, especialmente nas construções mais fluídas com verbos no infinitivo. Isso contribui para o apagamento em contextos de fala rápida ou mais informal. Também em tempos verbais finitos (como o presente ou o pretérito), os falantes podem estar mais conscientes da necessidade normativa da preposição, aplicando-a com maior frequência.

Já na forma infinitiva, esse controle normativo se enfraquece, favorecendo o uso mais natural e não monitorado da língua.

Considerando que os dados vêm do português falado em Luanda, é possível que o uso da forma infinitiva com apagamento da preposição represente um traço emergente de variação local, possivelmente, influenciado pela convivência com outras línguas (como o umbundu e o kimbundu), nas quais a estrutura verbo + infinitivo organiza-se de maneira diferente, sem preposições intermediárias.

Um dos fatores que aponta para a maior frequência do apagamento de preposições na forma infinitiva está relacionado ao uso coloquial da língua e aos processos de mudança linguística. O apagamento da preposição pode ser apresentado como uma característica da fala cotidiana e informal, especialmente em contextos de fala rápida ou descontraída. Essas aparências, muitas vezes, associadas à simplificação linguística, refletem a tendência de tornar a comunicação mais ágil e eficiente, mesmo que isso implique em uma alteração.

Apresenta-se, seguidamente, a regência verbal a partir da variável do sexo do participante.

## 6.2 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO *de* SEGUNDO O SEXO DO FALANTE

Partindo da hipótese de que as mulheres tendem a conservar maior a norma padrão, essa variável ajuda a compreender se essa hipótese ocorre nessa pesquisa, no que diz respeito ao verbo *gostar*.

**Tabela 10:** Apagamento da preposição *de* segundo o sexo do falante

| SEXO      | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-----------|--------|------------|-------|
| Masculino | 21/30  | 9/30       | 30    |
|           | 70.0%  | 30%        | 37.0% |
| Feminino  | 44/51  | 7/51       | 51    |
|           | 86.3%  | 13.7%      | 63.0% |
| TOTAL:    | 65     | 16         | 81    |
|           | 80.2%  | 19.8%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

A Tabela 10 apresenta a distribuição do uso padrão e do apagamento da preposição *de* em contextos de regência verbal, de acordo com o sexo dos falantes. Os dados indicam que a variável social sexo apresenta relevância significativa no comportamento linguístico observado.

Em termos de frequência, verifica-se que os falantes do sexo feminino utilizaram a forma padrão em 44 das 51 ocorrências registradas, o que corresponde a 86,3% dos casos. Já os falantes do sexo masculino recorreram à forma padrão em 21 de 30 ocorrências, equivalendo a 70%. Portanto, nota-se que as mulheres mantêm a preposição *de* com maior regularidade do que os homens.

Quanto ao uso da forma não padrão, ou seja, ao apagamento da preposição, observa-se uma diferença igualmente expressiva. Os homens apresentaram 9 ocorrências de apagamento, o que representa 30% do total de suas produções. As mulheres, por sua vez, realizaram o apagamento em apenas 7 ocorrências, o que equivale a 13,7%. Assim, os dados indicam que os homens tendem ao apagamento da preposição *de* com mais frequência do que as mulheres.

Esses resultados permitem afirmar que há uma tendência de maior aderência à norma-padrão por parte das falantes do sexo feminino. Esse comportamento está em conformidade com os padrões já observados na literatura sociolinguística, como nos estudos pioneiros de Labov (1972), segundo os quais as mulheres, em geral, demonstram maior sensibilidade ao prestígio social das variantes linguísticas e tendem a utilizar mais frequentemente as formas de maior valor social, ou seja, as formas prescritas pela gramática normativa.

Por outro lado, os homens, frequentemente, exibem maior tolerância ao uso de variantes estigmatizadas ou não normativas, o que pode estar relacionado a fatores identitários, como a construção de uma imagem de informalidade, autenticidade ou pertencimento a determinado grupo social. Essa diferença de comportamento linguístico entre os sexos pode, portanto, refletir não apenas uma maior atenção das mulheres à linguagem monitorada, mas também distintas formas de inserção e atuação social.

Portanto, os dados da Tabela 10 revelam que a variável sexo influencia de forma significativa a ocorrência do apagamento da preposição *de*, evidenciando que as mulheres favorecem majoritariamente a variante padrão, enquanto os homens se mostram mais propensos à realização da variante não padrão, reforçando, assim, uma tendência recorrente em pesquisas sociolinguísticas sobre o comportamento linguístico dos diferentes grupos sociais.

A seguir, apresenta-se a variável nível de escolaridade para compreender sua relevância no processo de apagamento da preposição.

### 6.3 REGÊNCIA DO VERBO *GOSTAR* SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Aqui, o objetivo é controlar a variante que favorece o uso padrão e não padrão da regência em causa, partindo da hipótese de que os mais escolarizados tendem a conservar mais a norma padrão.

**Tabela 11:** Regência do verbo *gostar* segundo o nível de escolaridade

| NÍVEL DE ESCOLARIDADE | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-----------------------|--------|------------|-------|
| Ensino primário       | 29/31  | 2/31       | 31    |
|                       | 93.5%  | 6.5%       | 38.3% |
| Ensino médio          | 14/23  | 9/23       | 23    |
|                       | 60.9%  | 39.1%      | 28.4% |
| Ensino superior       | 22/27  | 5/27       | 27    |
|                       | 80.2%  | 18.5%      | 33.3% |
| TOTAL                 | 65     | 16         | 81    |
|                       | 80.2%  | 19.8%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

Observa-se que os participantes do ensino primário tendem a conservar mais a norma padrão, enquanto os do ensino médio são os que mais apagam a preposição, registrando, no total, 39,1% de apagamento (9 ocorrências). O que impressiona nesta variável escolaridade é o fato de o apagamento ocorrer com mais frequência no nível médio e superior, enquanto que com ensino primário ocorrer apenas em duas ocasiões, sendo que neste primeiro nível de escolaridade, naturalmente, é onde teria mais ocorrências.

O uso de formas linguísticas inovadoras, como apagamento de preposição, nem sempre está diretamente ligado ao nível de escolaridade de maneira simples ou previsível. Em alguns casos, o uso padrão na regência do verbo *gostar* pode não depender tanto do nível de educação formal quanto se pretende. Além disso, é possível que as pessoas no ensino médio, por exemplo, sejam mais receptivas às mudanças na língua do que o esperado, mostrando que outros fatores contextuais e sociais também influenciam essas escolhas.

Observe-se o seguinte exemplo extraído da fala de um participante de nível superior, com português L2.

(49) *Eu gosto festas, mas nesse preciso momento, tô a dar distância*

Vale destacar que a forma regular desse apagamento não está somente na fala de participante com nível básico ou primário “*gosto trabalhar com meu suor*”, mas sim em fala de participantes com nível superior, como se pode constatar no exemplo apresentado.

Portanto, a ausência da preposição pode ser considerada um fenômeno caracterizador da fala do PA e, apesar de gramáticos afirmarem que a preposição *de* é mais regular no português contemporâneo (Silva; Araújo, 2018), no Português de Angola o apagamento da preposição *de* pode estar se tornando uma variante comum e essa possibilidade de que tal variação reflete um contexto específico de contato linguístico.

Os dados analisados nos permitem afirmar que essa variedade está caminhando para uma forma própria do uso da língua, seja em classe de nível superior, seja de nível básico.

#### 6.4 A REGÊNCIA DO VERBO *GOSTAR* SEGUNDO À FAIXA ETÁRIA

Começa-se por dizer que nesta pesquisa não foram encontrados dados com participantes da faixa C, no verbo *gostar*. Assim sendo, procurou-se apenas apresentar as variantes da faixa A e B, com intuito de perceber qual delas favorece o padrão ou não padrão.

**Tabela 12:** Regência do verbo *gostar* segundo à faixa etária no PA

| FAIXA ETÁRIA | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|--------------|--------|------------|-------|
| 18 a 35 anos | 44/49  | 5/49       | 49    |
|              | 89.8%  | 10.2%      | 60.5% |
| 36 a 51 anos | 21/32  | 11/32      | 32    |
|              | 65.5%  | 34.4%      | 39.5% |
| TOTAL        | 65     | 16         | 81    |
|              | 80.2%  | 19.8%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria

Para o caso do verbo *gostar*, nesta pesquisa não se encontraram dados com participantes da faixa C, que corresponde dos 52 anos em diante, devido às dificuldades

apontadas na metodologia ao discorrermos sobre a seleção dos participantes do *corpus* em Luanda.

A tabela apresenta a distribuição das ocorrências de regência do verbo *gostar* em duas faixas etárias distintas: 18 a 35 anos e 36 a 51 anos, no português falado em Luanda. Os dados estão organizados em termos de frequência, diferenciando entre o uso da variante padrão e não padrão. Essa análise permite observar padrões de variação linguística entre as gerações e compreender como fatores sociolinguísticos, como idade e contexto social, influenciam o comportamento linguístico dos falantes de Luanda.

### **Faixa etária: 18 a 35 anos**

Das ocorrências totais foram observadas 44 ocorrências de regência padrão, representando uma frequência de 89,8% das respostas dessa faixa etária.

(50) *Na televisão, **gosto mais de ver e a janela aberta**, nos fins de semana* (participante masculino, escolaridade baixa, faixa A).

Sobre as ocorrências não padrão, foram registradas 5 ocorrências de regência não padrão, correspondendo a 10,2%. Total de ocorrências totalizam 49, representando 60,5% no geral.

(52) *Sim, é por isso que eu **não gosta cozinhar*** (participante masculino, escolaridade baixa, faixa A).

### **Faixa etária: 36 a 51 anos**

Nessa faixa etária B, das ocorrências totais identificaram-se 21 ocorrências de regência padrão, equivalendo a 65,5% das respostas dessa faixa.

(53) *Normalmente, gosto de ler, é gosto de fazer umas caminhadas* (participante feminino, escolaridade superior, faixa B).

houve 11 ocorrências de regência não padrão, o que equivale a 34,4%. Total de ocorrências: 32, representando 39,5% do total.

(54) *gosto um aniversário, mas que seja uma, uma, tenha pessoas idôneas, pessoas familiares* (participante feminino, escolaridade baixa, faixa B).

No total geral das 81 ocorrências, 80,2% foram de regência padrão (65 ocorrências), enquanto 19,8% apresentaram regência não padrão (16 ocorrências).

Fazendo uma análise comparativa, a faixa etária mais jovem (18 a 35 anos) apresenta maior aderência à norma padrão, com quase 90% das ocorrências. Já a faixa mais velha (36 a 51 anos) demonstra maior uso da regência não padrão, que corresponde a mais de um terço das respostas dessa faixa. Isso sugere uma tendência de maior formalidade linguística entre os mais jovens nesse contexto específico.

Sobre esses resultados, pode-se dizer que os jovens podem estar mais expostos à norma-padrão devido a uma escolarização mais recente e a currículos escolares que enfatizam a importância do português padrão como modelo de prestígio, num contexto em que Angola olha para o português europeu como ideal e sem falar que, naquele país, a língua é uma ferramenta de aceitação social. Ainda existe a ideia de falar bom português em várias esferas; no entanto para sociolinguística não existe bom português, mas sim diferentes variedades da língua.

## 6.5 REGÊNCIA DO VERBO *GOSTAR* SEGUNDO A LÍNGUA MATERNA

Como este estudo se baseia na hipótese de que as línguas bantu de Angola interferem na regência verbal da fala do português de Luanda, apresenta-se a variável língua materna do participante com objetivo de entender se os participantes que têm o português como L2 confirmam a hipótese.

**Tabela 13:** Regência do verbo gostar segundo a língua materna

| LÍNGUA MATERNA | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|----------------|--------|------------|-------|
| Português L1   | 35/40  | 5/40       | 40    |
|                | 87.5%  | 12.5%      | 49.4% |
| Português L2   | 30/41  | 11/41      | 41    |
|                | 73.2%  | 26.8%      | 50.6% |
| <b>TOTAL</b>   | 65     | 16         | 81    |
|                | 80.2%  | 19.8%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria

A Tabela 13 apresenta a distribuição das ocorrências da regência do verbo *gostar* conforme a língua materna dos informantes. Observa-se que a variante padrão – ou seja, o uso do verbo *gostar* regido pela preposição *de*, como em ***gostar de música*** é predominante tanto entre os falantes nativos de português (L1) quanto entre os falantes para os quais o português é uma segunda língua (L2). No entanto, nota-se uma variação

relevante entre os dois grupos, especialmente no que tange à frequência de uso da variante não padrão.

Entre os falantes de português L1, 87,5% das ocorrências correspondem à forma padrão da regência verbal, enquanto apenas 12,5% configuram variação na língua. Já entre os falantes de português L2, a taxa de uso da variante padrão é menor, atingindo 73,2%, ao passo que 26,8% das ocorrências pertencem à forma não padrão. Esses dados apontam para uma diferença significativa no desempenho gramatical entre os dois grupos linguísticos, sugerindo que a aquisição do português como L2 pode estar associada a uma maior instabilidade no domínio de certas estruturas gramaticais normativas.

Essa variação pode ser interpretada à luz de pressupostos sociolinguísticos, especialmente no que diz respeito à aquisição e ao uso da norma padrão por falantes não nativos. No caso dos falantes de L2, a ocorrência de formas não padrão pode refletir fatores como interferência da língua materna original (frequentemente línguas bantu, no contexto angolano), menor exposição sistemática à norma culta ou aprendizagem do português em contextos mais informais e orais, nos quais a variante padrão tende a estar menos presente. Além disso, o ensino formal da língua pode não ter enfatizado com rigor aspectos normativos da regência verbal, o que contribui para a permanência de estruturas divergentes da gramática normativa.

Por outro lado, o alto índice de uso da variante padrão, mesmo entre falantes de L2, também pode ser explicado por fatores como a escolarização, como se viu na tabela anterior, a influência de registros formais da língua ou ainda por processos de hipercorreção, nos quais os falantes buscam alinhar-se à norma culta em contextos monitorados.

Do ponto de vista sociolinguístico de contato, como se apresentou na fundamentação teórica, é fundamental ressaltar que a presença de formas não padrão não deve ser compreendida como desvio ou deficiência linguística, mas como manifestação da variação legítima que caracteriza o uso real da língua em contextos multilíngues em Angola. A análise dos dados reforça a necessidade de abordagens mais inclusivas no panorama sociolinguístico angolano, que considerem a pluralidade linguística dos falantes e valorizem suas práticas comunicativas sem recorrer à estigmatização ou ao preconceito linguístico.

No português, os verbos são classificados como transitivos ou intransitivos, como se viu anteriormente, dependendo de exigirem ou não um objeto que complete o

sentido da ação. Em umbundu essa distinção não existe. Na estrutura do umbundu, um pronome intercalar é sempre usado entre o sujeito e o radical do verbo, independentemente de haver ou não um complemento, marcando a concordância de forma fixa.

Porém, na sentença 52, *eu não gosta cozinhar*, em umbundu, seria: *ame si sole oku teleka*.

Primeiramente, é importante dizer que na língua umbundu os concordantes é que têm a função de preposições em português, nesse caso partícula *oku* desempenha uma função de *de*, mas que na língua umbundu ele não se faz sentir. O falante usa a preposição somente no processo de transferência, ou seja, quando o falante do umbundu quer se comunicar em português.

Nessa mesma sentença, a forma padrão em português, que *seria eu não gosto de cozinhar*, em umbundu, não mudaria; continuaria *ame si sole oku teleka*.

Porém, essa diferença reflete lógicas gramaticais distintas entre as duas línguas na organização das frases e no papel dos verbos e a influência dessa língua pode levar a uma adaptação das regras do português, resultando no apagamento da preposição *de*, conforme os resultados dessa nossa pesquisa tem demonstrado.

Por outro lado, menciona-se que a transferência de regras gramaticais da língua materna para a L2 é um fenômeno comum na aprendizagem de línguas. Se a língua materna dos falantes angolanos não exige uma preposição equivalente para expressar relações argumentativas, eles podem aplicar a mesma regra ao aprender falar português, resultando no apagamento da preposição.

Em suma, os dados indicam que a língua materna é um fator condicionante relevante para a variação na regência do verbo *gostar*. A maior frequência da forma padrão entre falantes de português L1 evidencia a internalização mais consolidada das normas gramaticais, enquanto a maior variação entre falantes de L2 aponta para os desafios típicos da aquisição de uma segunda língua em contextos sociolinguísticos complexos.

## **7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO FENÔMENO DE APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO COM O VERBO ASSISTIR**

Se no verbo *gostar* a preposição apagada foi *de*, no caso do verbo *assistir*, a preposição em análise é *a*. Desta feita, o que há de comum nesses dois é a

permissibilidade de estudar o apagamento na regência do português de Angola e o que os torna diferentes são o tipo de preposições apagadas, fato que motivou a rodar os dados de forma separada, como já afirmado também anteriormente.

Desta forma, a variável dependente foi (i) *Padrão* e (ii) *Não Padrão*. A padrão é aquela em que a preposição é utilizada e não padrão considera-se aquela cuja preposição foi apagada. A seguir, apresentam-se as variáveis linguísticas do verbo *assistir*:

## 7.1 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NO VERBO ASSISTIR SEGUNDO O TEMPO E A FORMA VERBAL

A presente variável da preposição *a* no verbo *assistir*, no contexto do português falado em Luanda, refere-se ao apagamento dessa preposição dependendo do tempo verbal e da forma verbal utilizada. Em algumas construções, especialmente no português coloquial, observa-se uma tendência de apagar a preposição quando o verbo *assistir* é conjugado em tempos no presente do indicativo ou no futuro, bem como em formas verbais mais informais, como o infinitivo impessoal.

**Tabela 14:** Apagamento da preposição *a* no verbo *assistir* segundo o tempo e à forma verbal.

| TEMPOS VERBAIS         | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|------------------------|--------|------------|-------|
| Presente do indicativo | 2/14   | 12/14      | 14    |
|                        | 14.3%  | 85.7%      | 53.8% |
| Forma infinitiva       | 2/10   | 8/10       | 10    |
|                        | 20.0%  | 80.0%      | 38.5% |
| Pretérito imperfeito   | 0/2    | 2/2        | 2     |
|                        | --     | 100%       | 7.7%  |
| <b>TOTAL</b>           | 4      | 22         | 26    |
|                        | 15.4%  | 84.6%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

A Tabela 14 apresenta a distribuição das ocorrências de uso do verbo *assistir*, no sentido de *ver*, quanto à presença ou ausência da preposição *a*, considerando três tempos e formas verbais: presente do indicativo, forma infinitiva e pretérito imperfeito. A análise dos dados evidencia uma predominância marcante da forma não padrão, isto é, do uso do verbo *assistir* sem a preposição exigida pela norma culta.

No tempo presente do indicativo, foram registradas 14 ocorrências, das quais apenas 2 (14,3%) apresentam a forma considerada padrão (com preposição), enquanto

as 12 restantes (85,7%) configuram a forma não padrão (sem preposição). Essa distribuição sugere que, nesse tempo verbal amplamente utilizado na oralidade, há uma tendência significativa ao apagamento da preposição.

A forma infinitiva, por sua vez, contabiliza 10 ocorrências, das quais 2 (20%) seguem a norma padrão e 8 (80%) a forma não padrão. Embora a proporção de uso da forma padrão seja ligeiramente superior à observada no presente do indicativo, ainda assim se observa a prevalência da ausência da preposição, o que pode indicar que a tendência ao apagamento não se limita à flexão verbal, mas também atinge formas não conjugadas do verbo, mesmo em contextos onde se espera uma construção mais formal.

Em relação ao pretérito imperfeito, nota-se uma uniformidade na preferência pela forma não padrão: das 2 ocorrências registradas nesse tempo verbal, ambas (100%) ocorreram sem a preposição exigida. Embora o número total de ocorrências seja baixo, o dado é significativo por indicar a ausência completa da forma normativa, sugerindo que o apagamento da preposição pode estar completamente enraizado nas construções com esse tempo verbal no português falado analisado.

No total, foram registradas 26 ocorrências do verbo *assistir* nas três categorias verbais examinadas. Destas, apenas 4 (15,4%) ocorreram conforme a norma padrão, enquanto 22 (84,6%) seguiram a forma não padrão. Esses dados demonstram uma tendência robusta ao apagamento da preposição *a*, independentemente do tempo verbal ou da forma utilizada. Tal resultado evidencia um processo de variação linguística marcado por simplificação sintática e possível reanálise da regência verbal por parte dos falantes. Assim sendo, concorda-se com Undolo (2016), afirmando que há uma aceitação de apagamento da preposição *a* sempre que a categoria regente for o verbo *assistir*.

Na visão da sociolinguística, esses dados corroboram a hipótese de que a oralidade exerce forte influência na estruturação das construções verbais, favorecendo o uso de formas mais econômicas e acessíveis no repertório comunicativo dos falantes angolanos. A alta frequência da forma não padrão pode indicar, ainda, um processo de mudança linguística em curso, em que a exigência da preposição pelo verbo *assistir*, no sentido de *ver*, tende a ser cada vez mais ignorada na fala cotidiana. Essa tendência pode estar relacionada tanto à instabilidade da norma quanto à reconfiguração das regras gramaticais pela comunidade linguística de Luanda, contexto específico desta pesquisa.

## 7.2 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO *A* NO VERBO *ASSISTIR* SEGUNDO O NÚMERO GRAMATICAL

Nessa variável, procura-se discutir o comportamento do número gramatical dentro da regência do verbo *assistir* no português falado em Luanda, procurando entender em que variante predomina o apagamento da preposição.

**Tabela 15:** Apagamento da preposição *a* no verbo *assistir* segundo o número gramatical.

| NÚMERO GRAMATICAL | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-------------------|--------|------------|-------|
| Singular          | 2/20   | 18/20      | 20    |
|                   | 10.0%  | 90.0%      | 76.9% |
| Plural            | 2/6    | 4/6        | 6     |
|                   | 33.3%  | 66.7%      | 23.1% |
| <b>TOTAL</b>      | 4      | 22         | 26    |
|                   | 15.4 % | 84.6%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

A Tabela 15 apresenta os dados relativos ao apagamento da preposição *a* no verbo *assistir*, considerando o número gramatical (singular e plural) das ocorrências. Observa-se, de modo geral, uma predominância significativa do uso não padrão, com 22 ocorrências (84,6%) frente a apenas 4 ocorrências do uso padrão (15,4%). Esse panorama revela uma tendência à transição do verbo *assistir*, tradicionalmente regido pela preposição *a* quando no sentido de "ver", para um comportamento de verbo transitivo direto na fala analisada.

A distribuição segundo o número gramatical mostra que, no singular, apenas 10% das ocorrências seguem a norma-padrão, ao passo que 90% se configuram como uso não padrão. Já no plural, verifica-se uma leve atenuação do apagamento, com 33,3% das ocorrências seguindo a norma-padrão e 66,7% não a seguindo. Ainda que o uso não padrão também predomine no plural, a diferença percentual em relação ao singular indica uma possível influência do número gramatical sobre o comportamento da variável.

Na sentença (37) *Olha, eu assisto normalmente telejornal* (participante masculino, escolaridade baixa, faixa A), do ponto de vista sociolinguístico, o alto índice de apagamento da preposição no singular pode estar associado a fatores como a maior frequência de sujeitos singulares nas construções do português falado e à tendência à

simplificação morfossintática na oralidade, processo comum em situações de menor monitoramento linguístico. Além disso, a preposição *a* apresenta baixo valor semântico, o que favorece seu apagamento em contextos de fala espontânea.

Por sua vez, na sentença a presença mais expressiva do uso padrão no plural pode sugerir um maior controle linguístico por parte dos falantes, possivelmente motivado por uma percepção de maior formalidade ou complexidade nas construções com sujeitos no plural. Outra hipótese possível é que, por haver uma maior carga morfológica nessas construções, o apagamento da preposição se torne menos frequente ou natural.

Portanto, os dados indicam não apenas a produtividade da variação, mas também a atuação de condicionamentos estruturais, como o número gramatical, no uso da regência verbal de *assistir*. Essa observação reforça os pressupostos da sociolinguística variacionista ao demonstrar que a língua em uso frequentemente se afasta da norma-padrão e que esse afastamento não ocorre de forma aleatória, mas é sistemático e motivado por fatores linguísticos e sociais.

Diante disso, olhando para realidade de Angola, estes resultados dialogam com a realidade brasileira e vão, certamente, ajudar a construir e consolidar a gramática descritiva de Angola.

### 7.3 A REGÊNCIA DO VERBO *ASSISTIR* SEGUNDO O SEXO NO PA

Essa tabela tem como objetivo controlar a variante que predomina a regência do verbo *assistir* segundo o sexo do participante.

**Tabela 16:** A regência do verbo *assistir* segundo o sexo no PA.

| SEXO      | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-----------|--------|------------|-------|
| Masculino | 1/10   | 9/10       | 10    |
|           | 10.0%  | 90%        | 38.5% |
| Feminino  | 1/16   | 15/16      | 16    |
|           | 6.2%   | 93.8%      | 61.5% |
| TOTAL     | 2      | 24         | 26    |
|           | 13.8%  | 92.4%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria

#### **Masculino**

Apenas 1 de 10 ocorrências apresentou a regência padrão, correspondendo a 10,0%. As 9 ocorrências restantes utilizaram a regência não padrão, equivalente a 90,0%. Os homens representam 38,5% do total de ocorrências analisadas (10 ocorrências de um total de 26).

### Mulheres

Apenas 1 de 16 ocorrências mostrou a regência padrão, o que corresponde a 6,2%. 15 ocorrências utilizaram a regência não padrão, correspondendo a 93,8%. As mulheres representam 61,5% do total de ocorrências analisadas (16 ocorrências de um total de 26). Houve um total de 26 ocorrências analisadas, das quais: 2 apresentaram regência padrão, o que corresponde a 13,8%. 24 apresentaram regência não padrão, equivalente a 92,4%.

Em suma, os dados indicam que tanto homens quanto mulheres utilizam predominantemente a regência não padrão do verbo *assistir* no português falado analisado (PA). No entanto, os homens apresentaram uma proporção ligeiramente maior de uso da regência padrão (10,0%) em comparação às mulheres (6,2%).

## 7.4 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NO VERBO ASSISTIR SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

Apresenta-se a seguir os resultados das variáveis extralinguísticas, para ver que fatores externos à língua estão influenciando na variação na regência do verbo *assistir*.

**Tabela 17:** Apagamento da preposição *a* no verbo *assistir* segundo a faixa etária

| FAIXA ETÁRIA      | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-------------------|--------|------------|-------|
| 18 a 35 Anos      | 1/8    | 7/8        | 8     |
|                   | 12.5%  | 87.5%      | 30%   |
| 36 a 51 Anos      | 0/2    | 2/2        | 2     |
|                   | 0%     | 100%       | 7.7%  |
| 52 Anos em diante | 3/16   | 13/16      | 16    |
|                   | 18.8%  | 81.2%      | 61.5% |
| <b>TOTAL</b>      | 4      | 22         | 26    |
|                   | 15.4%  | 84.6%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

A faixa etária A, dos 18 a 35 anos, apaga a preposição com 87,5% dos casos, o que indica uma predominância do uso não padrão, mas ainda há 12,5% dos casos em que a preposição é preservada. Já na faixa de B, dos 36 a 51 anos, a preposição é sempre apagada, que corresponde a 100%, tal como se observou também com o verbo *gostar* cuja faixa em referência é a que mais apaga a preposição *de*.

(55) *Às vezes só encontra, só **assistem filmes** é bem mais que sabem* (participante masculino, escolaridade primária, faixa A).

(56) *Olha, eu **assisto normalmente telejornal*** (participante masculino, escolaridade superior, faixa A).

(57) ***assisto também os telejornais**, a Record as vezes, a nossa TPA* (participante feminino, escolaridade superior, faixa C).

Esses dados apesar de serem pouco para uma análise ampla são pistas para compreender o caminho da regência verbal, no que se refere ao apagamento da preposição.

Finalmente, na faixa C, dos 52 anos em diante, embora tenha um alto índice de apagamento da preposição com 81,2%, é a que mais preserva a norma-padrão, com quase 19% de uso conforme a regra gramatical.

Essa faixa etária C foi socializada em um contexto em que o contato entre o português europeu e as línguas bantu de Angola era mais intenso e menos normatizado, quando se se pensar na data em dos dados dessa foram coletados, em 2008, Angola estava saindo duma guerra civil que não permitiu o acesso gramática tradicional europeia, uma vez que o conflito armado causou estragos de cunho social e linguístico. Entretanto, esse resultado pode ser consequência da formação social que o país terá passado.

Indivíduos mais velhos podem estar menos expostos à pressão das normas-padrão contemporâneas, que se tornaram mais acessíveis e difundidas por meio da mídia e da educação em décadas recentes. A fala não padrão tende a refletir a prática linguística de períodos anteriores, mais resistentes à padronização.

## 7.5 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Nesta variável, primeiramente é importante dizer que não fora encontrada nenhuma ocorrência com verbo *assistir* em participantes com nível escolar médio, por isso, há apenas na tabela o ensino primário e nível universitário.

**Tabela 18:** Apagamento da preposição *a* segundo nível de escolaridade.

| NÍVEL DE ESCOLARIDADE | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|-----------------------|--------|------------|-------|
| Ensino primário       | 0/11   | 11/11      | 11    |
|                       | --     | 100%       | 42.3% |
| Ensino superior       | 4/15   | 11/15      | 15    |
|                       | 26.7%  | 73.3%      | 57.7% |
| TOTAL                 | 4      | 22         | 26    |
|                       | 15.4%  | 84.6%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

A Tabela 18 apresenta a distribuição do fenômeno do apagamento da preposição *a* conforme o nível de escolaridade dos participantes da pesquisa, considerando duas categorias: *ensino primário* e *ensino superior*. A categoria do ensino médio não encontrada nessa variável, nos dados analisados.

Os dados revelam que, do total de 26 ocorrências, apenas 4 (15,4%) realizaram a preposição conforme a norma padrão, enquanto 22 (84,6%) apresentaram o apagamento. Essa predominância da forma não padrão já indica, de maneira geral, uma forte tendência ao uso da variante popular entre os falantes angolanos investigados.

Ao analisar separadamente os dois níveis de escolaridade, identificam-se contrastes importantes:

Primeiramente, no ensino primário, nenhuma ocorrência da forma padrão foi registrada. Todas as 11 ocorrências (100%) exibiram apagamento da preposição. Isso sugere que, nesse grupo, a forma não padrão é amplamente internalizada, funcionando como a norma de uso em contextos espontâneos de fala.

Segundo, no ensino superior, ainda que o uso da forma não padrão também seja predominante (73,3%), observam-se 4 ocorrências da forma padrão (26,7%). Esse número, embora minoritário, demonstra a influência da escolarização formal, que parece fornecer aos falantes um grau maior de monitoramento linguístico e conhecimento da norma-padrão.

Portanto, os dados sugerem que o nível de escolaridade atua como um fator de restrição parcial, reduzindo, mas não eliminando, o uso da variante não padrão.

Ainda que a presente tabela esteja centrada na variável "escolaridade", é possível traçar projeções teóricas ao se considerar os possíveis efeitos de outras variáveis sociais já analisadas, como gênero e faixa etária, conforme indicam estudos clássicos da Sociolinguística (Labov, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 1968).

No que toca o gênero a pesquisas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala têm mostrado que as mulheres tendem a adotar com maior frequência formas mais próximas da norma-padrão, especialmente em situações de fala monitorada. Caso os dados por gênero venham a confirmar essa tendência, seria esperado que mulheres com ensino superior apresentem proporcionalmente mais ocorrências da forma padrão do que homens com o mesmo nível de instrução.

No grupo com ensino primário, essa diferença pode ser menos visível, já que a escolaridade mais baixa reduz o grau de exposição à norma.

Essa projeção pode ser interpretada à luz do que Eckert (2003) denomina de "práticas de identidade linguística", nas quais as escolhas linguísticas refletem e reforçam posições sociais e identitárias.

Sobre a faixa etária, outra variável relevante é a idade, frequentemente associada à adoção de formas inovadoras ou conservadoras. Em linhas gerais, é possível propor que falantes mais jovens tendem a favorecer formas inovadoras e, portanto, podem apresentar maior índice de apagamento da preposição. Falantes mais velhos, por sua vez, podem ser mais conservadores linguística e normativamente, especialmente se tiverem maior escolarização formal, o que poderia aumentar a frequência da forma padrão nesse grupo.

Essa projeção está em consonância com o modelo de mudança em curso descrito por Labov (2008), no qual os jovens são vetores importantes de mudança linguística nas comunidades.

Desta feita, é possível concluir, que o fenômeno do apagamento da preposição *a*, conforme os dados da Tabela 18, indica que a norma popular urbana de Luanda se estrutura em torno da variante não padrão, o que reflete uma prática linguística estável e sistematicamente distribuída por fatores sociais. A variável escolaridade, embora relevante, não atua de forma categórica na imposição da norma-padrão. Projeções envolvendo gênero e faixa etária podem revelar padrões semelhantes, reforçando a ideia de que a língua se organiza por regularidades sociais que não coincidem com os critérios da gramática normativa, mas com os usos reais dos falantes em seu contexto sociocultural.

## 7.6 APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO A NA REGÊNCIA DO VERBO *ASSISTIR* SEGUNDO A LÍNGUA MATERNA

O apagamento da preposição *a* na regência do verbo *assistir* destaca-se como uma marca linguística relevante. A análise dessa aparência oferece um panorama sobre a dinâmica da variação linguística e os mecanismos de adaptação do português às particularidades extralinguística motivada pelo contato entre língua.

**Tabela 19:** Apagamento da preposição *a* na regência do verbo *assistir* segundo à língua materna

| LÍNGUA MATERNA | PADRÃO | NÃO PADRÃO | TOTAL |
|----------------|--------|------------|-------|
| Português L1   | 4/17   | 13/17      | 17    |
|                | 23.5%  | 76.5%      | 65.4% |
| Português L2   | 0/9    | 9/9        | 9     |
|                | --     | 100%       | 34.6% |
| TOTAL          | 4      | 22         | 26    |
|                | 15.4%  | 84.6%      | 100%  |

**Fonte:** Elaboração própria.

Nesta variável língua materna, na L1, observa-se uma variação no uso padrão e não padrão, ou seja, a preposição é apagada em alguns contextos, mas em outros não. Como se pode ver, dos 17 casos verificados em L1, em apenas 4 ocorre o uso da norma-padrão, mas, ainda assim, maior número ocorre com a forma não padrão, que é a preposição *a* apagada, com 13 ocorrências, que corresponde a 76.5%, num total de 17 observação.

Pelo menos aqui, em L1, há variação, mas a variante não padrão, que é a apagada, é a mais predominante no PA.

Quanto ao português L2, a tabela demonstra que foi categórico o uso da variante não padrão na regência verbal de *assistir*, ou seja, num contexto em que dos 9 casos observados, todos eles ocorrerem com o apagamento da preposição *a*. Até aqui, prevalece a hipótese de que o português falado em Luanda é consequência do contato com as línguas africanas.

É importante referir que Silva e Araújo (2017), num estudo comparativo sobre as regências dos verbos *assistir* e *namorar* nas variedades brasileira e angolana do português, também observaram o fenômeno de apagamento de preposição no verbo *assistir*.

## 8 SUBSTITUIÇÃO DE PREPOSIÇÃO NA REGÊNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA:

A substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda configura-se como um assunto linguístico de grande relevância, refletindo o contato intenso entre o português e as línguas bantu locais, especialmente o umbundu. Tal interação, associada a fatores históricos, sociais e culturais, resulta em uma dinâmica variacionista que evidencia processos de adaptação no uso das preposições em contextos de regência verbal.

Esta pesquisa, ancorada na sociolinguística variacionista, busca descrever e analisar as condições em que ocorrem as substituições de preposições, considerando variáveis linguísticas e extralinguísticas, como o contexto sintático. A abordagem visa não apenas mapear as mudanças observadas na regência verbal, mas também compreender como essas alterações dialogam com a identidade linguística dos falantes e os processos de variação e mudança.

### 8.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTO

Nesta primeira tabela, apresenta-se o uso de preposições no português falado em Luanda, com foco em sua utilização em verbos de movimento (*ir, vir, chegar, sair*) e sua substituição por outras preposições, cujas ocorrências são verificadas a seguir:

**Tabela 20:** Tipos de Preposições.

| TIPO DE PREPOSIÇÕES    | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL            |
|------------------------|------------------------|--------------------|------------------|
| Preposição <i>A</i>    | 5/78<br>6.4%           | 73/78<br>93.6%     | 78/371<br>21.0%  |
| Preposição <i>Para</i> | 145/146<br>99.3%       | 1/146<br>15.7%     | 146/371<br>39.4% |
| Preposição <i>Em</i>   | 120/120<br>100%        | 0/120<br>0.0%      | 120/371<br>32.2% |
| Preposição <i>De</i>   | 1/27<br>3.7%           | 26/27<br>96.3%     | 27/371<br>7.3%   |
| TOTAL                  | 271<br>73.0 %          | 100<br>27.0%       | 371              |

**Fonte:** Elaboração própria

## A

Entre as ocorrências detectadas, foram registradas 78 ocorrências da preposição *a*. Destas, 73 atenderam à forma padrão, representando 93,6% do total, enquanto 5 atenderam à forma não padrão, com uma frequência de 6,4%. No contexto geral, a preposição *a* corresponde a 21,0% das ocorrências totais das preposições na amostra. Os exemplos a seguir apresentam essas ocorrências.

(58) *Livre eu gosto de ler, também gosto de **ir à praia** e gosto de aproveitar visitar a família.* (participante masculino, escolaridade primária, faixa A).

(59) *quando iniciou mesmo pra **ir à escola**, ela já sabia primeiro escrever e ler em casa* (participante feminino, escolaridade média, faixa A).

Apesar de já se ter confirmado o recuo da preposição *a* em verbos de movimento, como *ir*, principalmente, (Mollica, 1996; Wiedemer, 2008; Adriano, 2014; Jesus, 2014), nos resultados desta pesquisa, percebe-se que ela ainda concorre com as outras variantes presentes no estudo, pois que é favorecida pela variável escolaridade, como se observará mais a diante.

Se se pensar no processo de simplificação da língua, a preposição *a* é, foneticamente, menos marcada do que outras preposições, como *para* ou *em*, o que pode contribuir para substituição. Em contextos de movimento, em vez de *ir à praia*, é mais comum ouvir *ir para praia* ou até mesmo *ir na praia*. A preposição *para* oferece mais clareza semântica ao indicar uma ideia de destino, enquanto *a* pode ser mais ambígua.

## Para

A preposição mais utilizada como não padrão é a *para*, com 145/146 ocorrências (99,3%), ou seja, em quase todos os casos ela é empregada em uso não padrão.

Portanto, no português falado em Luanda, especialmente em verbos de movimento, a preposição *para* é a mais empregada de forma não padrão e, ao mesmo tempo, a que mais frequentemente é usada para substituir a preposição padrão *a*, quando se trata de verbos *ir* e *vir*, como se pode ver:

(60) *Mas eu **vim para o ISCED** estudar...* (participante feminino, escolaridade superior, faixa A). Nesse caso, a preposição *a* foi substituída pela *para*.

(61) ***Ir pro rio** às vezes tomar banho* (participante feminino, escolaridade média, faixa B). Aqui, ocorre a substituição da preposição *a* por *para*, outra vez.

## Em

A preposição *em* apresenta um comportamento marcante, com todas as 120 ocorrências (100%) correspondendo à variante não padrão. Isso faz com que a preposição *em* represente 32,2% do total de preposições na amostra. Os dados apontam que a variante inovadora não aceita pela gramática tradicional europeia é usual no português falado em Angola, concorrendo com a variante *para*, que se destaca na escolha de preposição em verbos de movimento.

(62) *e ele também ia na igreja do bairro dele, mas pronto, quando nos ajuntamos, então frequentamos a mesma igreja.* (participante feminino, escolaridade média, faixa B)

(63) *já viu quando a pessoa que está doente, sente dores e tem que ir no hospital e não sabe o que é.* (participante masculino, escolaridade média, faixa B).

Segundo Cunha (1996, p. 524), a preposição "em" expressa interioridade e alcance de uma situação dentro de.

Talvez, essa ideia de se pensar na função da preposição motiva também o uso dessa variante inovadora no PA. Esse fato pode ser comprovado na hipótese da configuração do espaço, em que a variante *em*, não padrão, é muito utilizada quando se refere a um espaço fechado.

No caso do português falado em Luanda, as línguas bantu locais exercem grande influência. Nessas línguas, os marcadores de movimento não podem fazer distinção formal entre direção e posição, o que pode levar ao uso de *em* para marcar ambos os contextos. Assim, ao falar português, os falantes podem transferir essa estrutura de suas línguas nativas, favorecendo o uso de *em* em vez de *a*.

Com o passar do tempo, os falantes podem reinterpretar a preposição *em* como adequada para verbos de movimento devido à frequência com que ela aparece em combinações como *no* e *na*. Observa-se:

(64) *que as vezes vocês querem fazer, querem fazer – como diz você, foram na lavra, ver a vida no rio* (participante anterior). Nessa construção, pode ser percebida como natural porque combina o verbo de movimento *ir* com um local, mesmo que normativamente a forma seria *foram à lavra*.

Logo, vale afirmar que a escolha da preposição *em* em verbos de movimento é motivada por simplificação linguística, influência da oralidade, interferências de línguas locais, como se verificou na subseção sobre língua umbundu, e questões semântica.

Do ponto de vista da simplificação linguística, poderia mencionar que a variação favorece estruturas mais simples e frequentes. A preposição *a*, por ser foneticamente

menos marcada e mais suscetível a apagamento na fala rápida, pode perder espaço para alternativas mais perceptíveis e previsíveis, como *para* e *em*. Essa variação reflete um processo natural de mudança linguística, que privilegia formas mais frequentes, simples e funcionais, especialmente em contextos informais.

### **De**

No caso da preposição *de*, que nesta pesquisa ocorre apenas com o verbo de movimento *sair*, foram constatadas 27 ocorrências, das quais 26 (96,3%) pertencem à forma padrão, enquanto apenas uma ocorrência (3,7%) está na forma não padrão. A preposição *de* é a menos frequente no conjunto de dados, correspondendo a apenas 7,3% das ocorrências totais. Das poucas ocorrências, verificam-se:

(65) *então depois quando **sai no lá no Huambo**, na minha terra. Disse a minha mãe: Não, a Dominga é melhor ir na senhora pra trabalhar* (participante feminino, escolaridade primária, faixa C).

(66) *minha mãe saiu no Wako-Kungo no Wako-Kungo que é Kuanza-Sul **foi lá no Huambo*** (participante feminino, escolaridade primária, faixa A)

Nessa sentença, ocorre um fenômeno menos comum no português brasileiro, mas comum no PA, que é a substituição da preposição *de* por *em* principalmente em participantes com português L2. Assim, ao invés de dizer *sair de*, o participante *diz sair no*. Essas ocorrências são detalhadas na variável verbos de movimento.

## 8.2 AS OCORRÊNCIAS DE PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS DE LUANDA

No estudo da variação linguística do português angolano (PA), uma das manifestações que mais se destaca é a dinâmica das preposições na regência verbal, especialmente no contexto dos verbos de movimento. Esse fenômeno revela não apenas características estruturais do português falado em Luanda, mas também caminhos da sintaxe da regência verbal dessa variedade. A análise detalhada dessas estruturas permite compreender as tendências de uso, com destaque à substituição de preposições, aspectos que são fundamentais para explorar e compreender as especificidades da norma angolana em relação ao português europeu e brasileiro.

Para melhor entendimento da substituição das preposições em verbos de movimento no PA, cruzou-se a variável *tipo preposição* e a variável *verbos de*

*movimento*, com o intuito de identificar em qual verbo a substituição da preposição ocorre com maior frequência ou se mantém a forma padrão.

**Tabela 21:** Ocorrência das preposições em verbos de movimento no PA.

|               |       | <b>PARA</b> | <b>%</b> | <b>A</b> | <b>%</b> | <b>EM</b> | <b>%</b> | <b>DE</b> | <b>%</b> | <b>£</b> | <b>%</b> |
|---------------|-------|-------------|----------|----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|----------|----------|
| <b>IR</b>     | S     | 121         | 99       | 4        | 6        | 61        | 100      | 0         | 0        | 186      | 76       |
|               | N     | 1           | 1        | 59       | 94       | 0         | 0        | 0         | 0        | 60       | 24       |
|               | Total | 122         | 100      | 63       | 100      | 61        | 100      | 0         | 0        | 246      | 100      |
| <b>VIR</b>    | S     | 22          | 100      | 1        | 14       | 9         | 100      | 0         | 0        | 32       | 84       |
|               | N     | 0           | 0        | 6        | 86       | 0         | 0        | 0         | 0        | 6        | 16       |
|               | Total | 22          | 100      | 7        | 100      | 9         | 100      | 0         | 0        | 38       | 100      |
| <b>CHEGAR</b> | S     | 2           | 100      | 0        | 0        | 34        | 100      | 0         | 0        | 36       | 82       |
|               | N     | 0           | 0        | 8        | 100      | 0         | 0        | 0         | 0        | 8        | 18       |
|               | Total | 2           | 100      | 8        | 100      | 34        | 100      | 0         | 0        | 44       | 100      |
| <b>SAIR</b>   | S     | 0           | 0        | 0        | 0        | 16        | 100      | 1         | 4        | 17       | 40       |
|               | N     | 0           | 0        | 0        | 100      | 0         | 0        | 26        | 96       | 26       | 60       |
|               | Total | 0           | 0        | 0        | 100      | 16        | 100      | 27        | 100      | 43       | 100      |
| <b>Total</b>  | S     | 145         | 99       | 5        | 6        | 120       | 100      | 1         | 4        | 271      | 73       |
|               | N     | 1           | 1        | 73       | 94       | 0         | 0        | 26        | 96       | 100      | 27       |
|               | Total | 146         | 100      | 78       | 100      | 120       | 100      | 27        | 100      | 371      | 100      |

**Fonte:** Elaboração própria.

A tabela mostra a frequência de ocorrência do uso de preposições na regência dos verbos de movimento *ir*, *vir*, *chegar* e *sair*. Os dados estão divididos entre os casos em que as preposições seguem a norma padrão (variável padrão) e a norma não padrão (variável não padrão), que são dois fatores da variável.

Cada verbo carrega nuances específicas na interação com preposições. Por isso, a abordagem individual de cada um deles se faz necessária para compreender as variações observadas. No decorrer da discussão, explora-se como as preposições são utilizadas com cada verbo, destacando suas frequências de ocorrência e os fatores que influenciam a adoção da norma padrão ou não padrão.

### ***Ir***

De modo geral, o verbo *ir* aparece em 246 de 371 casos analisados, representando 76,3% do total de verbos de movimento. Essa predominância sugere que,

no português falado em Luanda, o verbo *ir* é o que mais favorece a substituição da preposição esperada, pois que é frequentemente utilizado em expressões do dia a dia, e a alta taxa de uso não padrão pode refletir a tendência de simplificação ou economia linguística no português de Angola.

O verbo *ir* aparece majoritariamente regido pela preposição *para*, com 121 ocorrências, o que representa 99% dos casos em que essa preposição é utilizada. A preposição *a* também é recorrente, com 59 ocorrências (94% dos casos em que *a* aparece com o verbo *ir*), enquanto *em* registra 61 ocorrências, estando presente em 100% dos casos analisados com essa preposição. Assim, embora *para* seja a preposição predominante na regência do verbo *ir*, *a* e *em* também apresentam frequências significativas:

(67) *os meu 17 anos já ia para discoteca* (participante feminino, escolaridade primária, português, faixa A). Aqui, a preposição esperada *a* foi substituída pela *para*.

(68) *Íamos pras cachoeiras que é um local mesmo de arrasar* (participante masculino, escolaridade médio, faixa A)

No estudo de Wiedemer (2008), que investigou a variação no uso das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina, a análise menciona que *para* ocorre em 45% dos casos, enquanto *em* aparece em 40% e *a* em apenas 15%.

Já no estudo de Jesus (2014), A regência variável do verbo *ir* de movimento em Comunidades Rurais do Semiárido Baiano, das 582 ocorrências com o verbo *ir* de movimento, encontrou 418 realizações com a variante *para*, perfazendo 71% e 164 com a variante *em* correspondente a 29%.

Esses dois estudos são indicadores da escolha da variante não padrão no contexto de fala, quando se trata da preposição *em*, o que também é comum no PA.

Enquanto que Adriano (2014, p. 333) vai afirmando que a preposição *a* é frequentemente substituída pela preposição *em* com verbo *ir*. Exemplo: “quando houver mais um enfermeiro que pede gasosa / vai *no* tribunal [TPA1, Campanha, 26.08.2012] (grifo do autor).

A escolha da preposição *para*, o recuo da preposição *a* e o uso da variante inovadora *em* com o verbo *ir*, no PA, refletem uma tendência da fala real do português vernacular falado em Angola, o que não se distancia das outras variedades como PB, segundo os dados apresentados. Trata-se de uma inovação em relação ao português

européu normativo, mas que pode já ser consolidada em variedades do português angolano.

Essa escolha pode ser observada na fala de participante feminino, escolaridade baixa, faixa A da pesquisa.

(69) *agora vou para praça...*

(70) *Daí ficamos a namorar, íamos juntos para discoteca...*

Essa preferência por *para* pode estar relacionada a fatores sociolinguísticos, como a influência dos padrões urbanos e rurais, num contexto em que Luanda, particularmente, foi e continua sendo palco de junção de classes sociais, onde as mais baixas atingem as médias e altas por conta do trabalho doméstico, da música popular que traz consigo muito português vernacular, da mídia de entretenimento que tem ocupado muito espaço de audiência e da própria estrutura social onde a riqueza está concentrada na minoria.

Por fim, o uso da preposição *para* ou *em* está também relacionada à sua semântica, especialmente em contextos de movimento e direção e motivado pelas línguas bantu, como se poderá observar na variável língua L1 e L2.

## **Vir**

No total, o verbo *vir* apresenta-se com 38 casos (10,2%). Apesar de a porcentagem de uso não padrão ser alta, o verbo *vir* aparece com menos frequência no *corpus* em comparação com o verbo *ir*.

Sobre a frequência de uso não padrão do verbo *vir* também apresenta uma alta taxa de uso não padrão, com 32 ocorrências (84,2%), indicando que esse verbo frequentemente sofre substituição da preposição. Já na frequência de uso padrão apresenta apenas 6 ocorrências (15,8%) que segue a norma padrão.

No verbo *vir*, a preposição *para* ocorre em 22 casos, representando 100% dos contextos em que aparece, sendo sempre um uso não padrão.

(71) *Não, infelizmente meu esposo faleceu no ano dois mil. Viemos juntos pra Luanda... pra Luanda, mas ele faleceu mesmo aqui no ano dois mil. Eu sou viúva* (participante feminino, escolaridade média, faixa B).

(72) *de manhã eu vinha pra escola* (participante feminino, escolaridade média, faixa A).

(73) *Mas eu **vim para o ISCED*** (participante feminino, escolaridade superior, faixa A).

(74) ***vem em casa** às vezes a mãe pergunta “quê que a professora ensinou?* (participante feminino, escolaridade média, faixa A).

O uso de *para* pode estar relacionado ao contexto discursivo e à necessidade de enfatizar a ideia de direção ou finalidade e à tentativa de maior clareza comunicativa. Por exemplo, participante ao dizer *eu vim para o ISCED*, a preposição *para* reforça a ideia de destino final, enquanto *vim ao ISCED* poderia ser interpretado como algo mais transitório.

Na variedade do PA, há uma tendência de substituição da preposição *a* por *para* quando o verbo denota movimento e isso ocorre porque *para* é mais semanticamente carregado, explicitando a ideia de direção e destino de forma mais marcante do que *a*. A preposição *a* frequentemente indica um destino imediato ou um deslocamento pontual (ex.: *vim à escola* pode sugerir que o falante está de passagem ou tem intenção de voltar). A preposição *para*, por outro lado, tende a reforçar a noção de permanência ou de um destino mais definitivo (*vim para a escola* pode indicar que o falante passou a frequentá-la regularmente).

### ***Chegar***

Sobre o verbo *chegar*, no uso não padrão, apresenta 36 ocorrências (82%), demonstrando também uma alta propensão à substituição da preposição no português falado em Luanda. Na frequência de uso padrão, apresenta 8 ocorrências (18%). No total das ocorrências, segundo os dados, o verbo *chegar* aparece em 44 casos (11,9%) do total.

No uso das preposições, a preposição *para* ocorre como não padrão em 2 casos, corresponde a 100%, a preposição *em* ocorre como não padrão em 34 casos, correspondente a 100%. Por fim, a preposição *a*, que é padrão, ocorre apenas em 6 casos. Segue uma fala para facilitar o entendimento.

(75) *Então assisto a missa das 6 e 30. Depois volto pra casa. **Quando eu chego em casa**, vou procurar o negócio. Assim que eu vou procurar o negócio, saio, vou... às vezes eu chego na praça, lá na praça 8 horas, lá. onde é que eu vou procurar o negócio. Quando for 9 horas tô a voltar e chego na praça, amarro a (...) ponha uma banheira* (participante feminino, escolaridade primária, faixa C).

Aqui, há predominância da variante *em* com verbo *chegar*, usado num contexto informal por uma participante de nível de escolaridade primária. Provavelmente, o nível em causa e a classe social estejam favorecendo no uso dessa variante e o recuo da variante padrão *a*. No exemplo a seguir, ver-se-á que a regência do verbo *chegar* já não apresenta a variante *em*. Observe:

(76) *Tem sido estressante. Porque eu vivo na baixa de Luanda e tenho que percorrer várias distâncias até **chegar ao meu local** de trabalho*

*Olha, não... não... não tenho assim tempo de pegar no comando da TV, de sentar e assistir a alguma novela, mas eu nesse momento, acho que "Mar de Amor" uma novela mexicana, que sempre que **chego a casa** é a novela que assisto.* (participante feminino, escolaridade superior, faixa C).

Com essa participante do ensino superior, o uso da variante é a padrão. Isso comprova que o fator nível de escolaridade está favorecendo a substituição da proposição na regência verbal do PA.

A alta taxa de uso não padrão no verbo *chegar*, reforça a hipótese de que nos seus usos mais informais tendem a ser mais suscetíveis as variações na regência preposicional em Luanda.

### **Sair**

O verbo *sair* destaca-se por apresentar a menor taxa de ocorrência fora da norma, com 16 casos, correspondentes a 40%. Contudo, esse percentual já indica uma tendência relevante no estudo da regência verbal do português falado em Luanda.

O verbo *sair* com a preposição *em*, na forma não padrão, ocorre em 16 casos, com a preposição *de*, na forma padrão 26 casos, correspondentes a 60%. A preposição *para*, nesse verbo, não foi aplicada.

(77) *Então **a minha mãe saiu no Wako-Kungo** que é Kuanza-Sul foi lá no Huambo. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha ai, por ai dois anos, dois anos quando eu foi pró Huambo, dois anos.* (participante feminino, escolaridade primária, faixa A).

(78) *Ainda me lembro, na altura estudava a décima classe na vinte e oito de Agosto né? e nessa altura foi viver com minha irmã porque ela tinha a dado luz há tempos então eu cuidada do bem dela, naquela travessia de **sair com o bebê na casa da minha** mãe para casa da minha irmã* (participante feminino, escolaridade média, faixa A).

Esses dados, nos quais as participantes usam a variante não padrão *em*, demonstram mais uma vez quanto o nível social pode interferir na língua, uma vez que se trata de participantes com nível de escolaridade primária e média.

(79) *Depois do deserto tem o mar que de longe parece uma miragem, mas deu pra confrontar com aquela imagem e era muito linda. Saí do deserto e deparei-me logo com o mar.* (participante feminino, escolaridade superior, faixa A).

(80) *No começo, quando nós entramos, entramos ainda na brigada da Gereba. Naquele tempo, não havia, vamo assim dizer, professores, em mil novecentos e oitenta, porque eu sai do Huambo oitenta e três, fins de oitenta e três.* (participante feminino, escolaridade superior, faixa A).

Mais uma vez, o estudo aponta que o nível de escolaridade está favorecendo a escolha da variante no PA. Os menos escolarizados tendem a usar as formas não padrão e os mais escolarizados, a forma padrão.

Logo, a preposição *em* é usada exclusivamente quando há regência explícita (16 ocorrências, 100%). Já a preposição padrão domina com 26 ocorrências. Assim, há uma clara preferência por *de* na ausência da preposição explícita, sem desconsiderar a variante inovadora *em* que também está regendo o verbo *sair* no PA.

Resultados como estes sugerem que, com mais pesquisas dessa natureza, será possível identificar e comprovar qual preposição é preferencialmente utilizada no português angolano com o verbo em referência.

Diante dos verbos de movimento apresentados, a tabela revela que o verbo *ir* é o mais propenso à variação não padrão, com 75% de uso não padrão. Esse fato indica uma tendência de substituição preposições com maior frequência, possivelmente, devido à sua alta frequência de uso no cotidiano, o que favorece a simplificação linguística no ato de comunicação, enquanto que verbo *sair* se destaca como o mais conservador no uso das preposições, sendo o único a apresentar mais casos de uso padrão do que não padrão.

Os dados refletem uma dinâmica linguística interessante no português falado em Luanda, onde os verbos de movimento, em geral, apresentam variação na regência, mas com diferenças importantes de comportamento entre eles.

Esses dados são importantes para entender como o português falado em Luanda difere da norma padrão, especialmente no que diz respeito aos verbos de movimento e

suas preposições associadas, são também indicadores de um quadro de regência verbal que caracteriza o português falado em Angola.

### 8.3 USO DOS TEMPOS VERBAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

A análise dos dados que se seguem demonstra que o uso da variante não padrão predomina em todos os tempos, alcançando 77,9% no presente do indicativo e 75% no pretérito imperfeito, demonstrando uma forte presença de características de simplificação estrutural. No entanto, observa-se uma maior proximidade com a norma padrão no pretérito perfeito (32,4% de uso padrão), possivelmente devido à maior formalidade associada a esse tempo verbal. O infinitivo, que não é um tempo verbal, mas sim forma verbal, por sua vez, apresenta um comportamento intermediário, com 72,5% de ocorrência não padrão. Estes resultados destacam a importância de compreender as variações linguísticas nesse contexto, reforçando a necessidade de investigar os fatores sociolinguísticos e históricos que influenciam o PA.

### 8.4 OS TEMPOS E AS FORMAS VERBAIS EM VERBOS DE MOVIMENTO

A tabela abaixo mostra a distribuição da substituição de preposição (uso padrão e não padrão) em diferentes tempos verbais na regência verbal do português falado em Luanda.

**Tabela 22:** Os tempos e formas verbais em verbos de movimento.

| TEMPOS VERBAIS         | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL   |
|------------------------|------------------------|--------------------|---------|
| Presente do Indicativo | 102/369                | 29/369             | 131/369 |
|                        | 77.9%                  | 22.1%              | 35.5%   |
| Pretérito Perfeito     | 75/369                 | 36/369             | 111/369 |
|                        | 67.6%                  | 32.4%              | 30.1%   |
| Forma infinitiva       | 66/369                 | 25/369             | 91/369  |
|                        | 72.5%                  | 27.5%              | 24.7%   |
| Pretérito Imperfeito   | 27/371                 | 9/369              | 36/369  |
|                        | 75.0%                  | 25.0%              | 9.8%    |
| TOTAL                  | 270                    | 99                 | 369     |
|                        | 73.2 %                 | 26.8%              |         |

**Fonte:** Elaboração própria.

A análise destaca a variação entre o uso padrão e o não padrão das preposições em quatro tempos verbais: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito, Infinitivo e Pretérito Imperfeito.

### **Presente do Indicativo**

Na presente tabela, o presente do indicativo é o tempo verbal com a maior ocorrência de substituição de preposição (variável não padrão), representando 102/369 das ocorrências, ou seja, 77.9% das ocorrências dentro desse tempo verbal. Este número é significativamente maior em comparação com outros tempos verbais.

(81) *dezesseis hora vou para casa fazer o jantar dos meu filhos* (participante feminino, escolaridade primária, faixa A).

(82) *várias vezes que eu não vou para festas* (participante masculino, escolaridade primária, faixa A).

(83) *chegamos em Portambui, a nossa tenda recolheu não sei o que chegamos a Pagabela remetemos a nossa tenda* (participante feminino, escolaridade médio, faixa B).

(84) *vem em casa às vezes a mãe pergunta “quê que a professora ensinou?”* (participante masculino, escolaridade médio, faixa B).

Uma possível interpretação para essa alta frequência de substituições no presente do indicativo está relacionada ao seu uso frequente na linguagem cotidiana e falada, como se observa fala dos participantes. O presente do indicativo, normalmente, é o tempo verbal mais comum para descrever ações habituais, rotineiras ou que ocorrem no momento da fala. Sendo assim, é esperado que seja o tempo verbal em que mais aparecem variações linguísticas, especialmente em variedades linguísticas como o português falado em Luanda, que pode apresentar particularidades na regência verbal devido à influência de fatores como línguas locais.

Essas substituições podem ocorrer em contextos de simplificação linguística, onde a norma culta nem sempre é seguida à risca, refletindo a adaptação do uso das preposições às necessidades comunicativas do dia a dia. Além disso, o fato de que o presente do indicativo é amplamente utilizado em contextos informais pode reforçar essa tendência de uso não padrão no português falado em Luanda.

### **Pretérito Perfeito**

No tempo pretérito perfeito, a substituição de preposição (não padrão) apresenta 75/369 ocorrências, representando 67.6%. Já o uso padrão apresenta 36/369 casos, representando 32.4%. O total de ocorrências, segundo os dados analisados é 111/369 (30.1%).

Os exemplos a seguir mostram essa variação no tempo em análise:

(85) *A pessoa que nunca **fui na igreja** aqui. Na minha província ía, mas aqui nunca* (participante feminino, escolaridade médio, faixa B).

(86) *Quando **vim pra cidade** do Bié, é quando que eu comecei já a falar português* (participante masculino, escolaridade médio, faixa B).

(87) *Eu **sai no Bié** 83. Agora temos que contar 83, 84, 85, 86* (participante masculino, escolaridade baixo, faixa B).

(88) *Não. **cheguei em Luanda**, tive que vir e ao mesmo tempo dirigir a tropa.* (participante homem, escolaridade médio, faixa B).

O pretérito perfeito apresenta uma taxa significativa de substituição de preposições, com 67.6% de uso não padrão, como já dissemos. Esse tempo verbal é usado para descrever ações concluídas no passado, e o uso da variante não padrão pode estar relacionado à forma como os falantes organizam a narrativa de eventos passados de forma mais flexível em contextos de fala cotidiana, resultando em uma variação considerável em relação ao padrão prescrito.

## Infinitivo

Com a forma infinitiva, a substituição de preposição (não padrão) apresenta 66/369 casos, representando 72.5%. Já o uso padrão mostra-se com 25/369 casos, representando 27.5%. Total de ocorrências: 91/369 (24.7%). A seguir, a fala dos seguintes participantes ajudam a clarear essas ocorrências.

(89) *antes de mim **vir pra Benguela**, primeiro eu tava na casa de meus padrinhos* (participante feminino, escolaridade primário, faixa B).

(90) *e eu a **sair já na cidade** disse: Êpa, vão me matar já mesmo hoje* (participante feminino, escolaridade primário, faixa B).

(91) *já viu quando a pessoa que está doente, sente dores e tem **que ir no hospital** e não sabe o que é, perde mais dinheiro e quando morre* (participante masculino, escolaridade primário, faixa B).

(92) *até quando você **chegar na sua casa*** (participante masculino, escolaridade primário, faixa B).

A forma do infinitivo é outro caso de alta taxa de substituição de preposição, com 72.5% das ocorrências sendo não padrão. O infinitivo é amplamente utilizado em uma variedade de contextos verbais, especialmente em estruturas de complementação e em construções mais complexas. A alta variação pode decorrer da flexibilidade na forma como os falantes constroem sentenças com verbos no infinitivo, o que reflete a influência de particularidades regionais e contextos sociolinguísticos do português de Luanda.

### **Pretérito Imperfeito**

No pretérito imperfeito, a substituição de preposição (não padrão) apresenta 27/369 casos, representando 75.0%. O uso padrão aparece com 9/369 casos, representando 25.0%. Total de ocorrências: 36/369 (9.8%). Assim, se pode verificar o seguinte:

(93) *já, uma vez, eu **ia pra festa** encontrei uns rapazes, eles dormiam no terraço* (participante masculino, escolaridade médio, faixa C).

(94) *Eu **vinha sempre aqui na ilha**, nos deparamos* (participante masculino, escolaridade baixo, faixa C).

O Pretérito Imperfeito apresenta 75.0% de substituição de preposição. Embora a frequência de uso desse tempo verbal seja menor em comparação com os outros, sua taxa de substituição é alta. O pretérito imperfeito, que expressa ações contínuas ou habituais no passado, também está sujeito a variações linguísticas em contextos de uso informal, o que pode justificar a alta incidência de construções não padrão.

Em suma, olhando para essa variável, os tempos verbais apresentados, revelam que o uso de preposições não padrão na regência verbal é predominante em todos os tempos verbais analisados, com destaque para o *presente do indicativo* (77.9%) e o *infinitivo* (72.5%). Esses resultados podem ser atribuídos ao fato de que, em contextos de fala mais informais e dinâmicos, como o português de Luanda, há uma maior liberdade na aplicação das regras de regência verbal, possivelmente influenciada por fatores como o contato, o que leva a uma maior flexibilidade no uso das preposições.

## 8.5 PERMANÊNCIA NO LOCAL NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

A tabela que se segue apresentada analisa a relação entre a variável *permanência no local* e a variação na regência verbal, classificando as ocorrências em variáveis padrão e não padrão no português falado em Luanda.

**Tabela 23:** Permanência no local no português falado em Luanda

| PERMANÊNCIA NO LOCAL | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL            |
|----------------------|------------------------|--------------------|------------------|
| - Permanência        | 183/371<br>68.3%       | 85/371<br>31.7%    | 268/371<br>72.2% |
| + Permanência        | 88/371<br>85.4%        | 15/371<br>14.6%    | 103/371<br>27.8% |
| TOTAL                | 271<br>73.0 %          | 100<br>27.0%       | 371              |

**Fonte:** Elaboração própria

A variável Permanência no local, conforme apresentada na Tabela 23, mostra-se decisiva na distribuição das variantes padrão e não padrão da regência verbal. Dos 371 dados analisados, 72,2% pertencem ao grupo de menor permanência, enquanto 27,8% correspondem aos indivíduos de maior permanência. O comportamento linguístico observado nestes dois grupos apresenta padrões significativamente distintos.

Entre os falantes com menor permanência no local, como se percebe na sentença (75) *Então assisto a missa das 6 e 30. Depois volto pra casa. Quando eu chego em casa, vou procurar o negócio. Assim que eu vou procurar o negócio, saio, vou... às vezes eu chego na praça, lá na praça 8 horas, lá. onde é que eu vou procurar o negócio. Quando for 9 horas tô a voltar e chego na praça, amarro a (...) ponha uma banheira* (participante feminino, escolaridade primária, faixa C), observa-se que a variante não padrão ocorre em 68,3% das vezes, enquanto a padrão aparece em 31,7% dos casos.

Já entre os falantes com maior permanência, como em (88) *Não. cheguei em Luanda, tive que vir e ao mesmo tempo dirigir a tropa.* (participante homem, escolaridade médio, faixa B), a assimetria é ainda mais pronunciada: 85,4% das ocorrências são de uso não padrão, contra apenas 14,6% de uso da forma padrão. Esses dados quantitativos indicam que quanto maior o tempo de permanência no local, mais frequente é o uso da forma não padrão da regência verbal.

Essa tendência pode ser compreendida sociolinguisticamente como um reflexo do grau de imersão linguística dos falantes: indivíduos com permanência prolongada no local tendem a internalizar formas mais correntes e naturalizadas no uso cotidiano, enquanto aqueles com tempo mais reduzido mantêm maior aderência ao modelo normativo, por estarem menos expostos às práticas linguísticas locais ou por conservarem hábitos anteriores.

Esse padrão sugere que a falta de uma associação forte com a ideia de permanecer em um local favorece a simplificação ou variação das regras de regência, refletindo uma tendência de flexibilização da norma em contextos menos formais de uso da língua.

O traço de menos permanência pode ser encontrado também em ocorrências produzidas por participante masculino, nível superior, faixa B.

(97) ***Vou pra faculdade***, às sete até às treze horas tô na faculdade...

(98) *Eu não posso vir fardado na faculdade e **chego em casa** troco...*

(99) *fardo-me catorze horas, catorze e meia, saio, **vou pró serviço**...*

Jesus (2014, p. 220), ao estudar a regência verbal do semiárido baiano, encontrou resultados semelhantes, nos quais a preposição *em* é utilizada quando a ida é para certo fim, voltando-se depois, como ocorre nos exemplos 34 e 35 com o verbo *chegar*.

No trabalho de Mollica (1998, p. 163) sobre a regência do verbo *ir* de movimento no Rio de Janeiro, a preposição *para* marca o traço mais permanência, conservando a ideia tradicional. Os nossos resultados mostram que a preposição *para* é marcada pelo traço menos permanência, o que quebra o padrão tradicional.

Porém, sobre os dois traços apresentados, os dados da tabela sugerem que o fator permanência no local tem impacto sobre a frequência da variação na regência verbal. Entretanto, o traço menos permanência, em contextos onde a ação do verbo não implica permanecer em um local, a substituição de preposição ocorre em 68.3% dos casos, indicando uma maior prevalência do uso não padrão, mas ainda menor do que em situações com mais permanência.

## 8.6 VARIÁVEL CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

A presente tabela que se segue compara a relação entre a configuração do espaço (espaço fechado e espaço aberto) e a variação no uso da regência verbal (variável padrão e não padrão) no português falado em Luanda.

A análise destaca a distribuição de ocorrências em contextos de espaço fechado e aberto, revelando como a configuração espacial influencia o uso da regência verbal.

**Tabela 24:** Configuração do espaço no português falado em Luanda.

| CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL            |
|------------------------|------------------------|--------------------|------------------|
| Espaço fechado         | 146/371<br>70.2%       | 62/371<br>29.8%    | 208/371<br>56.1% |
| Espaço aberto          | 125/371<br>76.7%       | 38/371<br>23.3%    | 163/371<br>43.9% |
| <b>TOTAL</b>           | 271<br>73.0 %          | 100<br>27.0%       | 371              |

**Fonte:** Elaboração própria

A variável linguística configuração do espaço, observada no *corpus* do português falado em Luanda, revela uma distribuição significativa entre as variantes padrão e não padrão nas construções que expressam localização espacial. Os dados demonstram que, do total de 371 ocorrências, 73% correspondem à variante não padrão (271 ocorrências), enquanto apenas 27% representam a variante padrão (100 ocorrências). Essa diferença expressiva reflete uma tendência marcante de uso da forma não normativa na fala cotidiana dos luandenses, o que traz implicações importantes para a descrição da variedade do português angolano.

A análise foi realizada considerando dois contextos espaciais distintos: espaço fechado (locais delimitados, internos ou com fronteiras físicas, como “em casa”, “no quarto”, “na escola”) e espaço aberto (locais externos, geralmente públicos e sem delimitação clara, como “na rua”, “no mercado”, “na estrada”). Observa-se que a variante não padrão é predominante em ambos os contextos, embora com intensidades distintas. No espaço fechado, como em (67) *os meu 17 anos já ia para discoteca* (participante feminino, escolaridade primária, português, faixa A), 70,2% das ocorrências são não padrão, enquanto no espaço aberto, como em (68) *Íamos pras cachoeiras que é um local mesmo de arrasar* (participante masculino, escolaridade médio, faixa A) esse número sobe para 76,7%. Em contrapartida, a variante padrão aparece em 29,8% dos casos no espaço fechado e apenas em 23,3% no espaço aberto.

Essa distribuição sugere que a escolha entre as variantes está diretamente relacionada ao grau de monitoramento da fala e ao nível de formalidade do contexto

comunicativo. Em ambientes mais controlados, como espaços fechados (frequentemente associados a situações mais formais ou institucionais), os falantes tendem a empregar mais a forma padrão. Já nos espaços abertos, onde a comunicação tende a ser mais espontânea e menos vigiada, há uma ampliação do uso da variante não padrão. Tal fenômeno está de acordo com os princípios da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), que apontam para a influência do contexto social e situacional na realização de variantes linguísticas.

Além disso, os resultados refletem uma característica central do português falado em Luanda: sua heterogeneidade estrutural e sua sensível abertura a influências de línguas bantu, especialmente o umbundu, língua em destaque nesta pesquisa, falado por uma parcela significativa da população. A presença massiva da variante não padrão nas expressões espaciais pode estar ligada a interferências sintáticas e semânticas dessas línguas de substrato, bem como à reelaboração interna do português como língua segunda e, em muitos casos, como língua materna urbana.

A forte presença da forma não padrão em contextos de uso corrente também pode ser interpretada como parte de um processo de mudança linguística em curso, no qual as normas formais do português europeu são progressivamente adaptadas às realidades comunicativas e identitárias dos falantes de Luanda. É possível, inclusive, que essas construções venham a se estabilizar como formas legítimas da gramática do português angolano, especialmente se consideradas em uma perspectiva descritiva e não prescritiva da língua.

Em síntese, a análise da variável "configuração do espaço" evidencia o dinamismo do português falado em Luanda, marcado por formas linguísticas que se afastam da norma padrão, mas que cumprem eficientemente funções comunicativas dentro da realidade social dos falantes. Esses dados reforçam a necessidade de uma abordagem linguística que reconheça a pluralidade das normas de uso e que compreenda a língua como uma prática social viva, em constante negociação e transformação.

## 8.7 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Nesta análise, procura-se apresentar os fatores sociais que contribuem na escolha da preposição em contexto de regência verbal no português falado em Luanda-Angola.

## 8.8 SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO SEGUNDO O SEXO

Nessa variável, procura-se discutir a substituição da preposição na regência verbal do português falado em Luanda, percebendo, desta feita, que sexo está mais propenso à variação.

**Tabela 25:** Substituição da preposição segundo o sexo

| <b>GÊNERO/SEXO</b> | <b>VARIÁVEL<br/>NÃO PADRÃO</b> | <b>VARIÁVEL<br/>PADRÃO</b> | <b>TOTAL</b>     |
|--------------------|--------------------------------|----------------------------|------------------|
| Feminino           | 166/371<br>71.2%               | 67/371<br>28.8%            | 233/371<br>62.8% |
| Masculino          | 105/371<br>76.1%               | 33/371<br>23.9%            | 138/371<br>37.2% |
| TOTAL              | 271<br>73.0 %                  | 100<br>27.0%               | 371              |

**Fonte:** Elaboração própria

A tabela divide as ocorrências entre sexo feminino e masculino, com base em duas categorias principais: padrão e não padrão, tal como nas variáveis linguísticas já apresentadas.

### **Feminino**

Com o sexo feminino, a variável não padrão apresenta 166 ocorrências do uso de preposição, o que corresponde a 71,2% dos casos totais femininos (233 ocorrências). Já a variável padrão, apresenta apenas 67 ocorrências seguindo o padrão normativo, representando 28,8% dos casos.

No geral, as mulheres representam 62,8% do total de ocorrências analisadas, com 233 ocorrências em comparação aos 371 totais.

A alta porcentagem de uso não padrão no grupo feminino (71,2%) sugere uma maior tendência entre as mulheres, nesse estudo, de utilizar construções fora da norma culta da língua, especificamente na regência verbal.

### **Masculino**

Sobre o sexo masculino, a variável não padrão apresenta 105 ocorrências de uso não padrão entre os homens, o que equivale a 76,1% dos casos masculinos (138 ocorrências). Sobre a variável padrão, os dados apontam 33 ocorrências de uso

normativo, representando 23,9% dos casos. No total, os homens constituem 37,2% do total de ocorrências analisadas, com 138 ocorrências.

Assim como no grupo feminino, a maioria das ocorrências entre os homens também está no uso não padrão da preposição (76,1%). No entanto, observa-se que a porcentagem masculina que faz uso não padrão é ainda maior que a feminina.

Sobre o sexo na presente pesquisa, no total, foram analisadas 371 ocorrências, das quais, a variável não padrão apresenta 271 ocorrências de uso de preposições não padrão, o que representa 73,0% do total e a variável padrão somente 100 ocorrências seguem a norma padrão, constituindo 27,0% dos casos.

Esses números indicam que, no conjunto de dados, a maior parte dos falantes, independentemente do sexo, utilizam a forma não padrão da regência verbal em contextos que envolvem preposições, podendo os homens serem mais frequentes no uso da variável não padrão.

Do que foi exposto, a partir da análise da tabela, podemos concluir que há uma tendência geral de uso não padrão da preposição em regência verbal entre os falantes observados em Luanda, sendo que 73% das ocorrências analisadas refletem esse comportamento. Em termos do sexo, embora tanto homens quanto mulheres tenham maior propensão a utilizar a forma não padrão, os homens apresentam um percentual ainda maior de uso não conforme a norma culta (76,1%), em comparação às mulheres (71,2%).

Em resumo, ambos os sexos mostram uma forte tendência ao uso da forma não padrão da regência verbal envolvendo preposições, com os homens ligeiramente mais propensos a tal uso do que as mulheres.

## 8.9 SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO À FAIXA ETÁRIA

A tabela que se segue apresenta o quadro da regência verbal, segundo a faixa etária do participante.

**Tabela 26:** Substituição da preposição quanto à faixa etária

| FAIXA ETÁRIA | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL |
|--------------|------------------------|--------------------|-------|
|--------------|------------------------|--------------------|-------|

|                              |         |        |         |
|------------------------------|---------|--------|---------|
| Faixa I - 18 a 35 anos       | 113/370 | 47/370 | 160/370 |
|                              | 70.6%   | 29.4%  | 43.2%   |
| Faixa II- 36 a 50 anos       | 110/370 | 28/370 | 138/370 |
|                              | 79.6%   | 20.4%  | 37.0%   |
| Faixa III - acima de 51 anos | 48/370  | 25/370 | 73/370  |
|                              | 65.8%   | 34.2%  | 19.7%   |
| <b>TOTAL</b>                 | 270     | 100    | 370     |
|                              | 73.0 %  | 27.0%  |         |

**Fonte:** Elaboração própria

### **Faixa I – 18 a 35 anos**

Na primeira faixa, a variável não padrão apresenta 113 ocorrências, que correspondem a 70,6% das ocorrências nesta faixa etária. Já a Variável Padrão apresenta 47 ocorrências, representando 29,4% dos casos. No total, foram analisadas 160 ocorrências para esta faixa etária, o que representa 43,2% do total das 370 ocorrências.

A maioria dos falantes desta faixa (70,6%) utiliza formas não padrão, indicando uma tendência significativa ao uso de preposições fora da norma culta.

### **Faixa II – 36 a 50 anos:**

Nesta segunda faixa, a variável não padrão apresenta 110 ocorrências, o que equivale a 79,6% dos casos dessa faixa etária. Já a variável padrão apresenta 28 ocorrências, representando 20,4% dos casos. No total, esta faixa etária corresponde a 37,0% do total, com 138 ocorrências no total.

Nesta faixa, os falantes mostram uma maior tendência ao uso não padrão (79,6%), sendo este o maior percentual de todas as faixas etárias.

### **Faixa III – acima de 51 anos**

A faixa III, a variável não padrão, apresenta 48 ocorrências, correspondendo a 65,8% dos casos. No que diz respeito à variável padrão, apresenta 25 ocorrências, representando 34,2% dos casos. No total, esta faixa etária contribui com 19,7% do total, com 73 ocorrências.

Por um lado, segundo os resultados apresentados na tabela, a faixa etária que mais substitui a preposição (uso não padrão), a faixa II – 36 a 50 anos é a que mais substitui a preposição, com 79,6% das ocorrências nesta faixa sendo de uso não padrão.

Isso sugere que os falantes dessa faixa etária têm a maior propensão a usar formas não normativas da regência verbal, possivelmente, refletindo uma mistura de práticas linguísticas cotidianas e influência de variantes locais.

Por outro lado, a faixa etária que mais conserva o uso padrão da língua é a faixa III - acima de 51 anos, com 34,2% de ocorrências seguindo a norma culta. Embora o uso não padrão ainda seja predominante nesta faixa, os falantes mais velhos são aqueles que mantêm mais o uso normativo, o que pode estar relacionado a uma educação linguística mais formal ou a uma menor exposição a variantes contemporâneas ou informais da língua.

Assim, podemos apontar que fatores sociolinguísticos que influenciam a Faixa II (36 a 50 anos) à exposição da variação linguísticas seria o fato de que falantes desta faixa etária, nascidos entre os anos 1970 e 1980, podem ter vivido em um período de maior contato com variantes regionais ou não normativas da língua, seja através do uso cotidiano no contexto familiar, social ou em ambientes menos formais. Durante esse período, o português em Luanda foi influenciado por transformações linguísticas que podem ter resultado em uma maior flexibilidade no uso da língua, especialmente no contexto pós-independência (1975), quando o país passou por mudanças sociais, culturais e políticas profundas, tal como afirmado na primeira seção.

Outro dado importante é que pessoas na faixa de 36 a 50 anos estão, em sua maioria, em uma fase ativa de suas vidas profissionais e familiares. Dependendo do tipo de ambiente de trabalho e das interações sociais, elas podem estar em maior contato com variedades informais do português. Em áreas urbanas dinâmicas, como Luanda, esse grupo pode estar exposto a uma grande diversidade linguística, o que favorece o uso de formas mais flexíveis e menos prescritivas da língua.

Pode-se também acrescentar que as pessoas dessa faixa etária cresceram em um contexto de transição social e linguística significativa, vivendo tanto sob a influência de uma educação pós-colonial, quanto em meio à exposição a variantes regionais do português. É possível que essa faixa tenha vivenciado, de forma mais acentuada, o impacto de mudanças linguísticas no pós-independência, com uma maior flexibilidade nas normas de uso da língua.

Desta forma, sobre a faixa etária, podemos afirmar que há uma clara tendência de uso não padrão nas três faixas etárias, com destaque para a Faixa II, que apresenta a maior proporção de ocorrências de uso não normativo.

A Faixa III, apesar de ainda ter uma maioria de casos não padrão, demonstra uma maior adesão ao padrão linguístico normativo. Já A Faixa I (jovens entre 18 e 35 anos) também apresenta uma alta porcentagem de uso não padrão (70,6%), o que pode refletir uma mudança linguística em curso ou a influência de fatores socioculturais que favorecem o uso informal da língua.

Esse tipo de análise sugere como a variação linguística, especialmente no que diz respeito à regência verbal e ao uso de preposições, está distribuída entre diferentes grupos etários, revelando padrões de mudança ou conservação linguística.

## 9 SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO AO NÍVEL DE ESCOLARIDADE

A tabela seguinte apresenta o nível de escolaridade em relação ao uso da preposição na regência verbal do português falado em Luanda.

**Tabela 27:** Substituição da preposição quanto ao nível de escolaridade

| NÍVEIS DE ESCOLARIDADE | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL   |
|------------------------|------------------------|--------------------|---------|
| Ensino Primário        | 138/370                | 38/370             | 176/370 |
|                        | 78.4%                  | 21.6%              | 47.6%   |
| Ensino Médio           | 62/370                 | 28/370             | 90/370  |
|                        | 68.9%                  | 31.1%              | 24.3%   |
| Ensino Superior        | 70/370                 | 34/370             | 104/370 |
|                        | 67.3%                  | 32.7%              | 28.1%   |
| <b>TOTAL</b>           | 270                    | 100                | 370     |
|                        | 73.0 %                 | 27.0%              |         |

**Fonte:** Elaboração própria

### Ensino Primário

No nível primário, a variável não padrão apresenta 138 ocorrências, que correspondem a 78,4%. Já a variável padrão apresenta 38 ocorrências (21,6%). Neste nível, no total, foram analisadas 176 ocorrências, o que representa 47,6% das 370 observações e a maioria dos falantes com nível de escolaridade até o ensino primário usa a variante não padrão (78,4%). Isso sugere uma forte tendência ao uso informal da língua entre as pessoas que concluíram apenas o ensino básico.

### **Ensino Médio**

No nível médio, a variável não padrão apresenta 62 ocorrências, que corresponde a 68,9%. A variável padrão apresenta 28 ocorrências, correspondente a 31,1%. No total, foram analisadas 90 ocorrências, correspondendo a 24,3% do total.

Aqui, há uma leve diminuição no uso da variante não padrão (68,9%) em comparação ao ensino primário, com uma porcentagem maior de falantes utilizando a forma padrão (31,1%).

### **Ensino Superior:**

Neste nível mais alto, a variável não padrão apresenta 70 ocorrências, correspondente a 67,3%. A variável padrão apresenta 34 ocorrências (32,7%). No total, foram analisadas 104 ocorrências, representando 28,1% do total.

No nível superior, embora ainda predominem as ocorrências não padrão (67,3%), há uma maior tendência de uso da norma padrão (32,7%), em comparação aos níveis educacionais inferiores.

Resumidamente, segundo os resultados apresentados na tabela, o ensino primário é o nível de escolaridade que mais substitui a preposição na regência verbal do português falado em Luanda, com 78,4% das ocorrências sendo de uso não normativo. Isso indica que os falantes com menor escolaridade têm uma propensão muito maior a adotar formas mais informais ou coloquiais da língua. Comparando esses resultados com o fenômeno de apagamento, percebe-se que a ensino primário usa com mais frequência que a variante padrão. Portanto, pode-se afirmar que essa variante interfere no processo de substituição, mas não no de apagamento.

Uma explicação para o alto uso da variante não padrão no ensino primário seria a limitações na educação formal, uma vez que a alta porcentagem de uso não normativo entre falantes com apenas o ensino primário pode ser explicado pela limitação no acesso a uma educação formal mais completa e padronizada. O aprendizado da norma culta da língua geralmente é mais enfatizado em níveis educacionais mais avançados. Assim, as pessoas que concluíram apenas o ensino básico podem não ter tido tanto contato com o português padrão ou não o internalizaram como parte de seu repertório linguístico.

Um outro fator pode ser a menor exposição à norma culta. Parte-se da ideia de que a falta de exposição a ambientes onde a norma culta é exigida, como em profissões de nível mais elevado ou em ambientes acadêmicos, pode reforçar o uso de formas mais

populares da língua. Para muitos desses falantes, o uso padrão da preposição na regência verbal pode não ser uma prioridade comunicativa ou um aspecto relevante em seus contextos sociais.

Conforme o nível de escolaridade aumenta, observa-se uma tendência gradual de aumento no uso da variante padrão. O ensino médio já mostra uma melhoria nesse aspecto, com 31,1% dos falantes utilizando a norma padrão, enquanto no Ensino Superior, essa porcentagem sobe para 32,7%. Esses dados sugerem que, à medida que as pessoas progridem em seus estudos, elas passam a ter um maior domínio da gramática normativa do português. Isso pode ser devido a uma exposição mais constante ao português formal em ambientes acadêmicos e profissionais, além de uma maior familiaridade com regras gramaticais complexas, como a regência verbal.

Diante do que foi dito, podemos tirar a primeira conclusão de que a falta de escolarização avançada é um fator determinante no uso da variante não padrão. O ensino primário é o nível de escolaridade que mais utiliza a forma não normativa da regência verbal, com 78,4% dos falantes adotando essa forma.

Por outro lado, os falantes com Ensino Superior mostram um maior domínio da norma padrão, embora ainda haja uma presença considerável de uso não padrão (67,3%). Isso reflete uma maior exposição à língua culta em ambientes acadêmicos e profissionais, mas também sugere que o uso da variante informal está enraizado, mesmo entre indivíduos com níveis educacionais mais elevados.

Essa análise demonstra como a escolaridade afeta o uso do português em Luanda, com os níveis mais baixos de educação correspondendo a uma maior prevalência de variantes não normativas, enquanto os níveis mais altos tendem a conservar o uso padrão da língua.

### 9.1 SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO À LÍNGUA MATERNAL

Na próxima tabela, apresenta-se o processo de substituição de preposição segundo à língua materna do participante.

**Tabela 28:** Substituição da preposição quanto à língua materna.

| LÍNGUA MATERNA | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL            |
|----------------|------------------------|--------------------|------------------|
| Português L1   | 156/370<br>69.3%       | 69/370<br>30.7%    | 225/370<br>60.8% |

|              |         |        |         |
|--------------|---------|--------|---------|
| Português L2 | 114/370 | 31/370 | 145/370 |
|              | 78.6%   | 21.4%  | 39.2%   |
| TOTAL        | 270     | 100    | 370     |
|              | 73.0 %  | 27.0%  |         |

Fonte: Elaboração própria

Nessa tabela, os resultados apontam que falantes de português L1 usam a variante não padrão em 69.3% das vezes 156/370. Por outro lado, usam a variante padrão em 30.7% das vezes (69/370). Isso representa um total de 60.8% dos falantes observados (225/370).

No que diz respeito aos falantes de português L2 usam a variante não padrão com uma frequência ainda maior, em 78.6% das vezes (114/370). No que se refere ao uso da variante padrão, observa-se o seu uso em 21.4% das vezes (31/370). Esses falantes compõem 39.2% do total (145/370).

Os dados mostram uma clara tendência de maior uso da variante não padrão entre os falantes de português como L2 em comparação com os falantes de português como L1.

No português L1, ainda que os falantes tenham um conhecimento mais íntimo das normas gramaticais do português padrão, 69.3% deles preferem ou, ao menos, frequentemente usam a variante não padrão. Possivelmente, esse comportamento pode ser explicado por uma forte influência da linguagem coloquial em contextos informais, onde o uso padrão é menos rigoroso.

Para o português L2, a maioria dos falantes que têm o português como segunda língua usa a variante não padrão (78.6%). Isso pode ocorrer devido a uma combinação de fatores de interferência linguística, como umbundu, tal como se discutiu na subseção 4.5. Observa-se mais uma vez os exemplos a seguir com verbo *okwenda* = ir:

Já se sabe que na língua umbundu, os concordantes é que têm a função de preposições em português e esses concordantes que fazem vez de preposições são: **Ko** = à; **Po** = ao; **La** = com; **Ko** = em; **Vo** = no.

Assim, nas sentenças (i) *Ame ndenda **k'**onembele*; (ii) *ame ngenda **k'**onembele* = *Eu vou à Igreja* e em (iii) *Ame ndenda **k'**onjo yange* = *eu vou em minha casa* ou (iv) *Kamongwa **la** Luse vanda **k'**ombo lyavo* = *O Kamongwa e a Luse foram para aldeia deles*, observa-se que o concordante **ko** está desempenhando a função das três variantes

no português (*a, para e em*). Por consequência dessa transferência, falantes do português como L2 tendem a substituir a preposição *a*.

Os falantes de português L2 tendem a usar a variante não padrão com maior frequência que os falantes nativos de L1. Isso se deve, provavelmente, a uma combinação de fatores relacionados à aquisição linguística, exposição às normas e o uso predominante da variante não padrão em ambientes informais de Luanda. O fato de 73.0% dos dados totais indicarem o uso da variante não padrão reflete uma possível predominância dessa forma de regência verbal no português falado em Luanda, independentemente da língua materna dos falantes.

## 9.2 SUBSTITUIÇÃO DA PREPOSIÇÃO QUANTO AO LOCAL DE NASCIMENTO

Essa é uma variável que não foi considerada na análise de apagamento de preposição por não se ter encontrado um número considerável em processo de apagamento. Porém, foi apenas considerada no fenômeno de substituição porque se encontrou um número maior de participantes distribuídos em diferentes províncias de Angola.

A tabela a seguir apresenta dados sobre o uso das variantes padrão e não padrão na regência verbal em diferentes províncias de Angola, de acordo com o local de nascimento dos falantes.

**Tabela 29:** Substituição da preposição quanto ao local de nascimento.

| LOCAL DE NASCIMENTO | VARIÁVEL<br>NÃO PADRÃO | VARIÁVEL<br>PADRÃO | TOTAL   |
|---------------------|------------------------|--------------------|---------|
| Luanda              | 102/365                | 43/365             | 145/365 |
|                     | 70.3%                  | 29.7%              | 39.7%   |
| Huambo              | 31/365                 | 8/365              | 39/365  |
|                     | 79.5%                  | 20.5%              | 10.7%   |
| Kwanza Norte        | 15/365                 | 7/365              | 22/365  |
|                     | 68.2%                  | 31.8%              | 6%      |
| Malanje             | 41/365                 | 6/365              | 47/365  |
|                     | 87.2%                  | 12.8%              | 12.9%   |
| Kwanza Sul          | 25/365                 | 9/365              | 34/365  |
|                     | 73.5%                  | 26.5%              | 9.3 %   |
| Moxico              | 9/365                  | 16/365             | 25/365  |
|                     | 36.0 %                 | 64.0 %             | 6.8 %   |

|          |        |        |        |
|----------|--------|--------|--------|
| Zaíre    | 10/365 | 3/365  | 13/365 |
|          | 76.9 % | 23.1   | 3.6 5  |
| Benguela | 9/365  | 1/365  | 10/365 |
|          | 90.0 % | 10.0 % | 2.7 %  |
| Bié      | 24/365 | 6/365  | 30/365 |
|          | 80.0 % | 20.0 % | 8.2 %  |
| TOTAL    | 266    | 99     | 365    |
|          | 72.9 % | 27.1%  |        |

**Fonte:** Elaboração própria

Do total de participantes nascidos em Luanda 70.3% utilizam a variante não padrão (102/365) e 29.7% utilizam a variante padrão (43/365). Esses dados representam 39.7% do total de falantes.

Quanto aos nascidos no 79.5% utilizam a variante não padrão (31/365) e 20.5% utilizam a variante padrão (8/365). Esses dados representam 10.7% do total. Para os nascidos no Kwanza Norte, há 68.2% que utilizam a variante não padrão (15/365) e 31.8% utilizam a variante padrão (7/365). Os dados apontam 6% do total.

Entre os falantes nascidos em Malanje 87.2% utilizam a variante não padrão (41/365) e 12.8% utilizam a variante padrão (6/365). Representam 12.9% do total.

Kwanza Sul, ocorreu 73.5% dos falantes utilizam a variante não padrão (25/365) e 26.5% utilizam a variante padrão (9/365). Representam 9.3% do total.

Moxico, apenas 36.0% dos falantes utilizam a variante não padrão (9/365). A maioria, 64.0%, utiliza a variante padrão (16/365). Representam 6.8% do total.

Zaire, 76.9% dos falantes utilizam a variante não padrão (10/365) e 23.1% utilizam a variante padrão (3/365). Representam 3.6% do total.

Benguela, ocorreu 90.0% dos falantes utilizam a variante não padrão (9/365), apenas 10.0% utilizam a variante padrão (1/365). Representam 2.7% do total.

Bié, ocorreu 80.0% dos falantes utilizam a variante não padrão (24/365) e 20.0% utilizam a variante padrão (6/365). Representam 8.2% do total.

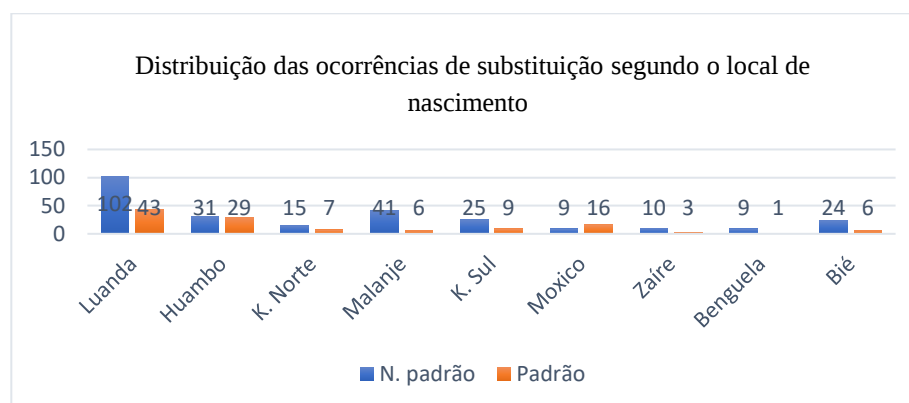
Segundo os resultados, as províncias com maior uso da variante não padrão é Benguela que apresenta o maior percentual de falantes que utilizam a variante não padrão (90.0%), seguida por Malanje (87.2%) e Bié (80.0%). Esses dados indicam uma forte tendência ao uso da forma não padrão nessas regiões. Zaire (76.9%) e Huambo (79.5%) também mostram uma alta prevalência da variante não padrão.

As Províncias com menor uso da variante não padrão é Moxico, a única província onde a variante padrão é a mais utilizada, com 64.0% dos falantes optando por ela, o que contrasta fortemente com as demais províncias.

Kwanza Norte também tem uma relativa presença da variante padrão, com 31.8% dos falantes a utilizando, o que ainda é um percentual mais alto em comparação com outras regiões.

Finalmente, Luanda, como capital, apresenta uma distribuição semelhante à média. Em resumo, a tabela revela que o uso da variante não padrão na regência verbal é predominante em quase todas as províncias de Angola, exceto em Moxico, onde a maioria dos falantes usa a variante padrão.

**Gráfico 01:** Distribuição das ocorrências de substituição segundo o local de nascimento.



**Fonte:** Elaboração própria

O uso não padrão da regência verbal no português falado em Angola pode estar relacionado a fatores socioculturais e específicos de cada província

### **Luanda**

Como capital de Angola e principal centro urbano e econômico, Luanda é uma metrópole multicultural que atrai migrantes de todas as províncias. A convivência de falantes de diferentes línguas nacionais, como kimbundu e umbundu, influencia o português local, resultando em adaptações que refletem as estruturas dessas línguas. A urbanização acelerada e o crescimento das periferias também restritas para a formação de variantes linguísticas não padrão, onde a oralidade predomina sobre normas escritas.

### **Huambo**

Conhecida como o “celeiro de Angola”, a província de Huambo possui forte ligação com o umbundu, língua destaque nessa pesquisa, é a língua predominante da etnia ovimbundu, ou seja, povos que falam umbundu. O contato entre o português e o

umbundo resulta em interferências linguísticas, especialmente no uso de preposições e construções verbais. O status rural da província, aliado a um sistema educacional historicamente fragilizado em áreas remotas, amplia o uso de formas não padrão, especialmente em comunidades menos expostas à norma culta do português.

### **Kwanza Norte**

Predominantemente rural, o Kwanza Norte é marcado por uma economia agrícola e pequenas comunidades que utilizam o kimbundu como principal língua de comunicação. O português serve como língua de intermediação em contextos oficiais, mas sua prática diária é influenciada pelas construções do kimbundu, que simplifica ou substitui preposições na regência verbal. A educação, ainda em expansão nas áreas mais isoladas, impacta diretamente a consolidação do português padrão.

### **Malanje**

Com uma forte herança cultural relacionada ao povo ambundu, povos que falam kimbundu, Malanje apresenta padrões linguísticos que refletem uma integração parcial do português com as línguas locais. A economia, centrada na agricultura e pecuária, está fortemente vinculada às comunidades rurais, onde o português é muitas vezes aprendido como segunda língua. Isso reforça usos adaptados e simplificados de regências verbais.

### **Kwanza Sul**

A província do Kwanza Sul, apesar de ter características urbanas em cidades como o Sumbe, é amplamente rural, com práticas linguísticas influenciadas pelo kimbundu e umbundu. A economia, que inclui agricultura, pesca e pequena indústria, favorecendo o contato interprovincial, mas a educação desigual entre zonas urbanas e rurais deixa espaço para o fortalecimento de variantes não padrão do português.

### **Moxico**

Como a maior província de Angola em extensão territorial e com baixa densidade populacional, o Moxico é uma região onde o português convive com diversas línguas locais, especialmente o tchokwe e o umbunda. O isolamento geográfico de várias comunidades contribui para práticas linguísticas adaptadas ao contexto local. Além disso, a economia baseada na subsistência e a infraestrutura educacional limitada mantêm usos não padrão do português.

Os resultados apontaram para um menor número de forma não padrão foi o fato de se ter encontrado poucos participantes da pesquisa nascidos no Moxico, no ato da coleta de dados. Isso vale para demais províncias, exceto Luanda, onde se coletou os dados.

**Zaire**

Localizada no extremo norte, o Zaire é uma província onde o português é influenciado pelo kikongo, uma das línguas mais faladas no país. A proximidade com a República Democrática do Congo traz também influências transfronteiriças. A economia petrolífera em cidades como o Soyo coexiste com uma realidade de comunidades rurais que praticam o português de forma adaptada às suas necessidades comunicativas diárias.

**Benguela**

Uma das províncias mais desenvolvidas, Benguela tem um histórico forte de comércio marítimo e uma população mista de diversas origens linguísticas. Benguela foi um dos lugares onde os portugueses transportavam escravizados para o continente americano. O português, embora amplamente difundido, sofre influência direta do umbundu, língua local. A coexistência entre uma elite urbana e uma população rural promove variações linguísticas, especialmente em áreas periféricas.

**Bié**

Marcada pela influência do umbundu, o Bié é uma província central onde o português desempenha papel de língua de união num contexto rural e agrícola. O uso do português é fortemente oral, com interferências estruturais do umbundu. A transferência econômica após a guerra civil ainda impacta a expansão de uma educação que privilegia o português padrão. Bié e Huambo foram uma das províncias que sofreram o impacto da guerra civil.

**Correlação das províncias**

Por fim, pode-se afirmar que a tendência ao uso não padrão na regência verbal do português em Angola parece estar correlacionada principalmente a dois fatores: o contato com as línguas nacionais e o nível de urbanização e acesso à educação. Em províncias com maior densidade rural e menor acesso a sistemas educacionais consistentes, a presença de interferências linguísticas é mais evidente. Além disso, províncias com forte presença de línguas bantu mostram adaptações gramaticais e semânticas que refletem as estruturas dessas línguas no português falado. Este padrão sugere que a variação linguística em Angola não é apenas uma questão de educação formal, mas também uma expressão da riqueza sociolinguística do país.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre o apagamento da preposição *de* na regência verbal no português falado em Angola (PA) revelou que, em 81 ocorrências analisadas, a preposição *de* foi utilizada em 65 casos (80,2%) e apagada em 16 casos (19,8%). O apagamento foi mais comum em estruturas com verbos na forma infinitiva (50%) do que com sintagmas nominais (26,7%). Quanto aos tempos verbais, o presente do indicativo apresentou a maioria dos casos de apagamento (19,6%), seguido pelo pretérito perfeito (23,1%) e pelo infinitivo (50%). A maioria dos casos de apagamento está em estruturas com infinitivo, contudo, tem-se aí um número muito baixo de ocorrências, de modo que não é possível fazer considerações generalizadoras.

Nas variáveis extralinguísticas, os homens obtiveram maior frequência de apagamento (30%) em comparação às mulheres (13,7%). Os participantes com ensino médio registraram a maior taxa de apagamento (39,1%), enquanto os do ensino primário foram mais conservadores (6,5%). Indivíduos entre 36 e 51 anos (faixa B) apresentaram maior taxa de apagamento (34,4%), enquanto os jovens de 18 a 35 anos demonstraram maior aderência à norma padrão (89,8%).

Falantes de português como segunda língua (L2) apagaram a preposição *de* com mais frequência (26,8%) do que falantes de português como língua materna (L1) (12,5%). A interferência de línguas bantu, como o umbundu, foi identificada como um fator relevante, já que essas línguas carecem de preposições correspondentes a *de*.

Quanto ao apagamento da preposição *a* na regência do verbo *assistir*, constatou-se que a variante não padrão ocorre de forma mais acentuada no presente do indicativo e no infinitivo impessoal, refletindo o uso frequente dessas formas no discurso coloquial. O singular apresentou maior índice de apagamento (90%) em comparação ao plural (66,7%), pois o singular é mais comum em contextos informais. O plural, com mais marcas gramaticais, exige maior clareza interpretativa e apresenta menor tendência ao apagamento.

Em relação ao sexo, tanto mulheres (93,8%) quanto homens (90,0%) utilizam majoritariamente a forma não padrão. Na análise etária, o apagamento é absoluto entre os falantes de 36 a 51 anos (100%), enquanto jovens (18 a 35 anos) e idosos (52 anos ou mais) mostram maior variação, com os mais velhos apresentando maior preservação da norma padrão (18,8%). No que tange à escolaridade, o apagamento é categórico entre os falantes com ensino primário (100%), enquanto os de ensino superior apresentam

maior adesão à norma padrão (26,7%). Por fim, quanto à língua materna, falantes de português como L1 preservam a norma padrão em 23,5% dos casos, ao passo que os falantes de L2 demonstram apagamento categórico (100%). Esses dados revelam que o uso da variante não padrão é amplamente difundido e socialmente aceito, embora haja diferenças em sua distribuição conforme as variáveis extralinguísticas analisadas.

Sobre os verbos de movimentos na regência verbal do português falado em Luanda, no que concerne às preposições, a preposição *a*, apesar de estar em declínio no português falado nessa capital, ainda mantém certo uso padrão em contextos mais formais, mas é frequentemente substituída por *para* e *em* em verbos de movimento. A preposição *para* é a mais utilizada na forma não padrão (99,3% das ocorrências), frequentemente substituindo *a*. Quanto à preposição *em*, é usada exclusivamente na forma não padrão (100% das ocorrências), principalmente em contextos informais e para marcar locais fechados.

No que diz respeito aos verbos, o verbo *ir* é mais suscetível à substituição de preposição, com *para* sendo amplamente utilizada de forma não padrão *em* também aparece de forma inovadora, especialmente em contextos informais. O verbo *vir* apresenta alta substituição de *a* por *para* e *em*, frequentemente usado para indicar movimentos e destinos. Já o verbo *chegar* é marcado pela preferência por *em* (não padrão), enquanto *a* aparece mais frequentemente em falantes com maior escolaridade. O verbo *sair* mostra maior aderência à norma padrão *de*, embora *em* também apareça em contextos informais.

Referente ao tempo e forma verbal, o presente do indicativo mostra a maior taxa de variação não padrão (77,9%), devido à sua frequência em contextos cotidianos e informais. A forma infinitiva também apresenta alta taxa de substituição (72,5%), refletindo maior liberdade na construção de sentenças. O pretérito perfeito e o imperfeito apresentaram taxas de substituição menores, mas ainda relevantes (67,6% e 75%, respectivamente).

Na variável configuração do espaço, o espaço fechado apresentou que 70,2% das ocorrências mostram variação não padrão, com menor flexibilidade em comparação ao espaço aberto. Este apresenta maior variação não padrão (76,7%), indicando maior informalidade e liberdade no uso das preposições.

Sobre a permanência no local, a variante mais permanência revelou alta taxa de substituição (85,4%), sugerindo maior flexibilidade em contextos de longa duração no

local. O fator menos permanência apresentou taxa menor (68,3%), mas ainda significativa, evidenciando variação em situações transitórias.

Sobre as variáveis extralinguísticas, a pesquisa concluiu que ambos os sexos apresentaram alta variação não padrão, com os homens sendo ligeiramente mais propensos ao uso não normativo e a faixa etária B, de 36 a 50 anos, foi a mais propensa ao uso não padrão, refletindo maior exposição a variantes informais. No que se refere ao nível de escolaridade a frequência do uso não padrão diminui com o aumento do nível educacional, sendo maior entre falantes com apenas ensino primário.

Além dos fatores analisados ao longo desta dissertação, cabe ressaltar que o fenômeno do apagamento e da substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda também está intimamente relacionado a fatores socioculturais mais amplos. A intensa urbanização e o contato multicultural característico da capital angolana promovem uma maior flexibilidade e inovação no uso linguístico, facilitando a emergência de formas linguísticas alternativas, muitas vezes afastadas da norma padrão europeia.

Além disso, não se pode desconsiderar o contexto histórico de imposição da língua portuguesa em Angola, que remonta ao período colonial. A escolha do português como língua oficial, em detrimento das línguas nacionais, associada à marginalização sistemática, gerou profundas dificuldades no processo de aprendizagem formal do idioma por parte de amplos segmentos da população. Tais adversidades educacionais ainda se refletem nas práticas linguísticas cotidianas, contribuindo para a manutenção de uma norma própria do português falado em Luanda, que se constrói não como desvio ou deficiência, mas como reflexo das condições sociolinguísticas específicas dessa comunidade de fala.

Também, diante da análise dos dados empíricos e das teorias que fundamentaram esta investigação, é possível afirmar que os fenômenos de apagamento e substituição de preposições na regência verbal do português falado em Luanda não se configuram como simples variações estáveis, mas sim como indícios de uma mudança linguística em curso. Essa conclusão se sustenta em diversos fatores observados ao longo do estudo:

Primeiramente, a distribuição desses fenômenos entre falantes de diferentes perfis sociolinguísticos variando em idade, escolaridade, sexo e língua materna demonstra que tais usos estão em expansão e atravessam grupos sociais distintos. Em segundo lugar, o processo de transmissão linguística irregular, típico de contextos de contato linguístico intenso e ensino não sistematizado do português como L2, contribui

para a consolidação de novas normas de uso, distantes da norma padrão europeia. Além disso, o contato com as línguas bantu, a urbanização acelerada de Luanda e o caráter multicultural da cidade promovem inovações linguísticas que, longe de serem marginais, vêm ganhando força como formas legítimas dentro da comunidade de fala. Também se observa uma tendência de convergência com formas do português brasileiro, o que evidencia um realinhamento mais amplo da variedade angolana.

Desse modo, o português falado em Luanda evidencia não apenas a presença da variação, mas a reconfiguração de suas estruturas morfossintáticas sinalizando, portanto, um cenário de mudança linguística ativa, marcada por fatores históricos, sociais e culturais próprios do contexto angolano contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ADRIANO, Paulino. **Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola**: divergência em relação à norma europeia. Tese de doutorado, Universidade de Évora, 2014.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Nosso, da gente e de nós**: um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Pesquisas com dados do português falado em Luanda-Angola: algumas considerações metodológicas. In: ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves; ARAUJO, Jean Marcel Oliveira (Org). **Lusofonia Afro-brasileira**: questões sócio-históricas e linguísticas. Pontes Editores: Campinas, 2025, p. 15-43.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves; ARAUJO, Jean Marcel Oliveira (Org). **Lusofonia Afro-brasileira**: questões sócio-históricas e linguísticas. Pontes Editores: Campinas, 2025.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; DANTAS, Nathalia dos Santos. Os verbos ter e haver existenciais no português falado em Luanda-Angola. **Letrônica**, v. 10, n. 1, p. 64-81, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.24809>. Acesso em 20.jan.2025.

ASSIS, Telma. **A atuação das variáveis linguísticas na regência dos verbos de Movimento no Português Afro-Brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Estadual Santa Catarina. Santa Catarina, 2019.

BATISTA, Marli; LOPES, Norma. **A Variação na regência do verbo ir de movimento em Salvador**. Revista Philologus, Salvador, 2020.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CABRAL, Lisender Augusto Vicente. **Complementos verbais preposicionados do português em Angola**. Tese de mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTRO, Yeda. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CONTEXTO Geográfico da República de Angola  
[https://www.academia.edu/58403510/O\\_contexto\\_sociocultural](https://www.academia.edu/58403510/O_contexto_sociocultural) Acesso em: 15 out. 2024.

COSTA, Tereza. **Os empréstimos das línguas bantu no português falado em Angola:** um estudo lexicológico da variante angolana. Luanda: Edição da Autora, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRADE, Raquel. **Complementos de verbo preposicionados no contexto da tradução.** Tese de mestrado, Tradução, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2009.

DE FARIAS ARAUJO, Silvana Silva; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; ABREU, Ricardo Nascimento. Políticas e contatos linguísticos: questões para pesquisas no Brasil. **A Cor das Letras** (UEFS), v. 21, p. 9-38, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5240>. Acesso em 23.jan.2025.

ECKERT, Penélope. **A mulher inteira: diferenças de sexo e gênero na variação.** In: CHAMBERS, JK; SCHILLINGESTES, N. (Eds.). *O manual de variação e mudança da linguagem.* Oxford: Blackwell, 2000. p. 549-569.

Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola, Moçambique, Maio de 1954. Decreto Lei n.º 39.666 Disponível em: <https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/7523.pdf> Acesso em: 20 jan. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FIORIN, José; PETTER, Margarida. **África no Brasil:** o léxico africano no português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2009.

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. **O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique:** o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. In: PAPAIS, pág. 30/07, 2004.

GONÇALVES, Rita. **O português oral de Cabo Verde e de São Tomé.** In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALÉ, I. (org.). Textos selecionados do XXVI ENAPL 2010. Lisboa: APL, 2010. pp. 17-34.

JESUS, Hilmar. **A regência variável do verbo ir de movimento em comunidades rurais do semiárido baiano.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

ANGOLA. **Lei de Base do Sistema de Ensino nº17/16 de 7 de outubro.** Luanda: Imprensa Nacional, 2016.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972 [1983].

LUCCHESI, Dante. **O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português brasileiro do Brasil**. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. pp. 272-284.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo, SP: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. **A transmissão linguística irregular**. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Allan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-121.

MATEUS, Maria Helena Mira. et. al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5.ed. Lisboa: Editorial Caminho, Lisboa: 2003.

MAESTRI, Mario. **História da África Negra pré-colonial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MÁXIMO, Bruno. **Poder, disputa e múltiplas narrativas históricas: o lugar Kulumbimbi em Mbanza Kongo – Angola**. *Revista de Arqueologia*, Universidade Federal do Amazonas, 2020.

MINGAS, Amélia Arlete. **Interferência do kimbundo falado em Luanda**. Luanda: Editora Caxinde, 2000.

MILROY, L. **Redes sociais**. In: CHAMBERS, JK; SCHILLINGESTES, N. (Eds.). *O manual de variação e mudança da linguagem*. Oxford: Blackwell, 2002. pp. 549-569.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. **A regência do verbo ir de movimento**. In: SILVA, Giselle Máquina de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de preferências variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996a. pp. 147-167.

MOTA, Maria. **Línguas em contato**. In: FARIA, Isabel; PEDRO, Emília; DUARTE, Inês et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

MALUMBU, Moisés, **Gramática da Língua Umbundu, Onungandaka Y'elimi Ly'umbundu**, Umbundu- Português, Edizioni Vivere, Roma, 2007.

NTONDO, Zavoni, **Morfologia e Sintaxe do Nganguela**. Editorial Nzila, Luanda, 2006.

NZAU, Domingos. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estatuto da sua nacionalização**. Tese de doutorado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

OLIVEIRA, Marilza. **A preposição a no português moçambicano**. Universidade de São Paulo, 2005. Trabalho apresentado no Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL).

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

PETTER, Margarida. **Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 45, p. 31-48, 2007.

PETTER, Margarida. **O contínuo afro-brasileiro do português**. In: GALVEZ, Charlotte; GARMES, Ribeiro, Henrique FR (org.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. pp. 158-173.

SANTOS, Maria. **Amanhã vais na panela: um estudo sobre a regência do verbo ir no português falado em Luanda**. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; CHRISTINO, Beatriz; SPINASSÉ, Karen Pupp; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Estudos em sociolinguística de contato no Brasil: diversidade etnolinguística em foco. **Cadernos de Linguística**, v. 2, p. 01-28, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id315. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/315>. Acesso em: 31. jan. 2025.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. As regências dos verbos assistir e namorar no intercâmbio sociolinguístico entre o Português de Luanda-Angola e o Português do Brasil: Para uma compreensão da realidade sociolinguística e sócio-histórica do Português Brasileiro. **Travessias Interativas**, São Cristovão-SE, v. 7, n. 14, p. 497-510, 2018. DOI: 10.51951/ti.v7i14. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/Travessias/article/view/9155>. Acesso em: 31. jan. 2025.

TEXEIRA, Eliana Pitombo; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **Diálogos entre Brasil e Angola: o português d'aquém e d'além-mar**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

TARALLO, Fernando. **Uma pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1993.

THOMASON, Sarah G. **Language contact: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

VIEIRA, Maria. **A variação das preposições em verbos de movimento: uma abordagem funcionalista**. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 1, pp. 423-445, 2009.

UNDOLO, Márcio Edu da Silva. **Caracterização da norma do português em Angola**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Évora, Portugal, 2014.

VILELA, Mário, **Estudos de Lexicologia do Português**, Livraria Almedina, Coimbra, 1994.

WEINREICH, Uriel. **Línguas em contato**: descobertas e problemas. Nova York: Linguistic Circle of New York, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIEDEMER, Marcos. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WINFORD, Donald. **Uma introdução à linguística de contato**. Oxford: Blackwell, 2003.